



UNIVERSIDADE TIRADENTES
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPEDE
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

CYNARA MARIA DA SILVA SANTOS

**TECNOLOGIAS DIGITAIS MÓVEIS COMO DISPOSITIVO DE
INCLUSÃO DIGITAL DO IDOSO**

ARACAJU

2022

CYNARA MARIA DA SILVA SANTOS

**TECNOLOGIAS DIGITAIS MÓVEIS COMO DISPOSITIVO DE INCLUSÃO DIGITAL
DO IDOSO**

Tese apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do título de doutora em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação na linha Educação e Comunicação, da Universidade Tiradentes.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. CRISTIANE MAGALHÃES PORTO

COORIENTADOR: PROF. DR. CARLONEY ALVES DE OLIVEIRA

ARACAJU
2022

S237t Santos, Cynara Maria da Silva
Tecnologias digitais móveis como dispositivo de inclusão digital do idoso /
Cynara Maria da Silva Santos; orientação [de] Prof.ª Dr.ª Cristiane Magalhães Porto,
Prof. Dr Carloney Alves de Oliveira – Aracaju: UNIT, 2022.

150 f.; 30 cm

Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Tiradentes, 2022

1. Idosos. 2. Dispositivos móveis. 3. Inclusão digital. I. Santos, Cynara Maria da
Silva. II. Porto, Cristiane Magalhães (orient.). III. Oliveira, Carloney Alves de
(orient.) IV. Universidade Tiradentes. V. Título.

CDU: 376:004

Bibliotecária Gislene Maria S. Dias CRB-5/1410

CYNARA MARIA DA SILVA SANTOS

TECNOLOGIAS DIGITAIS MÓVEIS COMO DISPOSITIVO DE INCLUSÃO DIGITAL DO IDOSO

Tese apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do título de doutora em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação na linha Educação e Comunicação, da Universidade Tiradentes.

APROVADO EM: 09/03/2022

BANCA EXAMINADORA

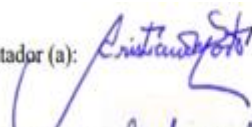
Prof.^a Dr^a Cristine de Magalhães Porto

Prof. Dr. Carloney Alves de Oliveira (UFAL)

Prof. Dr. Augusto César Alves de Oliveira (UNCISAL)


Prof. Dr. Alexandre Meneses Chagas


Prof. Dr. Cristiano de Jesus Ferronato


Orientador (a): 

Coorientador (a): 

Examinador (a) Externo (a): 

Examinador (a) Externo (a): 

Examinador (a) Interno (a): 

Examinador (a) Interno (a): 

ARACAJU-2022

DEDICATÓRIA

Aos meus amores Thompson Olegário (esposo)
e Luka Thompson Olegário (filho),
por todo o nosso amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, luz da minha vida.

Aos meus anjos de luz.

Ao meu pai, Bianôr Olegário, por sempre ter sido meu principal incentivador e financiador em todas as fases da minha vida e por nunca negar apoio e compreensão quando solicito e digo: “Pai, estou precisando de você”.

À minha mãe, Maria José Santos, minha primeira Mestra e exemplo de professora e de servidora pública, comprometida e obstinada por sua missão de educar.

Ao Thompson, meu marido, amigo e amor, que, nesta trajetória, soube compreender, como ninguém, a fase pela qual eu estava passando. Durante a realização deste trabalho, sempre tentou entender as minhas dificuldades, as minhas ausências, procurando se aproximar de mim, através da própria Tese, com suas correções, questionamentos e reflexões, levando-me sempre à busca por aprofundar ainda mais a minha temática pesquisada. E, acima de tudo, pela paciência nas incontáveis horas de ansiedade e trabalho, por me fazer acreditar sempre que tudo daria certo. E me trazer a calma, com carinho, sempre quando mais precisei. Agradeço-lhe, carinhosamente, por tudo isso.

Ao meu filho amado, Luka Thompson, pela compreensão e ternura sempre manifestadas, apesar do “débito” de atenção, e pela excitação e orgulho com que sempre reagiu aos resultados acadêmicos da mãe ao longo dos anos do doutorado. E que sempre perguntava: “Já acabou”? E nos momentos de inquietações e inseguranças me acalentava, dizendo: “Calma, mãe, não precisa chorar não”. E nos dias que dormia, e acordava e ainda me via no computador sempre me aconselhava com a sua sabedoria: “Mãe, a senhora precisa descansar”. Obrigada, filho, por seu sorriso lindo e seu olhar de admiração, que sempre me acalmava e me dava a certeza de que todo o entusiasmo, seriedade e empenho que tentei transferir para esse trabalho lhe serviria de estímulo ou exemplo, para que também possa fazer por você

sempre mais e melhor, no sentido de atingir seus objetivos acadêmicos e profissionais.

Aos meus irmãos Cynira Senna e Bianôr Jr, companheiros de todas as horas e de nossas muitas lamentações e conquistas.

Ao meu mestre, sogro, segundo pai e amigo, Prof. Benedito Olegário (*in memoriam*), nunca lhe esquecerei, você vive em meu coração! Por todos os ensinamentos, a quem devo toda minha admiração e saudade. Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação PPED/UNIT/SE, especialmente, à Profa. Dr^a. Cristiane de Magalhães Porto, minha orientadora, pela acolhida, por todas suas contribuições e atenção. Ao meu amigo/irmão e Coorientador Prof. Dr. Carloney Alves de Oliveira por sua relevante contribuição, incentivo e “irmandade”.

À minha tia Marise, minha segunda mãe, que desde o meu nascimento me cuidou e até hoje zela, torce por todas a minhas conquistas. Gratidão por suas orações e carinho.

Aos colegas do Doutorado (PPED/UNIT-SE) da turma 2018, a quem quero agradecer de forma muito carinhosa pelas parcerias nas produções de artigos publicados, pelas participações nos Congressos afora, também por sempre disponibilizarem um ombro amigo nos momentos de fragilidade e incertezas. Quero destacar: os amigos André Alves, Kaio Eduardo de Jesus, Isabela Santos e Jacques Fernandes pela ajuda pontual, amizade e atenção dispensada em todos os momentos em que solicitei, sem nunca ter me dado um único não. Obrigada, amigos, pela simplicidade e disponibilidade.

A todos que fazem a Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL (minha segunda casa), e que tenho orgulho em ser docente, e especialmente ao Projeto UNCISATI, com grande destaque e admiração à minha Pró-reitora Margareth Tavares e especialmente ao coordenador, professor e amigo Augusto, pelo incentivo e contribuições necessárias. Aos alunos e monitores, participantes da nossa Oficina de Redes Sociais e Dispositivos Móveis para idosos. Também gostaria de incluir, de forma bastante especial, a minha prima e amiga Mítia

Risi por suas correções e inúmeras revisões. E a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização de mais um sonho, os meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo geral analisar como as oficinas de Tecnologias Digitais Móveis (TDM), do projeto UNCISATI, podem contribuir para a inclusão digital do idoso participante no processo de socialização e interação com as redes sociais e seus reflexos na melhoria de qualidade de vida. Neste contexto, problematizou-se: Como as Oficinas de Tecnologias Digitais Móveis (TDM), do projeto de extensão da UNCISAL/AL, podem contribuir para a inclusão digital do idoso com os aplicativos e sites de redes sociais digitais e seus reflexos na melhoria da qualidade de vida? Para responder a esse questionamento, destacamos, como hipótese principal, o seguinte pressuposto: as Oficinas de Tecnologias Digitais Móveis (TDM), do projeto de extensão da UNCISAL/AL podem contribuir para a inclusão digital do idoso com os aplicativos e sites de redes sociais digitais e seus reflexos na melhoria de qualidade de vida. Em vista do problema apresentado, os objetivos específicos foram delineados da seguinte forma: averiguar que lugar ocupam as tecnologias móveis para o idoso como meio de inclusão digital e autonomia nas ações do cotidiano; constatar se, e em que medida, as tecnologias digitais móveis podem contribuir para o letramento digital do idoso; descrever o comportamento do idoso em tempo da cibercultura; comprovar as contribuições das oficinas de inclusão digital, realizadas por meio de dispositivos digitais móveis como fomento de novas estratégias e possibilidades de uso de apropriação digital, social e educacional. No que se refere à metodologia, a pesquisa é de cunho qualitativo do tipo pesquisa-ação, realizada com 25 idosos que participaram de um projeto de extensão. Para compor nosso corpus de pesquisa, os dados foram gerados a partir de: a) Observação participante; b) Observação direta nos ambientes das tecnologias móveis; c) Entrevistas informais, semiestruturadas; d) Questionários semiestruturados; e) Diário das oficinas. Para a construção dos dispositivos de análise, baseamo-nos na Análise Textual Discursiva (ATD). Os resultados expõem que as oficinas de Tecnologias Digitais Móveis (TDM) do projeto UNCISATI contribuíram para que as habilidades desenvolvidas implicassem o letramento digital dos idosos participantes. Esperamos que esta investigação possa contribuir para o (re)pensar das práticas com TDM para os idosos e que o aprendizado adquirido venha ser utilizado, possibilitando-lhes interagir nas redes sociais e demais ambientes, levando em conta a ética e os cuidados quanto à privacidade e à segurança.

PALAVRAS-CHAVE: Idosos. Dispositivos Móveis. Inclusão Digital.

ABSTRACT

The research aims to analyze how the workshops of Mobile Digital Technologies of the UNCISATI project can contribute to the digital inclusion of the elderly in the process of socialization and interaction in social networks, and its reflections on the improvement of quality of life. Therefore, we have posed the following question: how can the workshops of Mobile Digital Technologies of the UNCISATI/AL outreach project contribute to the digital inclusion of the elderly, in digital applications and sites of social networks and its reflections on the improvement of the quality of life? In order to answer this question, we have, as a main hypothesis, the following assumption: the workshops of Mobile Digital Technologies of the UNCISATI/AL outreach project can contribute to the digital inclusion of the elderly, in digital applications and sites of social network and its reflections on the improvement of the quality of life. Therefore, the specific objectives are as set out as follows: to verify the role of mobile technologies for the elderly as means of digital inclusion and autonomy in daily activities; to find if, and to what extent, mobile digital technologies can contribute to the digital literacy of the elderly, based on the meaningful learning theory; to describe the behavior of the elderly in times of cyberculture; to prove the contributions of digital inclusion workshops, held with mobile digital technologies as fostering devices of new strategies and possibilities for digital, social and educational appropriation. We adopt qualitative methodology, action research type. The study was conducted with 25 elderly people who participated in an outreach project. The research data were generated from: a) Participant observation; b) Direct observation in the mobile technologies environments; c) Informal semi-structured interviews; d) Semi-structured questionnaires; e) Workshop diary. We based our analyses on Textual Discourse Analysis. Our findings show that the workshops of Mobile Digital Technologies of the UNCISATI project have led the developed skills to result in the digital literacy of the elderly participants. We hope this study can contribute to the thinking and the thinking again of practices involving Mobile Digital Technologies for the elderly. We also hope the acquired knowledge is applied, so that they will be able to interact in social networks and other environments, considering ethics and privacy and security measures.

KEYWORDS: Elderly. Mobile Devices. Digital Inclusion.

RESUMEN

La investigación tiene como objetivo general analizar cómo los talleres de Tecnologías Digitales Móviles (TDM), del proyecto UNCISATI, pueden aportar para la inclusión digital del anciano participante en el proceso de socialización e interacción con las redes sociales y sus reflejos en la mejoría de la calidad de vida. En este contexto se ha problematizado: ¿Cómo los Talleres de Tecnologías Digitales Móviles (TDM), del proyecto de extensión de UNCISAL/AL, pueden aportar para la inclusión digital del anciano con las aplicaciones y sitios de redes sociales digitales y sus reflejos en la mejoría de la calidad de vida? Para contestar a esta indagación hemos resaltado, como hipótesis central, la siguiente premisa: los Talleres de Tecnologías Digitales Móviles (TDM), del proyecto de extensión de UNCISAL/AL, pueden contribuir para la inclusión digital del anciano con las aplicaciones y sitios de redes sociales digitales y sus reflejos en la mejoría de la calidad de vida. Con vistas al problema presentado, los objetivos específicos han sido delineados de la siguiente manera: investigar qué lugar ocupan las tecnologías móviles para el anciano como medio de inclusión digital y autonomía en las acciones del cotidiano; comprobar si, y en qué medida, las tecnologías digitales móviles pueden aportar para la alfabetización digital del anciano; describir el comportamiento del anciano en el tiempo de la cibercultura; respaldar las contribuciones de los talleres de inclusión digital, realizados a través de dispositivos digitales móviles como promoción de nuevas estrategias y posibilidades de uso de apropiación digital, social y educativo. En cuanto a la metodología, la investigación es de carácter cualitativo del tipo investigación-acción, realizada con 25 ancianos que han participado de un proyecto de extensión. Para componer nuestro corpus de investigación, los datos han sido generados a partir de: a) Observación participante; b) Observación directa en los ambientes de las tecnologías móviles; c) Entrevistas informales, semiestructuradas; d) Encuestas semiestructuradas; e) Registro de los talleres. Para la construcción de los dispositivos de análisis, nos hemos basado en el Análisis Textual Discursivo (ATD). Los resultados exponen que los talleres de Tecnologías Digitales Móviles (TDM) del proyecto UNCISATI han aportado para que las habilidades desarrolladas conllevaran a la alfabetización digital de los ancianos participantes. Esperamos que esta investigación pueda aportar para el (re)pensar de las prácticas con TDM para los ancianos y que el aprendizaje adquirido venga a ser utilizado, posibilitándoles la interacción en las redes sociales y en los demás ambientes, llevando en consideración la ética y los cuidados en cuanto a la privacidad y a la seguridad.

PALABRAS CLAVE: Ancianos. Dispositivos Móviles. Inclusión Digital.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figuras 1 e 2 – Recortes das conversas por meio do <i>WhatsApp</i> | 88 |
| Figuras 3, 4 e 5 – Recortes das conversas por meio do <i>WhatsApp</i> | 89 |
| Figuras 6, 7 e 8 – Recortes das conversas por meio do <i>WhatsApp</i> | 90 |
| Figuras 9, 10 e 11 – Recortes das conversas por meio do <i>WhatsApp</i> | 91 |
| Figuras 12, 13 e 14 – Recortes das conversas por meio do <i>WhatsApp</i> | 92 |
| Figuras 15, 16 e 17 – Recortes das conversas por meio do <i>Facebook</i> | 93 |
| Figuras 18, 19 e 20 - Recortes das conversas por meio do <i>Facebook</i> | 93 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| Quadro 1 – Unidade de Análise: O comportamento dos alunos participantes das oficinas em relação à aprendizagem, suas expectativas e atitudes ante à cibercultura..... | 78 |
| Quadro 2 - As tecnologias digitais móveis e sua influência na rotina dos idosos (antes e durante o processo) | 86 |
| Quadro 3 - Unidade de Análise: O significado da aprendizagem: a importância de saber (inter)agir com responsabilidade nas redes sociais (letramento digital e crítico) | 98 |
| Quadro 4 - Unidade de Análise: As transformações na aprendizagem e as novas perspectivas do idoso..... | 101 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|-----|
| Gráfico 1 - Representação dos questionários (Idade) | 134 |
| Gráfico 2 - Representação dos questionários (Gênero) | 135 |
| Gráfico 3 - Representação dos questionários (Profissão)..... | 135 |
| Gráfico 4 - Representação dos questionários (Situação Profissional) | 136 |
| Gráfico 5 - Representação dos questionários (Nível de Escolaridade) | 136 |
| Gráfico 6 – Representação dos questionários (Estado Civil) | 137 |
| Gráfico 7 - Representação dos questionários (Atividades Praticadas) | 138 |
| Gráfico 8 - Representação dos questionários (Relação com as Tecnologias Digitais Móveis) | 138 |
| Gráfico 9 - (Representação dos questionários (Frequência do Uso dos Artefatos Digitais) | 139 |
| Gráfico 10 - Representação dos questionários (Funcionalidade do Celular ou Tablet na Rotina) | 139 |
| Gráfico 11 - Representação dos questionários (O uso dos dispositivos móveis) | 140 |
| Gráfico 12 - Representação dos questionários (O uso dos dispositivos móveis na rotina do idoso) | 140 |
| Gráfico 13 - Representação dos questionários (Maiores dificuldades para o acesso aos dispositivos) | 141 |
| Gráfico 14 - Representação dos questionários (Necessidade de aprendizagem sobre a influência dos dispositivos móveis) | 141 |
| Gráfico 15 - Representação dos questionários (Atividades importantes para a melhoria da relação com o mundo) | 142 |
| Gráfico 16 - Representação dos questionários (Relação das pessoas com quem convivem com a tecnologias digitais móveis) | 142 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|-----|
| Tabela 1- Variáveis entre a idade dos participantes e os fatores relacionados à vida social e cultural..... | 67 |
| Tabela 2 - Perfil e expectativas..... | 73 |
| Tabela 3 - Comparativa em relação à idade do participante articulada a fatores relacionados ao processo de envelhecimento e suas variáveis..... | 133 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO E DELINEAMENTOS DA PESQUISA..... | 18 |
| 1.1 Contexto da Pesquisa..... | 21 |
| 1.2 Delineamentos da Pesquisa..... | 22 |
| 2 O UNIVERSO DO IDOSO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS..... | 28 |
| 2.1 A população idosa: transformações e novas perspectivas..... | 31 |
| 2.2 A gerontologia social: as dimensões do envelhecimento e suas implicações..... | 35 |
| 2.2.1 O envelhecimento: a multiplicidade de transformações, aspectos e causas inerentes a esse processo..... | 39 |
| 2.2.2 O conceito de envelhecimento ativo e suas dimensões..... | 48 |
| 3 CIBERCULTURA E INCLUSÃO DIGITAL DO IDOSO..... | 50 |
| 3.1 Inclusão digital: a relevância do idoso aprendiz por meio do celular e o letramento digital..... | 50 |
| 3.1.1 O letramento digital do idoso..... | 53 |
| 3.2 Cibercultura: a internet e novas formas de comunicação em rede..... | 54 |
| 3.2.1 Cibercultura: o conceito de sociabilidade e “socialidade”..... | 56 |
| 3.2.2 Perspectivas acerca da inscrição do idoso nas sociedades em rede..... | 57 |
| 4 INCLUSÃO DIGITAL DE IDOSOS E REDES SOCIAIS..... | 59 |
| 4.1 Oficinas de redes sociais e tecnologias móveis para o idoso..... | 59 |
| 4.2 Análise dos dados coletados na fase exploratória..... | 62 |

| | |
|-------------------------------------|------------|
| 4.3 Análise textual discursiva..... | 75 |
| 4.4 Categorias emergentes..... | 96 |
| 5 CONSIDERAÇÕES | |
| FINAIS..... | 110 |
| REFERÊNCIAS..... | 120 |
| APÊNDICES..... | 127 |
| ANEXOS..... | 133 |

1 INTRODUÇÃO

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.
(FREIRE, 2000, p. 33)

É fato que a Internet representa uma das maiores mudanças na cultura e na história da humanidade. E, apesar de ainda estar longe de ser acessível a todos, mostra-se, a cada dia, um marco para o futuro da humanidade. Também, são nítidas as profundas transformações que se efetivam nas gerações contemporâneas quanto ao advento da Internet.

Visto que a atual conjuntura sócio-histórico-cultural, o debate sobre a relação entre o idoso e as tecnologias digitais - e, mais estritamente, sobre sua inclusão na Cibercultura – fomenta a análise sobre os fatores inerentes à inclusão digital dessa camada social, que tem marcado sua inscrição na cibercultura, muitas vezes, sem o mínimo de proficiência para utilizar esses novos aparatos, ou seja, o letramento digital.

Ante a esse panorama, as maiores mudanças que percebemos e que iremos, pois, abordar em nosso texto, referem-se ao modo como as pessoas, e mais especificamente os idosos, comunicam-se, interagem e estabelecem relações on-line por meio dos dispositivos móveis.

Vale ressaltar, que o acesso aos dispositivos móveis e à Internet por essa população ainda é pequeno se comparado a outras faixas etárias; entretanto, os idosos que já fazem uso das mídias digitais têm acessado tão frequentemente quanto indivíduos de outras faixas etárias. Segundo dados divulgados pelo Centro Regional de Estudo para o Desenvolvimento da Sociedade de Informação (CETIC.BR,2019), houve um crescimento 8% para 19% do total de pessoas idosas que acessam a Internet, no período de 2012 a 2016.

Ainda em relação aos dados sobre o acesso da pessoa idosa à Internet, houve uma elevação para 56% ao longo dos anos de 2015 e 2017 (FERNÁNDEZ-ARDÈVOL, 2019). A autora faz menção ao hiato digital por idade, explicando que, embora a média de usuários seja menor entre as pessoas de maior idade, nos últimos anos, o crescimento do número de idosos que usam a Internet foi considerável.

Devemos considerar que, de igual modo, nesse estágio da vida, o indivíduo tem necessidade de estabelecer relações interpessoais. Ademais, é bem provável que um maior contingente de idosos passe a acessar as redes sociais e com frequência cada vez maior, muito menos pelo interesse do que pela busca em combater o isolamento.

Por conseguinte, acreditamos que não devemos prescindir de abordagens e metodologias adequadas às suas necessidades (no âmbito da educação digital), a fim de superar a visão estereotipada sobre a condição do idoso e, principalmente, para que as pessoas da terceira idade tenham certa autonomia para utilizar os artefatos, em vista de sua interação nesta sociedade conectada.

Sabemos que as tecnologias de informação e comunicação têm alterado as estruturas e o funcionamento da sociedade contemporânea. Nesse sentido, promover o acesso de todos os cidadãos é um importante passo no combate à exclusão social.

Ora, se o envelhecimento interfere no desempenho de determinadas habilidades cognitivas, faz-se imperioso levar em conta que as dificuldades relativas ao uso proficiente das tecnologias para a inclusão no mundo digital tornam-se significativas, implicando em problemas relativos à cibercultura.

Para além da questão da inclusão digital, que promove a inclusão social, devemos priorizar a perspectiva do reforço da autoestima do idoso, do envelhecimento ativo, no qual haja condições fundamentais para participar integralmente da sociedade, desenvolvendo novas habilidades e conhecimentos. Sob essa perspectiva, faz-se necessário constituir espaços de alfabetização e letramento digital, no currículo dos programas voltados para indivíduos de 60 anos ou mais, como as universidades abertas à maturidade.

Ainda no que se refere à influência que a cibercultura tem exercido sobre a sociedade pós-moderna (LEMOS, 2010), torna-se ainda mais relevante refletir sobre a inscrição dos idosos na Internet, principalmente nesse contexto atual, em que as interações sociais têm tido grande abrangência nas redes sociais.

Sob a perspectiva dos processos da educação digital, refletimos sobre as questões relacionadas ao idoso, tendo em vista sua imersão numa sociedade fortemente marcada pelas mídias digitais, pela cibercultura.

Destacamos, pois, a necessidade de pensar nas condições desse contingente de cidadãos, bem como em suas características e necessidades, frente ao mundo

digital, visando às práticas pedagógicas que se construam sob uma metodologia que envolva a fluência digital.

Com essa perspectiva, entendemos que o cidadão conseguirá compreender seu lugar na sociedade e, desse modo, promoverá a sua inclusão digital na busca de sua emancipação, também, digital; tornando possível sua efetiva inserção na sociedade democrática. Essas possibilidades tornaram mais efetiva a vontade de nos aprofundarmos em pesquisas acerca da temática Inclusão Digital.

A justificativa para esta pesquisa está diretamente relacionada aos constantes avanços e mudanças sociais, pedagógicas e tecnológicas que se operam no panorama mundial. Todas essas transformações podem implicar mais um fator de exclusão social de um grande contingente de idosos, a menos que os processos educacionais promovam a educação tecnológica para as pessoas de mais idade.

Logo, a questão que nos motivou a fazer esta pesquisa é analisar o potencial das Tecnologias Digitais Móveis (TDM), no que se refere à inclusão digital do idoso no processo de socialização e interação com as redes sociais, tendo em vista seus reflexos na melhoria de qualidade de vida desses cidadãos, o que constitui o objeto desta tese. É certo que a facilidade de acesso aos *smartphones* favoreceu a compra e, por conseguinte, o uso desses artefatos, também, por idosos. No entanto, na maioria das vezes, eles se deparam com dificuldades relacionadas às suas funcionalidades, dificultando-lhes o uso de forma mais autônoma e independente.

Nesse cenário, e no tripé Ensino, Pesquisa e Extensão na ação desenvolvida na extensão Universitária, inseridos no projeto Universidade Aberta à Terceira Idade, da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), bem antes de dar início a esta pesquisa, criamos, a oficina "Redes Sociais e Tecnologias Móveis para Terceira Idade-*Smartphones/Tablets*", considerada pioneira na inclusão digital do idoso, no que tange às tecnologias móveis, com ênfase na reintegração social, levando em consideração o fenômeno do envelhecimento. Trabalho este que vem gerando algumas participações em Congressos, entrevistas nas diversas mídias digitais e escritas e outros que destacaremos ao longo da Tese.

Assim, no âmbito das pesquisas que temos desenvolvido, em conformidade com as oficinas, passamos a analisar novas abordagens e metodologias capazes de se adequar às necessidades do idoso (no âmbito da educação digital), por meio das

quais o uso das tecnologias móveis superasse a perspectiva de uma aprendizagem com fim, meramente, no uso desses aparatos, mas que favorecesse de forma concreta a sua aprendizagem.

Ademais, com esses estudos, temos buscado atender a essa necessidade a fim de superar a visão estereotipada sobre a condição do idoso em relação ao uso das tecnologias móveis, principalmente, para que as pessoas da terceira idade tenham autonomia.

Outra questão importante é percebermos a lacuna digital existente entre as gerações de Imigrantes e Nativos Digitais, (PRENSKY,2001). Reconhecer essa diferença de geração é fundamental para que haja uma aproximação com a finalidade de superar as barreiras da linguagem digital e da cultura.

Desse modo, torna-se possível conhecer o comportamento dos Nativos Digitais, promovendo o equilíbrio na tomada de medidas efetivas para incluir digitalmente a população de idosos, que cresce de forma considerável na proporção em que acontecem os avanços da medicina e das tecnologias.

Quando se fala em envelhecimento ativo, devemos priorizar a perspectiva do reforço da autoestima do idoso, do envelhecimento ativo, no qual haja condições fundamentais para que eles possam participar, integralmente, da sociedade, desenvolvendo novas habilidades e conhecimentos.

Tendo em vista a convicção de que as tecnologias digitais têm promovido mudanças significativas nas formas de relacionamento e de comunicação entre as pessoas, consideramos relevante refletir sobre a relação entre o idoso e as tecnologias digitais, e, mais estritamente, sobre sua inclusão na cibercultura.

1.1 Contexto da pesquisa

Na Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas, desenvolvemos, no ano de 2012, uma oficina de inclusão digital para os idosos com o intento de possibilitar um grupo de pessoas idosas a desenvolverem sua autonomia com o uso do computador. No contexto das oficinas, o trabalho foi desenvolvido em duas turmas, em um período de dois anos, em que foi realizado um trabalho gratificante.

No decurso de nossos estudos, no ano de 2014, nossos olhares de pesquisadores voltam-se para as questões relacionadas ao uso do celular, que, progressivamente, percebe-se nas mãos de cada cidadão, e com importantes funcionalidades.

No projeto UNCISATI, são desenvolvidas várias oficinas para a terceira idade. Foi, justamente, nesse contexto que foi instituída a oficina denominada "Redes Sociais e Tecnologias Móveis para Terceira Idade-*Smartphones/Tablets*". Para tanto, destaca-se uma visão positiva sobre o fenômeno do envelhecimento, o que significa assegurar a todos uma velhice digna, ativa e saudável, como está previsto no Estatuto do Idoso de 2003.

O referido projeto tem como objetivos favorecer e atualizar os conhecimentos na área de Educação e Saúde; estimular a integração social, o exercício da cidadania, a prevenção de doenças e a promoção da saúde; inserir elementos que favoreçam a ampliação de expectativas de qualidade de vida; contribuir para a formação prática e teórica dos estudantes de graduação; e promover a produção e divulgação de conhecimentos. Além disso, buscando oferecer ao idoso a oportunidade para aprender e enfrentar as dificuldades em entender a linguagem tecnológica e viabilizar diretrizes e perspectivas de uma atualização cultural digital e uma maior aproximação social.

Percebemos o princípio de um movimento acadêmico que pretende incluir o tema envelhecimento ativo em suas atividades pedagógicas, de pesquisas, ensino e extensão. Dentre estas práticas, podemos verificar o surgimento das Universidades Abertas à Terceira Idade (UATI), em todo o País. Em consonância com este movimento, a Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL) possui um projeto de extensão denominado Universidade Aberta a Terceira Idade (UNCISATI).

1.2 Delineamentos da pesquisa

Diante do panorama apresentado, esta pesquisa partiu da seguinte problemática: Como as Oficinas de Tecnologias Digitais Móveis (TDM), do projeto de extensão da UNCISAL/AL, podem contribuir para a inclusão digital do idoso com os

aplicativos e sites de redes sociais digitais e seus reflexos na melhoria da qualidade de vida?

Para responder a esses questionamentos, destacamos, como hipótese principal, o seguinte pressuposto: as oficinas de Tecnologias Digitais Móveis (TDM), do projeto de extensão da UNCISAL/AL, podem contribuir para a inclusão digital do idoso com os aplicativos e sites de redes sociais digitais e seus reflexos na melhoria de qualidade de vida. Desta ideia, pois, têm-se as hipóteses secundárias, que se encontram embasadas de acordo com Gray (2012) e servirão de base para a solução do problema, quais sejam:

- As oficinas tecnológicas, projeto da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNCISATI), com o ensino e aprendizado de Smartphone e Tablet, incluirão a pessoa idosa ao mundo digital, se o idoso aplicar os conhecimentos adquiridos dessas oficinas propostas durante o seu convívio diário;
- As oficinas tecnológicas, projeto da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNCISATI), com o ensino e aprendizado de Smartphone e Tablet, favorecem o desenvolvimento do letramento digital da pessoa idosa, se o idoso aplicar os conhecimentos adquiridos dessas oficinas propostas durante o seu convívio diário;
- O aprendizado tecnológico com Smartphone ou Tablet sendo um dispositivo móvel, como instrumento para contribuir na qualidade de vida do idoso, se este estiver comprometido com e no projeto da Universidade Aberta à Terceira Idade;
- O aprendizado tecnológico com Smartphone e Tablet, visto que se constituem como dispositivos móveis, podem contribuir efetivamente para a aprendizagem e para a melhoria da qualidade de vida do idoso que estiver comprometido com e no projeto da Universidade Aberta à Terceira Idade.

Para validar as hipóteses, apresentam-se os resultados da tese que é a constatação que as oficinas Tecnologias Digitais Móveis (TDM) – contribuíram na interação com as redes sociais, a inclusão digital do idoso e seus reflexos na

aprendizagem e na melhoria de qualidade de vida dos alunos idosos que participaram efetivamente das oficinas do projeto de extensão UNCISATI.

Em vista desta problemática, os objetivos foram delineados da seguinte forma:

Objetivo geral: Analisar como as oficinas de Tecnologias Digitais Móveis (TDM), para o idoso participante do projeto UNCISATI, podem contribuir para a inclusão digital desse idoso no processo de socialização e interação com as redes sociais e seus reflexos na melhoria de qualidade de vida.

Objetivos Específicos:

- Averiguar o lugar que ocupa as tecnologias móveis para o idoso como meio de inclusão digital e autonomia nas ações do cotidiano;
- Constatar se, e em que medida, as tecnologias digitais móveis podem contribuir para o letramento digital do idoso;
- Descrever o comportamento do idoso em tempo da cibercultura;
- Comprovar as contribuições das oficinas de inclusão digital, realizadas por meio de dispositivos digitais móveis como fomento de novas estratégias e possibilidades de uso de apropriação digital, social e educacional.

Esta pesquisa segue os pressupostos de Thiollent (1986) e Gray (2012). Sendo assim, no que se refere à metodologia, este trabalho será do tipo pesquisa-ação, que se caracteriza como um modo de pesquisa em que a participação significa muito mais que um mero envolvimento (THIOLLENT, 2011, p. 8).

A pesquisa-ação, segundo explicações de Gray (2012, p. 256), refere-se a uma vasta gama de atividades e métodos, uma vez que envolve “uma grande variedade de abordagens à pesquisa, tanto em termos da relação entre pesquisador e participantes, quanto do foco da pesquisa em si”.

Constitui uma proposta investigativa de ação social transformadora, na medida em que viabiliza condições de produção de informações e conhecimentos de uso mais efetivo, com o fito de promover ações e transformações de situações dentro da própria instituição, sobretudo em relação a questões de injustiça e exclusão social (Gray, 2012, p. 255). Isso suscita, por parte dos pesquisadores e dos participantes representativos da situação investigada, uma ação planejada, de modo interativo,

cooperativo e participativo. Conforme Thiollent (1986), a pesquisa-ação, além da participação mútua, pressupõe o planejamento de uma ação de caráter social, educacional, técnico ou de outro caráter.

Quanto à abordagem, classifica-se como pesquisa qualitativa, que se caracteriza por sua “relevância aos estudos das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida” (FLICK, 2009, p. 20).

Ainda sobre a abordagem qualitativa, Moreira e Caleffe (2006, p. 73) defendem que “a pesquisa qualitativa explora as características dos indivíduos e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente. Os dados são frequentemente verbais e coletados pela observação, descrição e gravação”.

A pesquisa qualitativa, afirma Flick (2009), não se constitui com base em uma teoria ou abordagem metodológica unificada. Refere-se a um método favorável na medida em que aborda uma variedade de técnicas com a finalidade de apreender e interpretar os significados existentes no ambiente da investigação, considerando que a realidade é fluente, contraditória e partilhada (CHIZZOTTI, 2011).

A pesquisa foi realizada na Universidade Estadual de Ciências da Saúde Alagoas (UNCISAL). Para tanto, foram selecionados, de forma voluntária, os 25 alunos idosos matriculados na oficina de tecnologias móveis, intitulada "Rede Sociais e Tecnologias Móveis para o Idoso", no ano letivo de 2020. Porém, por motivo da Pandemia da Covid-19, realizou-se os procedimentos da pesquisa com a turma de 2019, por meio do aplicativo WhatsApp, por onde os alunos responderam ao questionário disponibilizado no Google Forms, bem como participaram de entrevistas semiestruturadas.

A primeira fase da pesquisa, caracterizada como exploratória, oferece informações do contexto local e do objeto focalizado, quer em termos de objeto, quer em termos de análise do impacto do uso dos dispositivos móveis pelos idosos participantes da oficina de tecnologias móveis.

A coleta dos dados foi realizada através da interação entre o pesquisador e o grupo envolvido no processo de pesquisa, buscando-se e acompanhando as ocorrências para uma análise interpretativa coerente e adequada.

As técnicas e os instrumentos de pesquisa adequados às especificidades do fenômeno estudado, segundo os pressupostos de Gray (2012, p. 323-327),

compreendem: a) Observação participante; b) Observação direta nos ambientes das tecnologias móveis em que se desenvolverá a pesquisa; c) Entrevistas informais, semiestruturadas, aplicadas aos participantes, utilizando as respostas para construir conhecimento a respeito do problema investigado, conforme anda, pressupostos de Gray (2012); d) Questionários semiestruturados, cujas respostas serviram de base para construir conhecimento a respeito do problema investigado; e) Diário das oficinas.

A partir das oficinas, com as aplicações de entrevistas para mensurar as tecnologias móveis utilizadas pelos idosos e sua correlação com a inclusão digital dessa faixa etária, tencionou-se analisar o seguinte:

- O comportamento do idoso em tempo da cibercultura;
- O conhecimento das tecnologias digitais móveis nas rotinas dos idosos;
- Contribuições das oficinas de inclusão digital, como fomento de novas estratégias e possibilidades de uso de apropriação digital, social e educacional dos idosos;
- As habilidades desenvolvidas pelo uso prático dos *Smartphone e Tablet*;
- A inclusão digital e sua interferência no cotidiano da pessoa idosa, como incentivo à motivação para autoestima e acesso ao mundo digital;
- Navegabilidade e dificuldades dos idosos diante das tecnologias digitais móveis.

Essas categorias – preestabelecidas e delineadas a partir dos pressupostos teóricos - foram analisadas a partir dos dados obtidos e das questões que surgiram no decorrer da pesquisa, permitindo a verificação de ocorrências relativas aos objetivos propostos, fazendo articulação entre o contexto vivenciado e os referenciais adotados.

No que diz respeito à análise dos dados, cumpre considerar o pensamento de Gerhardt e Silveira (2009, p. 84), o qual preconiza que, para analisar, compreender e interpretar dados qualitativos faz-se necessário “penetrar nos significados que os atores sociais compartilham na vivência de sua realidade”. Assim, a análise textual discursiva (doravante ATD), técnica de análise de dados qualitativos idealizada por Moraes e Galiazzi (2016), serviu de base para a análise dos dados desta pesquisa. Trata-se de uma abordagem de análise de dados que transita entre duas formas

consagradas de análise na pesquisa qualitativa, quais sejam: a análise de conteúdo e a análise de discurso.

Desse modo, os resultados foram descritos a partir dos temas identificados, com o auxílio de diários reflexivos, das transcrições dos áudios das entrevistas, do processo de codificação imediato visando à familiarização com os dados coletados por meio desses instrumentos.

Nessa perspectiva, portanto, os dados foram sopesados, inicialmente, conforme os fundamentos de Moraes e Galiazzi (2016). Para fins desta pesquisa, a análise incidiu sobre o conteúdo dos textos produzidos pelos participantes, tanto em relação ao conteúdo das conversas instantâneas por meio dos grupos do WhatsApp criados especificamente para ampliar nossas interações, das postagens nas páginas pessoais do Facebook e do Instagram por meio das quais interagimos, inclusive, ainda regularmente e do conteúdo das entrevistas, quanto sobre o conteúdo dos discursos que se efetivam no contexto das oficinas.

A produção relacionada a cada aplicativo ou plataforma referem-se a troca de mensagens no grupo de WhatsApp, cujo conteúdo abrange temas diversificados, relacionados às questões pertinentes ao idoso de modo geral, como limitações, comorbidades, internações, tratamento, estado de saúde, recuperação, oportunidades. Assim, as mensagens se relacionavam com conteúdo de autoajuda, apoio moral, espiritual, congratulações e informações sobre passeio ou questões afins. Por outro lado, no Facebook e no Instagram, as mensagens dizem respeito às atividades realizadas no contexto das oficinas, apreciações sobre o resultado das atividades e das divulgações de nossos trabalhos, além de conteúdos artísticos, poesia, religião e política.

2 O UNIVERSO DO IDOSO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

“Não importa se a estação do ano muda... Se o século vira, se o milênio é outro, se a idade aumenta... Conserva a vontade de viver, não se chega à parte alguma sem ela.”
(FERNANDO PESSOA)

No âmago do aporte teórico em que se fundamenta este trabalho, destacam-se as ponderações sobre o aumento da expectativa de vida dos seres humanos, fator considerado um fenômeno mundial. Por conseguinte, instaura novas demandas, especialmente, nas áreas da educação e da saúde, nas quais urgem estarem previstas ações no sentido de garantir ao idoso um envelhecimento saudável e ativo. Entre tais ações, estão as que estimulam as atividades mentais e sociais do indivíduo, retardando, com isso, os processos degenerativos e os depressivos da mente, resultantes do isolamento.

Com o envelhecimento da população mundial e brasileira, e com a necessidade de comunicação rápida e ágil com mídias móveis pelos idosos, percebe-se uma lacuna quanto ao domínio e às habilidades desses idosos com essas tecnologias, o que induz a pessoa idosa a subutilizar as potencialidades de um aparelho móvel, ignorando vários recursos úteis para o seu dia a dia (KALACHE; VERAS; RAMOS, 1987).

As descrições literárias seguem o entendimento de vários autores. Cumpre ressaltar que as tecnologias móveis se destacam entre as mídias interativas, pois, além de promoverem a interatividade, contam com recursos de mobilidade e portabilidade. Logo, “o usuário passa a ter a comunicação literalmente em suas mãos, podendo captar conteúdos e informações do ambiente onde esteja” (SQUIRRA; FEDOCE, 2011, p. 20).

Dentre as tecnologias móveis, podemos citar os equipamentos *Smartphones* e *Tablets*, que favorecem em muito a comunicação humana. Porém, uma das dificuldades observadas é de que o idoso não as utiliza de forma adequada e eficaz. Uma das possíveis razões para isso é que estas tecnologias foram desenvolvidas por criadores jovens para o uso dos mesmos. Portanto, pouca atenção foi dada aos usuários da terceira idade, que apresentam mais dificuldades em utilizar essa nova

geração de equipamentos, demonstrando-se uma dependência no processo de aprendizagem da tecnologia móvel.

Isso não significa dizer que os indivíduos mais jovens, em sua totalidade, usem esses aparatos com adequação e de forma consciente, embora estejam aptos a utilizá-los para realizar inúmeras atividades. Porém, é indubitável que, quanto mais idade, a propensão e aptidão para a cultura digital tornam-se inversamente proporcionais.

Para Bessa e Ferreira (2012), a pessoa na terceira idade percebe a importância da aquisição de conhecimentos em diferentes áreas, buscando a atualização e a produtividade, pois tem consciência de que possui papel relevante na sociedade e de que precisa estar aberta a novas propostas. No entanto, possui dificuldades no “mundo digital”, pois esse meio se torna, na maioria das vezes, inacessível, comprometendo assim as práticas de acessibilidade.

Para Bizelli et al. (2009, p. 4), é perceptível a necessidade da inclusão digital na terceira idade, uma vez que vem

Se tornando uma forma de socialização com o mundo contemporâneo, o que favorecerá as relações familiares, sociais, comerciais, entre outras. Ademais, verifica-se que essa atividade repercute também na sua qualidade de vida, auxiliando nos estímulos cognitivos, musculares e motores. (Bizelli et al. 2009, p. 4).

Para a efetiva inclusão digital do idoso, ressalta-se, segundo a Pedagogia dos Multiletramentos (ROJO, 2012), a necessidade do letramento digital, que se constitui como "uma série de habilidades que requer dos indivíduos tanto a habilidade de reconhecer quando a informação se faz necessária e quanto à habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a informação necessária" (SOUZA, 2007, p. 59).

Segundo pesquisa do CETIC (2019), cerca de 28% dos idosos se mantêm atualizados com tecnologias. Esse grupo representa apenas 1,95% dos usuários ativos da rede.

Como as relações estão cada vez mais virtuais, observa-se a necessidade de inclusão digital da população para poder usufruir dos benefícios do acesso à informação. Diante deste contexto, não se pode excluir uma faixa desta população, que é a terceira idade, cujo crescimento tem ocorrido de modo exponencial. Nesse sentido, a inclusão digital foi conceituada pelo Instituto Brasileiro de Informação em

Ciência e Tecnologia - IBCT (2016) como inclusão digital ou infoinclusão à democratização do acesso às TIC, de forma a permitir a inserção de todos na sociedade da informação. Destaca-se que as tecnologias criam espaços de aprendizagens que desafiam as instituições no que se refere à inclusão digital da pessoa idosa.

Expressões como “Sociedade das Comunicações Móveis” (CASTELLS, 2004), “Cultura do Telemóvel” (GOGGIN, 2006), “Thumb Culture” (GLOTZ et al., 2005), “Mobile Age” (SHARPLES et al., 2005) “aludem ao aparecimento de um novo paradigma social que as tecnologias móveis vieram trazer ao cotidiano. Estas tecnologias emergentes estão a transformar os hábitos das pessoas, a forma como se trabalha, se ensina e se aprende” (MOURA, 2010, p. 2). Ademais, as formas de comunicação e as linguagens também foram impactadas pelas transformações causadas pela influência das tecnologias digitais móveis ligadas à Internet.

Universidades foram pioneiras no processo de reintegração do idoso à sociedade, estando estas dando ênfase à melhoria da qualidade de vida da terceira idade, podendo modificar o perfil do idoso. Assim sendo, fazer com que este gradativamente deixe de ser uma pessoa recolhida em casa, vivendo de lembranças do passado para se tornar uma pessoa ativa, capaz de produzir, consumir, participar das mudanças sociais, políticas e tecnológicas da sociedade (BIZELLI et al., 2009, p. 2).

Com a evolução das “tecnologias móveis a configurar um novo “paradigma” educacional denominado *mobile*, em que a questão da mobilidade passa a ser um assunto que tem requerido a atenção da comunidade acadêmica” (MOURA, 2010, p. 4).

Diante destas constatações, percebe-se, mais uma vez, a necessidade de realização de estudos que proporcionem conhecimentos sobre as contribuições das tecnologias digitais móveis para a inclusão digital do idoso; constatando-se, ainda, seus efeitos na socialização e interação com redes sociais e seus reflexos na sua melhoria de qualidade de vida.

2.1 A população idosa: transformações e novas perspectivas

O crescente interesse e a ampliação dos debates em relação ao envelhecimento da população traduzem os esforços dos pesquisadores no âmbito dos estudos culturais visando à compreensão das questões concernentes ao idoso e às suas transformações sócio-histórico-culturais. O tema vem passando por um processo de inovações e grandes desafios, sobretudo no que se refere à gestão coletiva de questões sociais.

Porém, é importante frisar que esse interesse em compreender a velhice não é algo novo, mas diz respeito a um processo que se originou em tempos muito remotos, com as antigas civilizações. Observa-se que, desde os longínquos tempos, o conceito sobre envelhecimento sofreu modificações, dando origem a novas teorias destinadas a explicar esse fenômeno e favorecer a compreensão sobre a velhice e os fatores envolvidos nesse processo.

Estudos epistemológicos recentes apontaram um considerável crescimento da população idosa como fenômeno mundial, o qual está relacionado a fatores como a diminuição da taxa de mortalidade e de natalidade, à melhoria da infraestrutura, às campanhas de vacinação, bem como aos avanços alcançados no campo da medicina. Em decorrência desse crescimento, os estudos referentes ao tema têm se intensificado progressivamente, motivados por interesses diversificados. Ademais, cabe destacar que esse fenômeno impõe grandes desafios à sociedade como um todo: de investimentos governamentais, de cunho familiar, social, entre outros aspectos, como o de cunho previdenciário, assistencial à saúde e à qualidade de vida (COSTA; PORTO; SOARES, 2013).

Uma vez que as interpretações sobre o envelhecimento humano devem levar em conta o indivíduo situado num dado contexto sócio-histórico-cultural, faz-se pertinente anular a perspectiva universal que muito influenciou a visão pessimista e, quase sempre, estereotipada sobre a velhice.

Sabe-se que as condições e as caracterizações do idoso têm passado por um processo de transformações, uma vez que as mudanças que vêm ocorrendo na contemporaneidade têm influenciado inúmeros aspectos humanos e o envelhecimento também tem sido impactado por essa evolução. Essas mudanças

concernentes ao idoso estão relacionadas aos seus hábitos, às suas crenças, a questões culturais, à longevidade, à sua imagem e, até mesmo, às formas de se relacionar e de interagir.

De acordo com Paiva (1986), os estudos sistemáticos sobre o envelhecimento só tiveram início nas primeiras décadas do século XX. À época, as primeiras investigações tinham como foco as manifestações fisiológicas e a perda do sistema vital.

Porém, já é sabido que, para compreender o processo de envelhecer e suas discrepâncias, deve-se levar em conta as diferentes concepções estabelecidas, no decorrer dos tempos, por diferentes civilizações. Assim, a análise acerca dessas concepções possibilita compreender que a velhice sempre foi, sobremaneira, influenciada por aspectos de cunho social, histórico e cultural, cujos valores e princípios são permeados por questões multifacetadas, multidirecionadas e, não raramente, contraditórias.

Conforme os estudos de Santos (2001), entende-se que a velhice significava uma etapa favorável da vida das pessoas, levando em conta o respeito e o poder que lhes eram atribuídos. Fato difícil de ser concebido quando se leva em conta as sociedades contemporâneas, com seus valores fundamentados em fatores de cunho capitalista, funcional e estético.

Se hoje ainda persiste uma concepção um tanto depreciativa sobre a pessoa idosa, noutras civilizações – como na China¹ - a velhice já foi considerada uma fase da vida de grande valor. Fato interessante é que a velhice era sinônimo de autoridade, e não só em referência aos homens, mas também às mulheres (inferiorizadas em relação aos indivíduos de sexo oposto); mas que, na fase sênior, exerciam um papel preponderante em relação aos mais novos, interferindo, ainda, na educação dos netos (SANTOS, 2001).

¹ No Oriente, especificamente na China, Lao-Tsé (604-531 a.C.), fundador do Taoísmo, percebe a velhice como um momento supremo, de alcance espiritual máximo, comentando que, ao completar 60 anos de idade, o ser humano atinge o momento de libertar-se de seu corpo através do êxtase de se tornar um santo (SANTOS, 2011).

Ademais, essa valorização aos idosos pode ser constatada segundo pressupostos da filosofia de Confúcio², que considerava a velhice como uma referência à autoridade devido à sabedoria da qual eram dotados os mais velhos – inclusive às mulheres - aos quais se subordinavam os indivíduos de idade inferior, pelo respeito e pela obediência.

Vale destacar o fato de que, na cultura oriental, a idade de 70 anos significava o período de preparação para a morte; logo, a idade de 50 anos era a etapa limite para essa transição.

Por outro lado, em relação à civilização ocidental, tem-se uma concepção muito associada à cultura atual, cujos pensamentos são considerados, uma vez que os gregos atribuíam à estética corporal um grande valor, como exímios admiradores do corpo jovem e saudável. Por conseguinte, a velhice era, sobremaneira e de um modo geral, desvalorizada e considerada apavorante (SANTOS, 2001).

De certo modo, hodiernamente, preexistem ideias, comportamentos e atitudes que se associam tanto à concepção oriental (que via o velho como um ser a quem se deve total respeito em virtude da sabedoria e das experiências adquiridas), quanto à ocidental (que considerava o idoso como um ser fraco, incapacitado e digno de piedade). Não se pode ignorar, contudo, que a valoração do indivíduo de idade avançada está atrelada a questões políticas e sociais, sobretudo, definidas pelo gênero, etnia e classe social.

Entre o século XIX e século XX, eclodiu uma nova perspectiva sobre a velhice, considerada, naquele contexto, como uma fase da vida diferenciada. Em meados do século XX, vale destacar, o Brasil era considerado um país jovem, apresentando altas taxas de natalidade e mortalidade (especialmente, a mortalidade infantil). Em consequência dos altos índices de doenças infecciosas e parasitárias, muitos morriam antes dos cinquenta anos (COSTA; PORTO; SOARES, 2013).

No decorrer dos tempos, a expectativa de vida foi se ampliando. Na década de 50, por exemplo, o critério idade para a velhice era determinado na base de 45 anos. No século XX, esse parâmetro mudou para 60 anos, em média.

² Confúcio (551-479 a.C.), profundo conhecedor da alma humana, defensor de conceitos de moral e de sabedoria. A estrutura do Confucionismo tem como base a família, na qual o ser humano masculino mais velho tem superioridade sobre os demais.

A despeito da Organização Mundial da Saúde (OMS), que considera idoso o indivíduo a partir dos 60 anos de idade, de acordo com o Projeto de Lei 5383/19³, essa idade deve passar para os 65, pressupondo que a pessoa de 60 anos, hoje, encontra-se em plena qualidade de vida, apta à atividade laboral, intelectual e física. Aliás, já se tem a previsão de que essa média aumente para 70 anos até 2050.

Muito provavelmente, o que subjaz à intenção do mencionado projeto é o fato de que o número de pessoas com mais de 60 anos está em acelerada progressão, o que já havia sido previsto para a primeira metade do século XXI. Com efeito, esse avanço demográfico iria implicar problemas, tal como está exposto no Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento (2003, p. 28):

Esta mudança demográfica apresenta um problema importante em matéria de recursos. Embora os países desenvolvidos tenham podido envelhecer gradualmente, enfrentam problemas resultantes da relação entre o envelhecimento e o desemprego e a sustentabilidade dos sistemas de pensões, enquanto os países em desenvolvimento enfrentam o problema de um desenvolvimento simultâneo com o envelhecimento da população.

Contudo, resta claro que, assim como a idade, o envelhecimento possui outras dimensões que transcendem o fator cronológico. O conceito de idade é, pois, multidimensional. Por conseguinte, não pode ser considerado, isoladamente, como parâmetro para o envelhecimento.

Apesar da persistência de uma visão pessimista, preconceituosa e limitada sobre a velhice, pode-se vislumbrar novas perspectivas, tendo em vista o empreendimento de políticas públicas voltadas aos idosos, levando-se em conta a melhoria da qualidade de vida desses indivíduos, considerando a promoção da saúde e do bem-estar na velhice, bem como a garantia de uma vida mais digna, com novas oportunidades de participação social.

Exemplo disso são os documentos produzidos durante a II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento⁴, realizada em abril de 2002 pela Organização das Nações

³ O Projeto de Lei 5383/19 visa a alterar a legislação vigente com o intuito de mudar a idade de 60 para 65 anos como parâmetro para se considerar a pessoa idosa, e não mais 60. O texto ainda encontra-se em análise na Câmara dos Deputados, e consiste em alterar o Estatuto do Idoso e a Lei 10048/00, que trata da prioridade de atendimento.

⁴ Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento, aprovado na I Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, celebrada em Viena, orientou o pensamento e a ação sobre o envelhecimento durante os últimos 20 anos, na formulação de iniciativas e políticas de importância crucial. ().

Unidas, em Madri (Espanha), visando à formulação de iniciativas e políticas de importância crucial para a população idosa.

Cumprir destacar que toda a mobilização e os empreendimentos direcionados à melhoria da qualidade de vida e participação social dos idosos já se fizeram notar desde a ocasião da primeira Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, realizada em 1982 no âmbito das Nações Unidas, do qual resultou o documento conhecido como o Plano de Ação Internacional para o Desenvolvimento.

Se houve um tempo em que a concepção sobre o envelhecimento se baseava numa visão de declínio, segundo a qual a fase idosa relacionava-se à ideia de inatividade, doença, exclusão; nos dias atuais, é comum, do ponto de vista teórico, associar o processo de envelhecimento à capacidade de aprendizagem, de flexibilidade, de pertencimento e de efetiva participação na vida social. Aliás, pode-se mencionar, ainda, a ideia de satisfação pessoal e tendência a relações afetivas. Contudo, ainda é preciso a mobilização social a favor da efetivação dessa nova perspectiva.

No campo dos estudos acadêmicos, grande tem sido o interesse, nas diferentes áreas do conhecimento, em analisar, problematizar e compreender a velhice em seus diversos aspectos (sociais, culturais, cronológicos, biológicos, psicológicos), seja na área da Medicina, da Psicologia, da Sociologia, da Antropologia ou da Gerontologia. (SOUZA *et al.*, 2010).

Com essa nova expectativa, surge a necessidade de (e a busca para) estudar o envelhecimento a fim de compreender essas transformações que marcam esse fenômeno na atual conjuntura. Para tanto, faz-se oportuno analisar o percurso histórico sobre as concepções e perspectivas acerca da velhice e da terceira idade. Espera-se, com isso, ampliar os debates e, quiçá, os investimentos relativos às políticas públicas em prol da melhoria da qualidade de vida dos idosos em todos os aspectos, visando a preservar a dignidade de um vasto contingente de pessoas, em termos legais e gerontológicos.

2.2 A gerontologia social: as dimensões do envelhecimento e suas implicações

Efetivamente, a humanidade vem passando por uma transformação no que concerne aos índices demográficos. A propósito, os avanços relativos à longevidade

operam-se anualmente, e, por conseguinte, crescem os interesses e os estudos no domínio de diversas áreas do conhecimento, visando ao entendimento acerca dos fatores, aspectos e das implicações relativas ao envelhecimento e à velhice. Cabe reforçar que o entendimento sobre o envelhecer deve envolver não somente aspectos relacionados à cronologia, mas deve ser tão abrangente quanto à complexidade inerente a esse processo.

Não obstante as transformações a respeito da concepção de envelhecimento, sobre a qual, hoje, pressupõe-se uma visão mais otimista, infelizmente, ainda resiste um pensamento de que esse grupo de pessoas não tem influência, nem potencial para as demandas sociais, o que nega a capacidade do idoso de aprendizagem, de flexibilidade, de pertencimento e de efetiva participação na vida social; negando, ainda, seu potencial de satisfação pessoal e a tendência a relações afetivas.

Sabe-se que o envelhecimento está para além de modificações morfológicas, bioquímicas, funcionais e psicológicas com influência significativa na qualidade de vida dos indivíduos, levando em conta, ainda, questões relativas à vida familiar, profissional, social e aspectos formais e informais. Destacam-se, nesse sentido, a importância dos processos educacionais, cuja influência atinge as condições de interação entre indivíduos de todas as idades. (PAPALÉO NETTO, 2002; RODRIGUES; TERRA, 2006).

O tratamento dado às pessoas de mais idade deve ser considerado uma questão promissora, a despeito do pensamento estrutural que vê a velhice de forma negativa, o qual se tornou justificativa para a desvalorização do idoso nos contextos sociais. Por outro lado, vê-se a incoerência entre a necessidade de valorização ao idoso e as respostas que a ele são dadas pelas instituições sociais, inclusive pela família.

Quanto a essa questão, entende-se que o processo de envelhecimento, hoje ainda mais, passou a ser um fenômeno sobre o qual se deve ter maior rigor no sentido de que à população mais velha sejam garantidas melhores condições de vida, assegurando-lhe uma forma digna de existência, bem como a sua inclusão e integração social. Nesse sentido, a Gerontologia constitui um ramo da ciência de cujo trabalho não se deve prescindir, para o qual os investimentos devem ser priorizados.

O conceito de Gerontologia, no sentido mais amplo, está relacionado ao estudo do envelhecimento, o qual abrange a Geriatria, associada à prevenção e o tratamento das doenças inerentes à senescência.

No entanto, a Gerontologia constitui um campo multidisciplinar, visto que abrange múltiplos significados de envelhecimento, os quais se baseiam em áreas específicas do conhecimento, a exemplo da Biologia, da Psicologia e da Sociologia, considerando, ainda, que cada uma dessas áreas está relacionada a uma amplitude de paradigmas associados a diferentes concepções sobre o processo de envelhecimento. Nesse ramo, destacamos a gerontologia social, constituída de diversas áreas como psicologia, serviço social, direito, entre outras (COUTO et al. s/d).

Nesse contexto, destacam-se os estudos referentes à Gerontologia, introduzida pelo médico russo Élie Metchnikoff, que significa o estudo sobre o processo de envelhecimento (RODRIGUES; TERRA, 2006). O crescimento populacional da pessoa idosa tem repercutido diretamente na vida das sociedades e, sendo assim, segundo Rodrigues e Terra (2006), a relevância da Gerontologia Social incide sobre a grande necessidade de “proteção” ao idoso, bem como de entendimento acerca de seu relacionamento na sociedade, no ambiente familiar e com ele mesmo.

Considerada a ciência que estuda o processo de envelhecimento em suas dimensões biológica, psicológica e social, a Gerontologia constitui, segundo Neri (2001): um ramo do conhecimento que se propõe a subsidiar as demandas socioculturais, genético-biológicas e psicológicas provenientes das transformações próprias do processo de envelhecimento ao qual os indivíduos estão predestinados. Para tanto, os estudos gerontológicos consideram o envelhecimento e a velhice sob a ótica das experiências que se processam de modo inter e multidisciplinar.

Ademais, a Gerontologia Social é uma necessidade de salvaguardar ao idoso a preocupação de entender o seu relacionamento com a sociedade, familiares e entre os mesmos.

Ainda em relação aos pressupostos de Rodrigues e Terra (2006), as mudanças que se processam tanto no seio familiar quanto na sociedade como um todo interferem na qualidade de vida do indivíduo na velhice. Isso acontece porque a vida de cada pessoa está condicionada a fatores que agem de uma forma multidimensional,

vulnerável às características biológicas, emocionais, psicológicas, econômicas, sociais, espirituais, ambientais.

Uma vez que a qualidade de vida está intrinsecamente relacionada a fatores diversos, o bem-estar na velhice não se associa somente à ausência de enfermidades, mas também a questões socioeconômicas e a determinadas habilidades, tais como: longevidade; saúde física e mental; desenvolvimento pessoal; satisfação e status social; autonomia e independência; renda; continuidade de papéis na família e na sociedade; relações interpessoais (formais e informais); e atividades laborativas (remuneráveis ou não), recreativas (socioculturais) e espirituais (transcendentais). (RODRIGUES; TERRA, 2006 p. 63,).

Nesse sentido, merecem destaque, também, os estudos de Elie Metchnikoff (1903), assim como o arcabouço teórico e empírico de Neri et al. (2007)⁵, que representam uma evolução para o tratamento dado ao envelhecer.

De acordo com Neri et al. (2007), existe uma grande tendência de cerceamento à liberdade, à autonomia e à capacidade de escolhas do idoso, visto que as limitações físicas, não raramente, são confundidas com a incapacidade de tomar decisões. Por conseguinte, origina-se o fenômeno conhecido como paternalismo social, cujas consequências são cruciais, implicando prejuízo de caráter social, psicológico e econômico. Essa questão interfere, inclusive, na autoestima da pessoa, que se sente incapaz de retomar suas atividades, sentindo-se altamente dependente e inútil.

Com efeito, a Gerontologia concebe o processo do envelhecimento como um fenômeno complexo, que envolve tanto aspectos relacionados à personalidade quanto à conduta dos idosos, tendo em vista fatores ambientais e culturais do envelhecer. Isso significa que a Gerontologia é um campo da ciência de caráter médico-social, abrangendo questões que não são tratadas do ponto de vista da Geriatria (MORAGAS, 1997).

No livro *Gerontologia Social: Envelhecimento e qualidade de vida*, Moragas (1997) problematiza a ausência de uma perspectiva gerontológica interdisciplinar,

⁵ Anita Liberato Neri organizou um conjunto de pesquisas produzidos por profissionais de diferentes áreas do conhecimento, os quais se dedicam aos estudos sobre os fenômenos da velhice e do envelhecimento enfocando aspectos relacionados ao bem-estar psicológico, social e da saúde. A obra, intitulada *Idosos no Brasil: Vivências, desafios e Expectativas na Terceira idade*, representa um objeto de reflexão para toda a sociedade.

apontando-a como a causa da incompatibilidade entre o tratamento que se tem dado ao idoso, atualmente, e o desenvolvimento tecnológico e social do final do século XX.

A etapa da vida caracterizada como velhice, com suas peculiaridades, só pode ser compreendida a partir da relação que se estabelece entre os diferentes aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. Essa interação institui-se de acordo com as condições da cultura na qual o indivíduo está inserido. Condições históricas, políticas, econômicas, geográficas e culturais produzem diferentes representações sociais da velhice e também do idoso. Há uma correspondência entre a concepção de velhice presente em uma sociedade e as atitudes frente às pessoas que estão envelhecendo.

2.2.1 O envelhecimento: a multiplicidade de transformações, aspectos e causas inerentes a esse processo

O processo de envelhecimento é um movimento progressivo que ocorre durante toda a vida, afetando todos os órgãos do corpo humano, resultando em alterações dos padrões fisiológicos do sujeito, em uma relação recíproca de aspectos sociais, culturais, intelectuais, biológicos e psicológicos. O conceito de envelhecer pode ser entendido como algo subjetivo e de transformações biopsicossociais que modificam aspectos comuns em indivíduos saudáveis, levando-os a novas percepções de enfrentamento da vida (CANCELA, 2017).

Entende-se que o fenômeno de envelhecer não pode ser considerado tomando isoladamente os aspectos idade-saúde, mas deve ser tomado de forma abrangente, tendo em vista, além desses fatores, a relação que se estabelece entre os diferentes aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. Quanto a isso, é preciso compreender que as pessoas, em sua trajetória de vida, recebem influências do meio em que está inserida, submetidas a aspectos históricos, políticos, econômicos, geográficos e culturais.

De acordo com Paiva (1986), os estudos sistemáticos sobre o envelhecimento só tiveram início nas primeiras décadas do século XX. À época, as primeiras investigações tinham como foco as manifestações fisiológicas e a perda do sistema vital.

No que se refere à classificação da idade cronológica de um indivíduo como idoso, é importante considerar uma variação conforme a estrutura socioeconômica de um País. Países desenvolvidos possuem sua classificação de idosos aos 65 anos de idade, já nos países em desenvolvimento, a classificação de idade para idosos é de 60 anos (MEIRELES et al.,2007).

O Brasil e o mundo estão envelhecendo. Dados apresentados pelo Índice Global Age Watch (2015) revelaram que a população idosa em todo o mundo equivale à cerca de 901 milhões de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. Esse total representa 12.3% da população global. Estima-se ainda que, em 2030, haverá um crescimento desse contingente para 1.4 mil milhões ou 16.5%, e em 2050, para 2.1 mil milhões ou 21.5 por cento da população global.

No Brasil, até a década de 1960, houve um crescimento populacional homogêneo. A partir da década de 1970, observou-se que a proporção entre crianças e pessoas com 60 anos ou mais começou a diminuir, dando início à transição demográfica.

A partir dessa década, observou-se o envelhecimento contínuo da estrutura etária, com perspectivas de aumento ainda maior da população idosa nas próximas décadas (PEREIRA, 2007). Em 2014, os idosos já representavam 13,7% da população brasileira – 27,8 milhões de pessoas com 60 anos ou mais. (IBGE, 2019). Em 2050, calcula-se que esse número chegue a 64 milhões – quase 30% da população (IBGE, 2019).

Outros dados foram divulgados como resultado de uma pesquisa atualizada no ano de 2018, onde pela Projeção da População do IBGE, a população idosa no Brasil correspondia a mais de 28 milhões de pessoas, o que representa 13% da população do país na faixa etária de 60 anos. Estimativas levantadas pela mesma pesquisa apontaram que esse percentual tendia a dobrar nas próximas décadas.

Nesse contexto, a velhice é “nova”. Nunca tivemos em nosso País um quantitativo de idosos com esses números. Em 1980, o País tinha menos de um milhão de pessoas nessa faixa etária. Segundo Rodrigues e Terra (2006), o Brasil, em 2025, contará aproximadamente com 32 milhões de idosos. De fato, a população brasileira está envelhecendo, assim expõe o IBGE, de que, em 2060, o País terá um contingente de 19 milhões de pessoas com mais de 80 anos.

Um aspecto a ser destacado em relação ao movimento demográfico brasileiro é a feminização do envelhecimento – a maior proporção populacional entre mulheres acontece nas idades mais avançadas. A característica é explicada pela maior mortalidade masculina decorrente das taxas de acidentes e violência e da maior tendência dos homens a serem acometidos por doenças crônico-degenerativas mais precocemente (PEREIRA, 2007).

Outra característica do nosso envelhecimento populacional é o aumento da proporção de idosos com mais de 80 anos entre os próprios idosos. Esses idosos constituem uma população bastante distinta dos idosos jovens devido à maior prevalência de doenças e ao grau de dependência funcional (CHAIMOWICZ, 2009).

Como o Brasil não se projetou adequadamente para atender às necessidades da população idosa, o envelhecimento é tratado como um “problema” e não como uma conquista, sendo os idosos vistos como um encargo para a família, para o Estado e para a sociedade. (JARDIM; MEDEIROS e BRITO, 2006).

Há quem defenda que o fenômeno do envelhecimento pode se traduzir em um processo valioso, tendo em vista a importância da sabedoria e das experiências que o idoso vai acumulando ao longo dos anos, o que pode servir de base para educação das gerações futuras (NERI, 2007 p. 9.). Notoriamente, essa questão depende das circunstâncias nas quais vive o indivíduo em relação à qualidade de vida em todas as dimensões. Bem ou mal, fato é que, atualmente, chegar à senescência passou a ser um fenômeno comum às populações, e em escala global, envolvendo, inclusive, os países de terceiro mundo.

No que diz respeito ao idoso, essa categoria é representada por indivíduos a partir dos 60 anos, independentemente dos aspectos biológicos, psicológicos e social. Contudo, já se sabe que, assim como a idade, o envelhecimento possui outras dimensões que transcendem o fator cronológico. O conceito de idade é, pois, multidimensional. Por conseguinte, não pode ser considerado isoladamente como parâmetro do desenvolvimento humano.

Sabe-se que as condições e as caracterizações do idoso têm passado por um processo de transformações, uma vez que as mudanças que vêm ocorrendo na contemporaneidade têm influenciado inúmeros aspectos humanos, e o envelhecimento, também, tem sido impactado por essa evolução. Essas

transformações em relação ao idoso estão relacionadas aos seus hábitos, às suas crenças, a questões culturais, à longevidade, à sua imagem e, até mesmo, às formas de se relacionar e de interagir (NERI, 2007 p. 9.).

Houve um tempo em que a concepção sobre o envelhecimento se baseava numa visão não positiva, em que se relacionava a fase idosa à ideia de inatividade, doença, exclusão. Atualmente, é comum associar o processo de envelhecimento à capacidade de aprendizagem, de flexibilidade, de pertencimento e de efetiva participação na vida social. Aliás, pode-se mencionar, ainda, a ideia de satisfação pessoal e tendência a relações afetivas.

Com essa nova perspectiva, surge a necessidade e a busca em estudar o envelhecimento, a fim de compreender essas transformações que marcam o envelhecimento na atual conjuntura. Em vista desse entendimento, cabe ressaltar que o caráter heterogêneo, multicausal e multifatorial do processo de envelhecimento, considerando a influência dos aspectos psicossociais, históricos e culturais, como já foi destacado no âmbito deste trabalho.

Para tanto, faz-se oportuno analisar o percurso histórico sobre as concepções e perspectivas acerca da velhice e da terceira idade. Espera-se, com isso, uma melhor compreensão relativa aos fatores intrínsecos às diferenças ocorridas no pensamento, nas características, na perspectiva de vida, bem como em termos legais e gerontológicos.

A velhice é caracterizada como um processo natural. No entanto, sabe-se que o envelhecimento é influenciado pelas escolhas e decisões que o indivíduo faz em suas experiências de vida. Sendo assim, cada pessoa, com suas vivências particulares, vai experienciar o envelhecimento de forma bem peculiar.

Com efeito, a velhice sempre foi considerada uma etapa do ciclo vital marcada pela perda do vigor, pela decadência física e pela inaptidão em desenvolver papéis sociais. Essa ideia, que se consubstanciou a partir da segunda metade do século XIX, resiste até hoje, muito embora essa concepção tenha mudado em alguma medida (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

Assim, o desenvolvimento humano, a partir de um dado período de vida do indivíduo, é considerado um processo contínuo de perdas e de dependência, o que implica uma visão negativa associada à velhice. Contudo, cumpre ressaltar que o

envelhecimento tem sido entendido como um processo influenciado por diversos fatores além do cronológico, como gênero, classe social, cultura, padrões de saúde, entre outros. (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

Conforme os estudos de Debert (1999), sobre o desenvolvimento humano não deve ter como objeto o indivíduo isolado. De outro modo, este estudo deve ter como princípio o processo de interação dialética entre o indivíduo e o grupo social no qual ele está inserido. Isso porque o desenvolvimento está condicionado às relações entre o indivíduo e as pessoas com as quais convive.

Sob a ótica da Sociologia e da Antropologia, o surgimento da velhice e da terceira idade compreende um processo decorrente de outro processo complexo, que envolve a convergência de discursos políticos, práticas sociais, interesses econômicos e disciplinas especializadas.

No limiar do século XX, instaura-se a ideia de segmentação do curso da vida em estágios mais formais, assim como as transições rígidas e uniformes de um estágio a outro e a separação espacial dos vários grupos etários. Daí então, surgem as classificações e distinção entre as idades e especialização de funções, hábitos e espaços relacionados a cada grupo etário (SILVA, 2008).

Por conseguinte, a compreensão da velhice como uma etapa única parte tanto de um processo histórico amplo quanto de uma tendência contínua em direção à segregação das idades na família e no espaço social.

Alguns estudiosos, a exemplo de Blaikie (1999) e Katz (1996), defendem que o desenvolvimento da velhice está atrelado ao processo de modernização das sociedades ocidentais. Para esses estudiosos, as transformações históricas inerentes ao processo de modernização influenciaram nas caracterizações das etapas da vida e a diferenciação entre as suas etapas e a sensibilidade.

Ainda de acordo com esses estudiosos, houve uma mudança cultural: antes, a forma de organização não se relacionava com a função significativa para a idade cronológica. Atualmente, a idade passou a ser um fator fundamental para a distinção social, destacando-se como categoria e como modelo de identidade para os sujeitos.

Assim, no final do século XIX e início do século XX, surgiu o pensamento de que a velhice significava uma etapa diferenciada da vida. Essa e outras mudanças

provieram de dois fatores, a saber: a formação de novos saberes médicos que investiam sobre o corpo envelhecido e a institucionalização das aposentadorias.

Nesse panorama, a geriatria e a gerontologia emergiram como forma de suprir as demandas próprias dos estudos. Nessas perspectivas, os estudos sobre a velhice baseavam-se no estudo sobre o corpo velho e sobre fatores sociais que envolvem a velhice.

O surgimento da Medicina moderna representa um marco para o estudo da velhice e do processo de envelhecimento como problemas clínicos, certezas biológicas e processos invariáveis; o que, até então, eram estudadas a partir de questionamentos médico-filosóficos.

Com essa nova perspectiva, a associação da velhice com a morte também mudou, de certa forma, já que a morte passou a ser vista como resultado de doenças específicas da velhice. Da mesma forma, a longevidade passou a ser compreendida como limites biológicos insuperáveis; e a velhice, como a etapa necessária da vida.

Sob o viés da Geriatria, a velhice se distingue das outras etapas da vida, e é definida como a fase da decadência física. Para a Geriatria, a promoção de um envelhecer saudável constitui o foco para a sua especialidade, levando em conta desde a promoção de um envelhecer saudável até o tratamento e a reabilitação do idoso. O processo de envelhecimento impacta no comportamento orgânico, demandando abordagens diferenciadas, assim como crianças e jovens apresentam especificidades que são tratadas pelo pediatra (KATZ, 1999).

Com maior abrangência, a Gerontologia atua nas áreas da Psicologia, Serviço Social, Nutrição, Terapia Ocupacional, Direito, entre outras. Sendo assim, a perspectiva sobre o envelhecimento e da velhice volta-se para aspectos interdisciplinares, tendo em vista as especificidades de cada área do conhecimento.

Essas áreas do saber tornam-se mais significativas à medida que o número de pessoas a partir de 60 anos vem crescendo de forma considerável. Sobretudo pelo fato de que esse contingente tem crescido mais que o contingente das demais faixas etárias (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008). Hoje, os idosos são classificados em três classes diferentes: a dos jovens idosos, a dos idosos velhos e a dos idosos mais velhos. O diferencial entre os idosos jovens e os demais é que eles se caracterizam por se encontram em vigor, na faixa entre os 60 a 74 anos.

Não obstante essa nova classificação, os estudos atuais têm mostrado, cada vez mais, que o envelhecimento constitui um processo heterogêneo, e, por isso, o envelhecimento vai se apresentar para cada pessoa de forma particular, independentemente da idade e de outros fatores (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

Uma vez que o contexto social representa um aspecto fundamental para a concepção sobre o envelhecimento, faz-se necessário associar essa nova concepção aos processos de transformações que se operaram nas últimas décadas, sobre as quais, destaca-se a influência da revolução tecnológica e dos meios midiáticos na sociedade atual.

Em alguma medida, as novas concepções sobre o envelhecimento humano têm contribuído para combater a visão pessimista e, muitas vezes, estereotipada sobre a velhice, favorecendo a valorização e o respeito ao idoso. É com essa perspectiva que este trabalho visa a desenvolver uma proposta didático-pedagógica que privilegie a inscrição do idoso na cibercultura.

No entanto, não se pode reduzir a perspectiva da inscrição do idoso na cibercultura à possibilidade de aprender operar com as tecnologias de forma mecânica. Faz-se imperativo priorizar a perspectiva do reforço da autoestima do idoso, do envelhecimento ativo, no qual haja condições fundamentais para participar integralmente da sociedade, desenvolvendo novas habilidades e conhecimentos (KALACHE, 1987).

Para tanto, cabe associar as novas expectativas sobre a capacidade cognitiva do idoso à necessidade da construção de espaços de alfabetização e letramento digital no currículo dos programas voltados para indivíduos de 60 anos ou mais.

Quando se conjectura o desenvolvimento ativo e funcional do idoso, deve-se incluir a perspectiva da inclusão digital, o que, hoje, não se trata apenas de uma opção, mas uma necessidade para os idosos.

Com base no pensamento de Souza et al. (2010), o envelhecimento interfere no desempenho de determinadas habilidades cognitivas. Todavia, não se pode subestimar a capacidade humana de se resignificar. Por isso, a teoria desses autores não pode inibir o trabalho voltado para o aperfeiçoamento do idoso. É preciso possibilitar ao idoso a melhoria de suas habilidades, pelo estímulo à aprendizagem com métodos e abordagens apropriados.

Os debates sobre o envelhecimento da população mostram os esforços dos pesquisadores no âmbito dos estudos culturais, visando à compreensão das questões concernentes ao idoso e suas transformações sócio-histórico-culturais. O tema vem passando por um processo de inovações e grandes desafios, sobretudo no que se refere à gestão coletiva de questões sociais (SOUZA *et al.*, 2010).

No campo dos estudos acadêmicos, percebe-se o extenso interesse, nas diferentes áreas do conhecimento, em analisar, problematizar e compreender a velhice em seus diversos aspectos sociais ou cronológicos, seja na área da Medicina, da Psicologia, da Sociologia, da Antropologia ou da Gerontologia.

Segundo Pacheco (2005), em que seus estudos se baseiam no fenômeno dos aparelhos celulares: na época contemporânea, florescer do século XXI, ao mesmo tempo em que a sociedade potencializa a longevidade, ela nega aos idosos o seu valor e sua importância social. Vive-se em uma sociedade de consumo na qual apenas o novo pode ser valorizado, caso contrário, não existe produção e acumulação de capital. Nesta dura realidade, o velho passa a ser ultrapassado, descartado, ou já está fora de moda.

Assim sendo, o *status* reduzido das pessoas idosas é, similarmente, devido à ênfase contemporânea na juventude, beleza, autonomia, independência e na habilidade de ser produtivo ou reprodutivo. Logo, "ser velho" assume uma conotação de negação, remetendo à perda de atributos tão valorizados pelo meio social e, simultaneamente, pelo próprio idoso. Para Jones (2006), o significado social relacionado às pessoas mais velhas é amplamente negativo, embora não seja exclusivamente assim. Os estereótipos negativos são atribuídos principalmente pelos próprios idosos, que não se reconhecem como tal e falam da categoria "velho" como se não fizessem parte dela. Tal atitude seria uma falsa consciência ou uma atitude preconceituosa.

Efetivamente, uma vez que as relações e interações sociais influenciam a vida de cada pessoa, a atual conjuntura, profundamente marcada pelas transformações provenientes da cibercultura, representa um panorama no qual o idoso tem, conseqüentemente, apresentado mudanças em suas expectativas e modos de interação.

A sociedade mudou, e não diferente para o idoso. Presume-se que a conectividade tenha interferido em aspectos da velhice, implicando novas possibilidades de interrelações. Com isso, o idoso, que se encontrava numa condição de isolamento, de inatividade e de obsolescência, passou a ter novas possibilidades por meio das relações midiáticas.

O idoso funcional, classificado a partir de sua condição de estar ativo (OPAS, 2005), participando efetivamente da dinâmica social ganhou novas possibilidades de atuação. Já os idosos com menos vigor buscam, por meio das interações em rede, renovar suas perspectivas de atuação.

Vale destacar, a clara ideia de que essa inscrição não deve se restringir à possibilidade de o idoso se tornar apto a operar com as tecnologias para agir nos meios midiáticos. Muito mais que isso, almeja-se que o idoso possa agir com habilidades suficientes para a sua valorização. Isso significa que o desenvolvimento do idoso só pode ser possível quando sua funcionalidade não se encerre na capacidade de desempenhar uma função, mas que esteja apto a desempenhá-la de forma concreta, agindo de forma reflexiva e crítica a partir da sua aprendizagem.

Devemos reconhecer que, sendo maior o número de pessoas que recebem melhor educação e desfrutam de longevidade e boa saúde, os idosos podem contribuir mais do que nunca para a sociedade e, de fato, assim o fazem. Se incentivarmos sua participação ativa na sociedade e no desenvolvimento, podemos estar certos de que seu talento e experiência são inestimáveis. Os idosos que podem e querem trabalhar devem ter a oportunidade de assim o fazer, e todas as pessoas devem ter a oportunidade de continuar aprendendo ao longo da vida.

Importante destacar que a Gerontologia Social é o cuidar das leis que protegem os idosos e com relevância para as políticas de atendimento aos direitos da pessoa idosa contida no Estatuto do Idoso.

No plano infraconstitucional, o Estatuto do Idoso (Lei 10.741/03) determina com clareza o dever de assegurar “com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária” e, especificamente quanto à inclusão digital, é imperativo destacar o artigo 21, parágrafo 1 que obriga o Poder Público a possibilitar o acesso do idoso à educação,

mediante a institucionalização de “cursos especiais para idosos”, cujo programa abranja conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, favorecendo a sua integração à contemporaneidade.

Esse estatuto forma as bases das políticas públicas brasileiras relativas ao idoso. Por meio delas, o Estado declara princípios e intenções em relação a essa parcela da população e explica para sociedade um conjunto de diretrizes e normatizações a serem observadas por várias instituições e pelos cidadãos em suas relações com os idosos.

2.2.2 O conceito de envelhecimento ativo e suas dimensões

O processo de envelhecimento não é homogêneo. Ele é influenciado por fatores genéticos, hábitos de vida, condições sociais e econômicas, aspectos culturais, entre outros.

Envelhecimento populacional é definido como a mudança na estrutura etária da população, o que produz um aumento do peso relativo das pessoas acima de determinada idade, considerada como definidora do início da velhice. (CARVALHO & GARCIA, 2003).

O processo natural de envelhecimento, ou senescência, em condições normais, não costuma provocar qualquer problema. No entanto, em condições de sobrecarga, como, a presença de doenças, o envelhecimento pode ocasionar uma condição patológica que requer assistência – situação denominada senilidade.

Envelhecimento individual é um processo sequencial, individual, acumulativo, irreversível, universal, não patológico, de deterioração de um organismo maduro, próprio a todos os membros de uma espécie, de maneira que o tempo o torne menos capaz de fazer frente ao estresse do meio ambiente e, portanto, aumente sua possibilidade de morte (OPAS, 2005).

Considerando o objetivo de aumentar a expectativa de uma vida saudável e a qualidade de vida para todas as pessoas que estão envelhecendo, a Organização Pan-Americana de Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS) reforça a importância do que chama de envelhecimento ativo.

Nesse contexto, o termo “ativo” não se restringe à participação em programas de atividade física ou à integração da força de trabalho, mas refere-se também à participação contínua das pessoas em questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis.

Assim, ponderando sobre as mudanças provocadas pelas influências da evolução tecnológica e o impacto da tecnologia na sociedade, tornou-se eminente problematizar as condições do idoso em relação à inclusão digital e os entraves que têm dificultado a inscrição das pessoas de terceira idade na cultura digital. Discorreremos sobre as questões relacionadas à inclusão digital do idoso na seção seguinte.

3 CIBERCULTURA E INCLUSÃO DIGITAL DO IDOSO

"Uma janela para o mundo.
Na minha idade, eu estaria morto sem Internet".
A frase é de José Carlos Vieira, 77 anos.

Nesta parte dos escritos, apresentaremos a consolidação do conceito de inclusão digital e a relevância do idoso aprendiz por meio dos dispositivos móveis, considerando as interações nas redes sociais e a relação da experiência intergeracional necessária entre os atores aprendizes. Ademais, discorreremos sobre o conceito e a relevância do letramento digital para os processos educacionais. Também, enfocaremos a Cibercultura como fenômeno social associada à internet e a outras novas formas de comunicação em rede, como as comunidades virtuais, jogos sociais, mídias sociais, realidade aumentada, mensagens de texto, incluindo questões relacionadas à identidade, privacidade e formação de redes, bem como as considerações referentes a esta seção.

3.1 A inclusão digital: a relevância do idoso aprendiz por meio do celular e o letramento digital

Efetivamente, a influência das tecnologias móveis digitais implica novas formas de relação com a escrita e a leitura, uma vez que o meio em que se processam as interações linguísticas (a tela do computador, dos *smartphones*) implica, além de novas formas de acesso à informação e de interação, novos processos cognitivos. Tudo isso suscita a necessidade de um novo letramento, qual seja: o letramento digital.

Quando se leva em conta o significado do termo letramento, definido como o “[...] o estado ou condição de quem exerce as práticas sociais de leitura e de escrita, de quem participa de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas” (SOARES, p. 37, 1998), compreende-se a importância de um trabalho voltado para o idoso no sentido de possibilitar uma aprendizagem capaz de suplantar sua inclusão no contexto pedagógico, mas, sobretudo, de favorecer a sua integração nos meios em que a escrita e a leitura são mediadoras das interações sociais.

Portanto, buscando fundamentação para lidar com essa nova demanda, tenho me deparado com afirmações que se coadunam com os objetivos desta pesquisa, a exemplo do que declara Rojo (2009, p. 11): “[...] defendo que um dos objetivos principais da escola é possibilitar que os alunos participem das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática”.

Desse modo, ampliando o pensamento de Xavier (2002), tenho me dedicado a este novo desafio pedagógico, ressaltando a necessidade do letramento digital para a efetiva inclusão no idoso em tempos de cibercultura:

[...] refletir sobre o mais recente desafio pedagógico que se coloca para educadores e linguistas: letrar digitalmente uma nova geração de aprendizes, crianças e adolescentes que estão crescendo e vivenciando os avanços das tecnologias de informação e comunicação (XAVIER, 2002, p. 1).

Esses fatores fomentam a necessidade de uma abordagem mais ampla dos letramentos nos processos didático-pedagógicos, cabendo à escola a responsabilidade de promover o ensino da leitura e da escrita que dê conta das novas formas de comunicação que permeiam os meios digitais.

Segundo Street (2014, p. 145), reconfigurar o letramento como prática social significa abordar novas perspectivas históricas e transculturais na prática em sala de aula. Obviamente, não se pode acreditar em propostas de letramentos que desconsiderem o contexto sócio-histórico-cultural, como já alertava Rojo (2012, p. 13), que expõe que a multiculturalidade características das sociedades globalizadas e a multimodalidade dos textos suscitaram a abordagem dos multiletramentos, destacando a evidência de uma sociedade multicultural e multissemiótica.

Ainda no que diz respeito às considerações de Rojo (2009), tendo em vista que o letramento constitui uma prática cultural, sócio e historicamente situada, faz-se imperativo que a escola passe a abranger, nas práticas de linguagem, a capacidade dos alunos para lidar com os novos formatos de textos que imergem nos ambientes digitais, os chamados textos multimodais/multissemióticos.

Cabe destaque os pressupostos de Souza (2007), que explica o letramento digital como "uma complexa série de valores, práticas e habilidades situados social e culturalmente envolvidos em operar linguisticamente dentro de um contexto de

ambientes eletrônicos, que incluem leitura, escrita e comunicação”.

Isso posto, não se pode mais acreditar em processos educacionais que desconsiderem a importância dos novos letramentos para a formação de uma sociedade efetivamente letrada, inclusa e atuante, capaz de ler, processar e construir sentidos nos diversos contextos de interação. Para corroborar esse aspecto tão crucial para a educação, basta pensar que a língua sofre transformações no decorrer dos tempos e a linguagem acompanha essas mudanças.

Em outras palavras, para atuar nos contextos digitais, o leitor proficiente tem a capacidade de interpretar e construir sentidos com base na abordagem de textos nas plataformas digitais, que têm como suporte a tela dos dispositivos móveis e dos demais aparatos digitais. É preciso levar em conta que esses textos abrangem, simultaneamente, vários modos de expressão, múltiplas semioses (imagens estáticas ou em movimento, sons, cores, figuras), tudo isso funcionando de forma articulada para construir sentidos.

Logo, tornou-se essencial abordar os multiletramentos nas práticas didático-pedagógicas, a exemplo dos letramentos digitais, que traduzem a capacidade que o indivíduo deve adquirir para interpretar, administrar, compartilhar, criar sentido, de modo eficaz, nos canais de comunicação digital (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 17).

Conforme os autores, existem inúmeras habilidades compreendidas na competência para atuar nos contextos digitais, tais como: lidar com as tecnologias digitais, criatividade e inovação, pensamento crítico, proatividade, além da habilidade de localizar recursos, compartilhar ideias e estabelecer modos de colaboração em equipe, adquirir autonomia e flexibilidade. Por isso, a educação deve se comprometer em adequar os processos de ensino e aprendizagem às novas circunstâncias, a fim de evitar que os métodos e abordagens de ensino relativas à linguagem se tornem insuficientes e obsoletos.

Para Dudeney, Hockly e Pegrum (2016, p.17), os letramentos digitais compreendem uma gama de subtipos de letramentos que se configuram em quatro categorias-foco, das quais partem as habilidades necessárias: linguagem, informação, conexões e (re) desenhos. Essas categorias pressupõem habilidades de letramentos diferenciadas, como letramento em redes, letramento em hipertexto, em

multimídia, em informação, em pesquisa, letramento móvel, entre outros.

Dentre essas proficiências, o letramento móvel é a especificidade do letramento digital que mais se relaciona com a pesquisa que norteia este trabalho. De acordo com Dudeney, Hockly e Pegrum (2016, p. 31), os letramentos móveis mobilizaram alguns dos mais significativos e inéditos saberes no campo dos letramentos. Os autores advertem que: “a transformação do espaço vem acontecendo na medida em que as tecnologias móveis permitem à internet e ao mundo se encontrarem um com o outro e começarem a se sobrepor [...]”.

O letramento móvel constitui uma capacidade de interagir linguisticamente. Entende-se que o idoso apresenta algumas dificuldades em relação ao domínio da linguagem, tendo em vista as variações próprias da língua. Ademais, deve-se considerar, ainda, que muitos dos idosos que buscam se atualizar nos estudos passaram por processos que remetem a um período em que o ensino da leitura e da escrita apresentava graves problemas em relação aos métodos e às abordagens.

Nesse sentido, cabe destacar as dificuldades que surgem nesses processos de letramentos, em especial, para o idoso, pois, além dos desafios para desenvolver o processo de letramento tradicional, ainda tem de enfrentar a complexidade dos letramentos digitais, principalmente, nos letramentos digitais que têm como foco a linguagem, a informação e as conexões.

3.1.1 O letramento digital do idoso

Como já foi elucidado, o letramento digital tem apresentado um relevante fenômeno para o ensino e a aprendizagem voltados às novas formas de comunicação, considerando os modos/meios de interação, os formatos de textos e as linguagens contemporâneas. Sobretudo na atual conjuntura, na qual veio à tona um complexo conjunto de habilidades necessárias para atuar nos contextos digitais, primar pelo desenvolvimento do letramento digital dos alunos tornou-se imprescindível.

Então, faz-se pertinente investir em percursos metodológicos, abordagens, estratégias e práticas didático-pedagógicas que possibilitem aos alunos trabalhar com as “habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de

comunicação digital” (DUDENEY, HOCKLY E PEGRUM, 2016, p. 17).

Ademais, é importante ponderar sobre a importância de se investir no desenvolvimento da pessoa idosa em direção ao letramento digital tendo como referência a importância desse idoso em ampliar suas habilidades e competências digitais. É possível que essa articulação represente um caminho favorável e promissor nos processos educacionais.

Pensando nos letramentos digitais como um complexo de habilidades necessárias ao indivíduo para interagir nos contextos de comunicação e informação por meio dos dispositivos móveis digitais, pode-se pensar na linguagem contemporânea tendo em vista suas características e as múltiplas forma de expressão, dentre elas, a linguagem que se processa em contextos digitais.

Nesse sentido, Flauzino et al. (2020, p. 1), “o letramento digital, o qual consiste na capacidade de usar e compreender informações de vários formatos e fontes, incluindo a apropriação da nova tecnologia e a prática de leitura e escrita em tela”.

A partir dessa perspectiva, compreende-se que a pessoa idosa, frente aos seus interesses e às suas necessidades de se inscrever na cultura digital, parte da articulação entre a construção de novos saberes e seus conhecimentos básicos, interesses e, atualmente, suas necessidades sobre o uso dos dispositivos móveis.

Daí a importância de um trabalho voltado ao ensino dos letramentos, inclusive do letramento digital, o qual possibilite que o indivíduo, a partir da sistematização da aprendizagem, diante de novas informações assimiladas nos processos de ensino e aprendizagem, a partir da associação com as informações previamente adquiridas, para, com isso, atribuir novos significados às suas práticas, de acordo com as demandas que lhe são impostas dentro da realidade em que está inserido.

Para tanto, fazem-se necessários os conhecimentos sobre as linguagens contemporâneas e o desenvolvimento das habilidades essenciais para interagir nos mais diversos contextos na contemporaneidade.

3.2 Cibercultura: a Internet e novas formas de comunicação em rede

Ante as transformações decorrentes da revolução tecnológica, ressaltam-se, sobremaneira, os impactos da cibercultura na sociedade pós-moderna. No âmbito do

que se convencionou chamar de tribos da socialidade, os estudos de Lemos (2002) mencionam os conceitos de socialidade em contraste com socialidade. Associando esses conceitos ao tema sobre o qual se pretende discorrer, cabe destaque o contingente de idosos que, nos tempos atuais, têm marcado sua inscrição nos espaços midiáticos.

Sabe-se que, atualmente, a facilidade no acesso às redes de internet, e, por conseguinte, a intensificação do seu uso por públicos diversificados, possibilitou o advento da sociedade em redes.

Entender o que, de fato, representa a comunicação para a sociedade pós-moderna significa desvelar os interesses que subjazem aos apelos dos novos modos de relação que se estabelecem no contexto sócio-político-cultural da atual sociedade da comunicação.

Se, a inclusão digital, mais que em qualquer outro período da história, constitui algo além de uma prerrogativa, passando a ser uma necessidade para o idoso, essa inclusão deve estar para além do uso dos artefatos como o fim em si mesmos, devendo assegurar ao cidadão a efetiva integração na cibercultura. Em contrapartida, os estudos sobre a inclusão digital dos idosos brasileiros necessitam de um maior destaque; além de que as pesquisas na área ainda não atendem à necessidade do letramento digital para esses cidadãos.

Partindo desse prisma, o debate aqui proposto transcende a questão sobre o limite entre verdade (científica ou não) e mito/falácia/fake News. Mais que isso, a discussão refere-se à manipulação dos fatos e à influência que a subjetividade tem sobre o modo como a sociedade contemporânea reage às notícias disseminadas nos meios de informação e comunicação, de tal modo que a objetividade perde o seu valor no tratamento que se atribui à veracidade das informações.

Nesse sentido, cumpre refletir sobre a inscrição do idoso no contexto da cibercultura tendo em vista sua condição como principal agente de disseminação de fake News, segundo dados de um estudo divulgado pela Revista BBC News (2019), publicado por Andrew Guess (da Universidade Princeton) e Jonathan Nagler e Joshua Tucker (da Universidade de Nova York (NYU), ambas nos EUA. Essa questão suscita elucubrações teóricas que visem à elucidação dos fenômenos que influenciam as relações entre indivíduos ou grupos (usuários) no âmbito da cultura digital.

Considerando o impacto da Pós-verdade sobre a sociedade pós-moderna, a relevância deste estudo reside na necessidade de se refletir sobre a importância do letramento digital para a formação do indivíduo, destacando aspectos imprescindíveis à sua formação para sua inscrição na cibercultura.

O problema que motivou esta pesquisa partiu do interesse em analisar o potencial das Tecnologias Digitais Móveis (TDM) no que se refere à inclusão digital do idoso no processo de socialização e interação com as redes sociais. Destacou-se, como objetivo geral: analisar como as oficinas de Tecnologias Digitais Móveis (TDM) do projeto UNCISATI podem contribuir para a inclusão digital do idoso participante no processo de socialização e interação com as redes sociais e seus reflexos na melhoria de qualidade de vida.

Visando à geração de registo para responder à problemática, foi realizada uma entrevista semiestruturada (TRIVIÑOS, 1987) e a aplicação de um questionário com fundamento em estudos nas bases científicas de dados do Google Acadêmico, da Scielo, e em estudos a partir de referenciais teóricos sobre o tema. O público-alvo foi um grupo de idosos participantes das oficinas de tecnologia móveis realizadas na Universidade Estadual de Ciências da Saúde Alagoas (UNCISAL).

3.2.1 Cibercultura: o conceito de sociabilidade e “socialidade”

A cibercultura, segundo Lemos (2010), caracteriza-se como o espaço de ação conjunta entre a técnica e o social, sem que, para isso, exista supremacia entre esses elementos. Portanto, as tecnologias constituem um artefato “de alienação, desencantamento do mundo e do individualismo”. No universo da cibercultura, a socialidade vem se potencializando na medida em que a relação da sociedade com essas novas tecnologias favorece o compartilhamento de emoções, de convivialidade.

Segundo os pressupostos de Maffesoli (1988), o ápice da comunicação é o contato, o simples “colocar em relação”, a chamada função fática. Já na informação, o importante é o conteúdo, o valor operativo, funcional, de um dado fornecido a um receptor.

Para Lemos, (2010), a sociedade contemporânea do século XXI, mais conhecida como sociedade da informação e da comunicação, confronta-se com a

moderna (do século XX), a sociedade do consumo e do espetáculo. À sociedade pós-moderna, da informação e da comunicação, o autor relaciona a socialidade, termo que se refere a uma “fenomenologia do social em que os sujeitos desenvolvem agrupamentos festivos, solidários, empáticos (sentir o que sente a outra pessoa), emotivos, cotidianos, do “estar junto””. (LEMOS, 2010, p. 21). O que - conforme explica Lemos – distingue-se da socialidade, típica da sociedade moderna, uma sociedade racional, desprovida de emoções e marcada pela objetividade, pelas funções práticas.

Tomando como referência a era da Pós-verdade, pode-se entender essa relação entre a socialidade e os apelos às emoções ou às crenças pessoais, ao sensacionalismo bem elaborado, como bem explica o professor Luis Mauro Sá Martino (Informação verbal, 2018)⁶.

Contudo, o que se espera de uma sociedade informada, que visa a explorar as potencialidades da cibercultura no âmbito da economia, da cultura, do político e do humano, (LEMOS, 2010), o que se tem, de fato, é a desinformação, em consequência da manipulação dos fatos e do combate às pesquisas científicas e ao desenvolvimento intelectual dos cidadãos, que tem marcado a atual conjuntura sócio-política do País.

Essa verdade contrapõe-se ao pensamento de Lévy (2000), de que o homem está avançando em direção à inteligência coletiva, o que vai promover uma evolução na comunicação, favorecendo o compartilhamento do conhecimento entre as pessoas. Apesar de que, sem dúvida, a Internet tem potencial suficiente para promover esse desenvolvimento, a despeito desse paradigma do obscurantismo, que se instaurou com a quebra da ética e da moral na sociedade pós-moderna.

3.2.2 Perspectivas acerca da inscrição do idoso nas sociedades em rede

⁶ Comunicação do professor Luis Mauro Sá Martino, graduado em Comunicação (Faculdade Cásper Líbero) Doutor em Ciências Sociais (PUC/SP), sobre o tema *O que é verdade e o que é mentira na era digital*, em agosto de 2018 no canal Casa do Saber. (<https://digital.casadosaber.com.br/>).

Já é sabido que as tecnologias digitais têm promovido mudanças significativas nas formas de relacionamento e de comunicação entre as pessoas. Fato é que muitos não têm noção de como a vida em rede tem trazido desafios sobre os quais, muitas vezes, não há o devido conhecimento para encará-los; nem de como os meios de comunicação têm afetado a maneira como as pessoas abstraem, compreendem e analisam os fatos.

Fomentar o debate sobre a relação entre o idoso e as novas tecnologias digitais, e mais estritamente, sobre sua inclusão na cibercultura, o compartilhamento de mensagens e sobre a disseminação de *fake news* nas redes sociais, faz suscitar, a princípio, a análise sobre os fatores inerentes à inclusão digital dessa camada social, que tem marcado sua inscrição na cibercultura, muitas vezes, sem o mínimo de habilidade para utilizar esses novos aparatos, ou seja, o letramento digital do idoso.

Deve-se considerar que, nesse estágio da vida, o indivíduo tem necessidade de estabelecer relações interpessoais. Ademais, é bem provável que um maior contingente de idoso passe a acessar as redes sociais, com maior frequência, muito mais pelo interesse do que pelo desejo de combater o isolamento.

Por conseguinte, não se deve prescindir de abordagens e metodologias adequadas às suas necessidades (no âmbito da educação digital), a fim de superar a visão estereotipada sobre a condição do idoso e, principalmente, para que as pessoas da terceira idade tenham certa autonomia para aprender a utilizar e compreender os mecanismos de funcionamento desses artefatos para, assim, conseguir dispor de suas funções tanto para o uso pessoal e cotidiano quanto para o bom desempenho profissional (KACHAR, 2003; 2010).

Na seção subsequente, apresentamos os dados coletados e as categorias de análise.

4 INCLUSÃO DIGITAL DE IDOSOS NAS REDES SOCIAIS

*"Eu viajei este país
de ponta a ponta,
conheci pessoas, falei com
crianças, com idosos, e com
todos que eu poderia tocar ou ver.
Todos buscam paz.
Todos buscam uma vida melhor.
Todos desejam trabalhar juntos."
(Nelson Mandela, 1994)*

Na etapa de delineamento da pesquisa, destacamos que as Oficinas de Tecnologias Digitais Móveis (TDM) do projeto de extensão da UNCISAL/AL podem contribuir para a inclusão digital do idoso refletindo na melhoria de qualidade de vida desses indivíduos. Partindo desse pressuposto, então, buscamos investigar de que modo, e em que medida, essas oficinas podem contribuir para a sua efetiva inclusão digital, com os aplicativos e sites de redes sociais digitais, analisando os seus reflexos na melhoria da qualidade de vida.

4.1 Oficinas de redes sociais e tecnologias móveis para o idosos

A partir das oficinas de inclusão digital no projeto UNCISATI foram desenvolvidas e planejadas atividades como forma de proporcionar momentos descomplicados, práticos e no formato bem personalizado para que o participante pudesse favorecer o seu acesso aos dispositivos Móveis (celular), a proporcionar uma aprendizagem mais efetiva e permitir a inserção dos idosos no “Mundo Digital”.

Cada um dos vinte e cinco alunos realizou sua inscrição nas oficinas de forma espontânea nas turmas do ano letivo de 2020, mas, por motivo da Pandemia do Covid-19, a pesquisa foi realizada com a turma de 2019, por meio do aplicativo WhatsApp, por onde os alunos responderam ao questionário disponibilizado no Google Forms.

Nessa direção, é importante destacar que as inscrições para participação das oficinas do projeto UNCISATI são realizadas por meio de edital de seleção e disponibilizadas nos meios de divulgação digital e impresso (site oficial da Universidade, redes sociais, TV, rádio e sites de notícias). Os idosos que procuram a

oficina, o fazem por livre opção e vontade e, desde a primeira oferta, é uma das que apresentam bastante interesse no sentido de concorrência para o acesso às vagas.

Segundo o Estatuto do Idoso (2003), prevê no Art. 21. que “o Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados”. Conforme o parágrafo primeiro deste artigo: “os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna”.

Nesse sentido, as oficinas foram organizadas a partir de alguns critérios: pessoas com mais de 60 anos de idade, matriculadas regularmente no projeto de extensão UNCISATI, que possuem o segundo grau e o seu próprio celular.

Não participaram aqueles que por algum motivo não conseguiram responder ou enviar as questões propostas, talvez por ausência das redes sociais ou por motivo de doença ou morte (pandemia Covid-19), ou que por algum motivo desistiram de participar após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As aulas aconteceram em uma sala de aula da UNCISAL, todas as quintas-feiras com duração de duas horas semanais, no período vespertino, com a participação da professora/pesquisadora e mais 10 alunos monitores dos diversos cursos da Universidade que foram aprovados na seleção do projeto de extensão da UNCISATI no período letivo do ano de 2019.

Os seguintes conteúdos e atividades que foram desenvolvidas nesse período foram: Apresentação da turma por meio de uma dinâmica em roda de conversa com o objetivo inicial de traçar o perfil dos alunos, suas necessidades e expectativas com relação ao ano letivo de novas aprendizagens; orientações básicas sobre manuseio do dispositivo móvel (celular) e diversos aplicativos, tornando possível a conexão do idoso com suas redes e com o mundo digital.

A Oficina ainda contempla, conteúdos sobre: Android e IOS, configurações básicas do celular, como fazer e receber ligações, enviar e responder mensagens de texto, utilizar a câmera (funções zoom, selfie, armazenamento, edição, enquadramento de fotos, vídeos), rádio, relógio, alarme, agenda, conexões por *bluetooth*, localização, uso de aplicativos (principalmente WhatsApp), Facebook, Instagram, Youtube, pesquisas, notícias entre outras funções. As aulas e oficinas são

ministradas pela professora/pesquisadora e por alunos que fazem parte do projeto de extensão UNCISATI, na condição de monitores, esses alunos são graduandos dos cursos de enfermagem, fisioterapia, fonoaudiologia, Gestão Hospitalar, Terapia ocupacional e Análise e Desenvolvimento de sistemas da UNCISAL.

Importante destacar que vários idosos chegavam com o celular, ainda na caixa, solicitando a configuração do dispositivo, para que fosse utilizado pela primeira vez. E considerando a exposição do idoso a vulnerabilidade e aos crimes digitais, toda a oficina foi planejada também com os conteúdos de noções de navegação com segurança, antivírus, “Netiqueta”, proteção contra golpes financeiros, amorosos, furto de dados, músicas, vídeos etc. Por considerar importante esclarecer a crescente, facilidade de contratação de empréstimos consignados, e dentre outras temáticas que eram propostos pelos idosos participantes, a oficina também realizou palestras com as seguintes temáticas: “Inclusão social de idosos por meio dos dispositivos móveis” “*Fake News*: o que eu tenho a ver com isso?” “Saúde e *Fake News*: desinformação e o enfrentamento ao novo coronavírus”, sendo estas como parte integrante no congresso Acadêmico da UNCISAL, tanto para os alunos idosos, quanto para todos os alunos da instituição.

Uma particularidade das oficinas ministradas é que apesar de existir o conteúdo programático básico, as aulas são personalizadas, e cada dia de aula surgia sugestões de temas que eram compartilhados com todos.

Para incentivar e até mesmo como momento de socialização dos idosos, realiza-se uma cerimônia simbólica de encerramento do curso, com a entrega de um certificado de conclusão aos participantes, denominada de formatura, sendo um momento festivo e de interação com a gestão da UNCISAL e com os demais participantes de todas as outras oficinas. As famílias são convidadas a prestigiarem o evento, visando à valorização do idoso, de sua autonomia e participação social.

Em suma, pode-se constatar que a Oficina Redes Sociais e Dispositivos Móveis para o Idoso proporcionou a descoberta e inserção de um novo aparato tecnológico de comunicação e de colaboração nas atividades cotidianas, de lazer, promovendo a interface entre a tecnologia, e na proposição de melhorias para processo de envelhecimento.

Os idosos aprenderam a fazer e receber ligações de vídeos, se comunicar com parentes distantes de outros Estados e Países, fazendo parte de vários grupos pelo WhatsApp, e pelo Facebook (grupos religiosos, de saúde, de cinema, de música, de vizinhos e outros nos aplicativos de conversas, inclusive com a professora/pesquisadora e com os monitores; utilizam seus celulares para programar atividades, consultas, lembretes; e para acessar a internet. Os idosos referem melhoria da autonomia e autoconfiança, independência para utilizar os aparelhos, “sem precisar implorar na maioria das vezes por ajuda...”, como eles próprios afirmam.

Destaca-se a importância da oficina para o fortalecimento dos vínculos familiares, diminuição da solidão, alívio para as questões depressivas, em particular no momento de pandemia facilitou os contatos e a busca de atualização nas notícias, bem como minimizar o isolamento social, no período pandêmico, contribuindo para melhoria da qualidade de vida.

4.2 Análises dos dados coletados na fase exploratória

Para dar início à investigação, realizamos, então, a primeira fase da pesquisa, caracterizada como exploratória, com a qual obtivemos informações do contexto local e do objeto focalizado. Entendemos que esse procedimento metodológico suscita, por parte dos pesquisadores e dos participantes representativos da situação investigada, uma ação planejada, de modo interativo, cooperativo e participativo (Gray, 2012, p. 255).

No sentido de promover a efetiva participação mútua, com a aplicação de um plano de ações que considera o contexto da pesquisa, seguimos os pressupostos de Thiollent (1986) e Gray (2012), a partir dos procedimentos da pesquisa-ação. Retomamos os pressupostos de Thiollent (1986), de que a pesquisa-ação, pressupõe o planejamento de uma ação de caráter social, educacional, técnico, entre outros aspectos.

Quanto ao percurso metodológico, seguiram-se os pressupostos de Thiollent (1986) e Gray (2012). Sendo assim, no que se refere à metodologia, esta pesquisa será do tipo pesquisa-ação, que se caracteriza como um modo de pesquisa em que a participação significa muito mais que um mero envolvimento.

A pesquisa-ação – explica Gray (2012) - constitui uma abordagem como foco simultâneo e participativo na ação e na pesquisa, e é considerada como o modo que, particularmente, leva mais a sério as experiências diretas dos participantes para a geração de dados.

Ainda com base nos pressupostos do autor, a pesquisa-ação constitui uma abordagem que, particularmente, incorpora um entendimento do poder da dinâmica do grupo e as relações entre estes e as comunidades. Esta, também, fortalece os alunos para que assumam responsabilidades por sua aprendizagem. A pesquisa-ação, em sua essência, segue os processos cíclicos de planejamento, ação, observação e reflexão (GRAY, 2012).

Nesse sentido, constitui uma proposta investigativa de ação social transformadora, na medida em que viabiliza condições de produção de informações e conhecimentos de uso mais efetivo, visando a ações e transformações de situações dentro da própria instituição, sobretudo em relação a questões de injustiça e exclusão social (Gray, 2012). Isso suscita, por parte dos pesquisadores e dos participantes representativos da situação investigada, uma ação planejada, de modo interativo, cooperativo e participativo.

Conforme Thiollent (1986), a pesquisa-ação, além da participação mútua, pressupõe o planejamento de uma ação de caráter social, educacional, técnico ou de outro caráter.

Logo, a escolha pela pesquisa-ação justifica-se na possibilidade de focar numa situação social situada em conjunto, o que possibilita ao investigador assumir uma atitude participativa diante do grupo, passando a analisar os dados enquanto elementos de um processo de mudança social; isto é, o investigador não se constitui um mero observador. Desse modo, ele trata os conhecimentos prévios como substrato para a realização da sua análise reflexiva sobre a realidade e os elementos que a integram, o que vai interferir em seu conhecimento.

Enfim, cumpre reforçar que a pesquisa-ação constitui um processo reiterativo que segue, impreterivelmente, o ciclo do planejar – agir – observar e refletir. Nesse processo, por meio de procedimentos teóricos e técnicos de coleta de dados, a análise dos dados pode ser feita com base em categorias pré-estabelecidas, que levem em conta critérios para compreender questões, como: o que foi aprendido, qual o valor da

aprendizagem, e se/e em que medida essa aprendizagem pode ser aplicada em outros contextos.

Quanto à abordagem, classifica-se como pesquisa qualitativa, que se caracteriza por sua “relevância aos estudos das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida” (FLICK, 2009, p. 20).

Ainda sobre a abordagem qualitativa, Moreira e Caleffe (2008, p. 73) defendem que “a pesquisa qualitativa explora as características dos indivíduos e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente. Os dados são frequentemente verbais e coletados pela observação, descrição e gravação”.

A pesquisa qualitativa, afirma Flick (2009), não se constitui com base em uma teoria ou abordagem metodológica unificada. Refere-se a um método favorável na medida em que aborda uma variedade de técnicas com a finalidade de apreender e interpretar os significados existentes no ambiente da investigação, considerando que a realidade é fluente, contraditória e partilhada (CHIZZOTTI, 2011).

Efetivamente, a abordagem qualitativa implica um método pertinente para esta pesquisa, visto que a pesquisa qualitativa ocorre em um cenário natural, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais, sendo um processo dentro do qual se definem e se redefinem, constantemente, todas as decisões no decorrer do campo de pesquisa. Outrossim, considerando o *lócus* da pesquisa como o cenário social em que tem lugar o fenômeno estudado em todo o conjunto de elementos que o constitui, e que, por sua vez, está constituído por ele.

Sendo assim, seguindo com os instrumentos de coleta de dados, elaboramos e aplicamos o primeiro questionário semiestruturado, como uma espécie de diagnóstico da situação inicial, visando à elaboração de um plano de ação planejada, de modo interativo, cooperativo e participativo (Gray, 2012, p. 255).

Desse modo, para assumir uma atitude participativa diante do grupo, precisávamos analisar as características dos participantes com o fito de realizar uma análise reflexiva, considerando o *lócus* da pesquisa e o conjunto de elementos que o constitui, e que, por sua vez, está constituído por ele.

Portanto, logo que se iniciaram os procedimentos para a coleta de dados, a primeira ação focou na caracterização dos participantes, tendo em vista o significado que eles apreendem sobre os dispositivos móveis ligados às mídias virtuais; e mais

que isso, procuramos investigar de que modo esse significado influencia as dinâmicas dos grupos formados nas oficinas.

Paralelamente, realizamos a entrevista semiestruturada, visando a comparar os dados coletados por meio do primeiro questionário com os textos por eles produzidos na ocasião da entrevista. Além disso, construímos, de forma paulatina, o diário das aulas com foco nas produções orais e escritas realizadas no âmbito das oficinas. A partir desses procedimentos, iniciamos o processo cíclico próprio da pesquisa-ação.

Esses procedimentos baseiam-se nos pressupostos de Gray (2012, p.140), de que a pesquisa-ação leva em conta o poder da dinâmica do grupo e de que modo essa dinâmica interfere na relação dos participantes com a comunidade. Assim, fez-se pertinente analisar o modo como o uso dos dispositivos móveis influenciam a vida social dos participantes, à priori, para, então, poder compreender em que medida as oficinas modificaram essas relações.

Cabe reforçar que, segundo explicações de Gray (2012, p.140), a pesquisa-ação caracteriza-se pela aplicação de atividades e métodos diversificados, na medida em que se referem a uma grande variedade de abordagens à pesquisa, quer seja quanto à relação entre pesquisador e participantes, quer seja quanto ao foco da pesquisa em si (GRAY, 2012). Tudo isso, privilegiando os dados qualitativos e atribuindo mínima importância à representatividade numérica, tendo em vista um conjunto de procedimentos, tanto de cunho intelectual quanto técnico, voltados aos objetivos definidos.

Assim, uma vez que como explica o autor a pesquisa-ação constitui uma metodologia como foco simultâneo e participativo na ação e na pesquisa, e é considerada como o modo que, particularmente, leva mais a sério as experiências diretas dos participantes para a geração de dados, faz relevante apreender, além de suas caracterizações, suas experiências relacionadas ao tema considerando-as em face das etapas: antes, durante e no final do processo.

Aplicando a espiral de planejamento, ação, observação (GRAY, 2012; THIOLENT, 2011), elaboramos o primeiro formulário com questões relacionadas ao perfil dos participantes e às relações que eles já estabeleciam com e por meio das mídias digitais (tanto as físicas quanto as virtuais) antes das oficinas.

Seguindo a abordagem qualitativa e o caráter “radicalmente hermenêutico de construção e reconstrução de compreensões sociais e culturais relativas ao fenômeno que investiga” (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 169) - intrínseco à ATD -, iniciamos esta sessão da análise investigando os aspectos identitários dos participantes tendo como base os pressupostos da Gerontologia Social.

Ainda em relação à metodologia da pesquisa, foi pertinente ao contexto atual a escolha pela pesquisa-ação. Diante de um panorama em que as transformações têm se dado com intensa velocidade, e devido à diversidade de iniciativas sociais, a abordagem da pesquisa-ação tem sido uma escolha recorrente em pesquisas que visam tanto à identificação e resolução de problemas coletivos, quanto à aprendizagem dos atores e pesquisadores envolvidos (THIOLLENT, 2011).

Cabe destacar que a análise dos dados levou em consideração, a princípio, o critério idade, uma vez que esta pesquisa foca na participação do idoso nas esferas sociais. Assim, com base no pressuposto de que o fator cronológico deve ser analisado em relação a outros aspectos (sociais, culturais, cronológicos, biológicos, psicológicos), fez-se necessário analisar entre os participantes, de que modo as variações da idade, por si só, influenciam os comportamentos de cada um na perspectiva de suas relações com as tecnologias digitais.

Sumariamente, o fator idade cronológica desempenha um papel central, uma vez que o elemento de investigação parte, *a priori*, da característica cronológica, pois foca na pessoa idosa. Essa estratégia fundamenta-se no pensamento de Schroots e Birren (1990), que consideram a idade cronológica como algo absoluto, e à qual devem ser fixadas propriedades que podem ser medidas.

Segundo Hoyer; Roodin (2003), a idade cronológica representa um dos meios mais convencionais e simples de se obter informações sobre uma pessoa. No entanto, tendo em vista o caráter multidimensional do processo de envelhecimento, a idade cronológica não se torna uma boa medida da função desenvolvimental, logo, leva-se em consideração a idade cronológica no centro da questão, mas sempre associada aos fatores mencionados anteriormente.

A partir dos estudos sobre a Gerontologia social, atentamos para uma assistência didático-pedagógica adequada a esse grupo de pessoas, uma vez que se faz necessário que os profissionais que trabalham com as questões inerentes ao

envelhecer considerem a influência dos fatores biológicos sempre os associando às necessidades sociais, psicológicas e culturais.

Com base nos dados coletados das entrevistas e do questionário, destacamos que, entre os participantes, as faixas etárias referem-se a 60 e 81 anos, e a predominância situa-se na idade de 70 anos, seguidos por três participantes com 69 e três com 72 anos. (Esses dados serviram de parâmetro para as primeiras observações, em vista de registrar as variáveis com base nos demais fatores que norteiam os estudos da Gerontologia Social além do cronológico, quais sejam: social, psicológico, cultural e biológico).

Tabela 1 - Variáveis entre a idade dos participantes e os fatores relacionados à vida social e cultural

| Faixa etária | Nível de escolaridade | Profissão/ Situação profissional | Participação em atividades culturais e de lazer |
|-------------------|-----------------------------|--|---|
| 81 anos 3,6% | Graduação | | |
| 78 anos 7,1% | Pós-Graduação 10,7% | Aposentada 57,1% | Atividades culturais/artísticas 32,1% |
| 76 anos: 3,6% | Graduação 32,1% | Não informou/Aposentada | Atividades culturais/artísticas/Atividades de lazer |
| 72 anos: 10,7% | Ensino Médio 35,7 | Professora/Aposentada | Atividades profissionais 10,7% |
| 71 anos 3,6% | Ensino Fundamental 21,4% | Funcionária pública estadual/Aposentada | Viagens 35,7% |
| | | Professora/Aposentada | Atividade física 3,6% |
| 70 anos 17,9% | | Contadora/Aposentada | Pilates, dança, yoga, meditação 3,6% |
| 69 anos 10,7% | | Não respondeu | |
| | | Funcionária Pública Federal/Administradora | |
| | | Comerciante/Aposentado | |
| | | Professora/Aposentada | |
| | | Funcionária Pública/Aposentada | |
| 69 anos: 33,6% | | Costureira/Aposentada | |
| 67 anos 3,6% | | Costureira/Aposentada | |
| 66 anos 3,6% | | Professora/Aposentada | |
| 64 anos 3,6% | | Dona de casa/Aposentada | |
| 63 anos 3,6% | | Dona de casa | |
| | | Secretária escolar/Aposentada | |
| | | Doméstica/Ativa | |
| 62 anos 3,6% | | Professora/Aposentada | |

| | |
|-----------------|--|
| | Psicóloga não atuante/Funcionária Pública Federal |
| | Aposentada |
| 61 anos 3,6% | Funcionária pública/Aposentada |
| 58 anos 3,5% | Do lar/Não informou |
| TOTAL = | 99,9% |

Dados da Pesquisa (2020)

Com isso, verificamos que os participantes com maior idade, em sua maioria, apresentam pós-graduação ou, pelo menos, graduação. Por outro lado, os com menor idade, no máximo, concluíram o ensino médio.

Associando a idade aos fatores relativos às expectativas de aprendizagem, à vida digital e à motivação para realizar atividades dentro e fora das oficinas, constatamos a influência do nível de escolaridade na qualidade de vida dos participantes.

Essa questão está expressa nas ponderações de Papaléo Netto (2002); Rodrigues; Terra (2006), que explicam o envelhecimento associando-o, não somente, a modificações morfológicas, mas também bioquímicas, funcionais e psicológicas que influenciam a qualidade de vida dos indivíduos, levando em conta, ainda, questões relativas à vida familiar, profissional, social e aspectos formais e informais.

Com isso, constatamos a importância dos processos educacionais, que tanto influenciam as condições de interação entre indivíduos de todas as idades, fazendo com que essas pessoas tenham uma visão menos negativa sobre o envelhecimento e mais positiva sobre o seu potencial.

As informações referentes ao nível de escolaridade dos participantes são relevantes na medida em que se defende que o conhecimento científico desempenha um papel crucial e influencia os fatores múltiplos intrínsecos à velhice, quais sejam: fatores individuais, interindividuais, grupais e socioculturais.

De acordo com os estudos de Doll (2007, p.117)⁷, a educação tem potencial para favorecer o crescimento pessoal, uma vez que as capacidades intelectuais

⁷⁷ Johannes Doll, Pedagogo, teólogo, especialista em gerontologia (Heidelberg, Alemanha), doutor em Filosofia (Universidade Koblenz-Landau, Alemanha), é professor adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Coordena o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento.

básicas do idoso tendem a ser preservadas. Isso pode explicar o fato de que, entre os participantes, os idosos acima de 70 anos, cujos resultados superaram os mais novos, apresentavam um nível maior de escolaridade, corroborando a afirmação de Doll sobre o potencial dos estudos em favorecer os aspectos da inteligência que dependem dos estímulos trazidos pela cultura: “a inteligência prática, as especialidades, a criatividade e a sabedoria”.

Ainda sobre o aspecto educacional, Neri e demais autores. (2007, p. 143), destacam uma questão muito pertinente à relação entre a idade cronológica e os fatores educacional e psicológico. Segundo os autores, a imagem negativa da velhice (mais especificamente nesse caso) de que o idoso não está apto para acompanhar as mudanças do mundo contemporâneo, implica em *estereótipos de quadros patológicos ou em perfis particulares*. Por isso, faz-se mister a relevância de projetos (sobretudo de formação educacional) para a prevenção de problemas tais como, a depressão e outras doenças de cunho psicológico (NERI et al., 2007).

Vimos, com isso, que, dentre os participantes, quanto maior o nível de formação, maior é a propensão à melhoria da autoestima e a pensamentos e perspectivas mais favoráveis sobre o processo de envelhecimento. Assim, corroboramos a afirmação de Doll (2007, p.109-110) de que “a educação ao longo de toda a vida e na velhice é considerada um instrumento fundamental à determinação de uma velhice bem-sucedida.

Outro fator preponderante é a compreensão do gênero como um indicador relevante para fins desta pesquisa. De acordo com os pressupostos de Neri *et al.* (2007), assim como a idade, o sexo representa uma variável poderosa do desenvolvimento e do envelhecimento, já que esses aspectos reverberam características genético-biológicas e socioculturais.

Nesse sentido, nossas investigações devem considerar, segundo Neri (2007), as variáveis entre os participantes homens e mulheres, considerando o sentido que dão à aprendizagem, a funcionalidade dos dispositivos móveis e a influência da cultura

Os estudos e as ponderações de Doll encontram-se no livro *Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade*.

digital entre eles, bem como o comportamento de cada um (divididos por gênero) na cibercultura.

Para a Psicóloga, os fatores sexo e idade constituem variáveis antecedentes valiosas para as análises do processo de envelhecimento. Neri (2007) explica que, em geral, apesar de viverem menos, os homens têm melhor qualidade de vida que as mulheres. Entre outros fatores, no aspecto educacional, eles superam as mulheres em número.

No âmbito desta pesquisa, porém, constatamos que o número de mulheres participantes é, significativamente, superior ao de homens: 96,4% dos participantes são do gênero feminino.

Esse dado traduz o fenômeno da feminização da velhice no Brasil, pois o número de mulheres é mais expressivo à medida que a idade avança. Além disso, as mulheres participam mais da vida social, tanto no âmbito familiar quanto nos demais (NERI, 2007). Tal fenômeno pode ser constatado, também, a partir dos dados de uma pesquisa realizada em 2019 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontando que, em 2012, a população idosa correspondia a 5,7% de homens e 7,2% de mulheres. Já em 2018, o total de homens cresceu para 6,8%, enquanto as mulheres passaram a representar 8,6% (IBGE, 2019).

Nesse sentido, amparamo-nos na ATD (ainda nesta seção) com o fito de alcançar as interpretações possíveis para constatar de que, por estarem mais conectadas que os homens, o funcionamento psicossocial entre as mulheres é mais favorável.

O critério de análise baseado na profissão, em nosso entendimento, está relacionado à influência do trabalho com as tecnologias digitais, pois a funcionalidade desses aparatos interfere, sobremaneira, no uso que eles fazem e na forma como eles utilizam os dispositivos móveis, e se esse uso é meramente técnico ou se envolve outros aspectos cognitivos.

Outro critério considerado para o início das investigações é o desempenho profissional, tendo em vista que a vida profissional também tem grande influência no potencial de aprendizagem. A priori, consideramos que isso pode ocorrer de forma dúbia. Por exemplo: se o idoso ainda desempenha ou desempenhava sua função de forma prazerosa e obtém/obtinha resultados satisfatórios, é provável que sua relação

com a aprendizagem seja influenciada; e as oficinas podem exercer um papel fundamental para o estímulo à aprendizagem.

Por outro lado, quando há insatisfação pela exaustão causada em decorrência de muitos anos assumindo uma função que não o apraz, pode haver um prejuízo nos estímulos à aprendizagem. Nesse caso, as oficinas também podem exercer um papel fundamental para o estímulo à aprendizagem, mas podem também intensificar o nível de insatisfação que eles já apresentam, se não é atribuído um sentido positivo em suas impressões e expectativas.

Recorremos à exposição de Rodrigues e Terra (2006), de que o bem-estar na velhice está para além da ausência de enfermidades, associando-se, também, a questões socioeconômicas e a determinadas habilidades, dentre elas: desenvolvimento pessoal, satisfação e *status* social; autonomia e independência, renda, relações interpessoais (formais e informais); e atividades laborativas (remuneráveis ou não).

De acordo com Neri (2007), existe uma grande tendência de cerceamento à liberdade, à autonomia e à capacidade de escolhas do idoso, visto que as limitações físicas, não raramente, são confundidas com a incapacidade de tomar decisões. Portanto, para evitar o paternalismo social, o trabalho na terceira idade tem grande relevância na autoestima do idoso.

Diante dessas ponderações, passamos a elaborar um plano de ações com o fito de promover práticas didático-pedagógicas que desse conta de questões inseridas em duas perspectivas/possibilidades: i. o uso produtivo dos dispositivos móveis, como possibilidade de articulação ao trabalho, aos estudos e à informação e à comunicação; ii. o uso lúdico, ampliando as possibilidades de lazer, entretenimento e atividades culturais.

No decorrer desta sessão, apresentaremos uma análise acerca das variáveis entre a idade dos participantes, suas posturas e habilidades, relacionadas ao uso dos dispositivos móveis e suas interações nas mídias virtuais, levando em conta, primeiramente, o início de nossas interações, além do processo e dos resultados alcançados.

A Tabela 1 apresenta o resumo dos gráficos resultantes do primeiro questionário, tendo como base a idade dos participantes, articulada a fatores

relacionados aos aspectos culturais, sociais, psicológicas, econômicas e ambientais, conforme Rodrigues e Terra (2006), que defendem o caráter multidimensional dos fatores que influenciam no percurso da vida de cada pessoa, além do fator cronológico.

A coleta dos dados referentes aos fatores que compõem a tabela 1 significou um elemento importante não somente para a construção de uma base de informações a respeito do problema investigado, mas também para a interpretação das manifestações de comportamentos, atitudes, performances, dificuldades, nível de adaptação e aprendizagem dos participantes, favorecendo, ainda, a elaboração das oficinas e a preparação das atividades aplicadas.

Nesse sentido, as práticas didático-pedagógicas foram fundamentadas na promoção do bem-estar de cada participante, de acordo com suas condições e necessidades para a efetiva participação nas oficinas, mediante metodologias ativas para possibilitar uma aprendizagem real. Vale destacar, que as metodologias ativas tendem a trabalhar com as práticas em situações problemas, conceito este defendido por Freire (2002), na medida em que “[...] professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve.” (FREIRE, 2002, p. 33)

Logo, a dinâmica das oficinas seguiram uma perspectiva de valorização dos conhecimentos e habilidades presentes no cotidiano dos participantes, priorizando a aprendizagem para o desempenho de papéis sociais, com estímulo ao uso dos dispositivos móveis para a busca de novos conhecimentos e para a prática de atividades cuja funcionalidade estivesse relacionada ao contexto em que cada participante está inserido, visando, também, a possibilidade de articulação entre a profissão/função de cada um prática que eles pudessem vir a desenvolver por meio dos dispositivos móveis ligados aos ambientes digitais.

Desse modo, a fase exploratória da pesquisa dialoga com as ponderações de Rodrigues e Terra (2006), de que o bem-estar na velhice não se deve apenas à ausência de doenças; mais que isso, a qualidade de vida do idoso depende de questões socioeconômicas e a determinadas habilidades, tais como: longevidade; saúde física e mental; desenvolvimento pessoal; satisfação e status social; autonomia e independência; renda; continuidade de papéis na família e na sociedade; relações

interpessoais (formais e informais); e atividades laborativas (remuneráveis ou não), recreativas (socioculturais) e espirituais (transcendentais). (RODRIGUES; TERRA, 2006 p. 63,).

Desse modo, destacamos alguns exemplos na tabela 2 referentes ao perfil e expectativas de alguns participantes das oficinas. Em tempo, ressaltamos que para preservar a identidade dos participantes, foram utilizados nomes fictícios.

TABELA 2 - PERFIL E EXPECTATIVAS

| Participante | Perfil/Expectativas | Situação | Participação | Resultados alcançados |
|-------------------|--|---|--|--|
| Ariadne – 69 anos | Gosta muito de viajar e fotografar; Disposta e animada, apesar das limitações. | Portadora de uma doença degenerativa; Pós-graduada; Aposentada; Relatava dificuldade para utilizar as funções do celular e para acessar as redes sociais. | Portadora de uma doença degenerativa; Pós-graduada; Aposentada; Relatava dificuldade para utilizar as funções do celular e para acessar as | Aprendeu a usar as ferramentas multimídias, interagir nas redes sociais. |
| Afonso – 63 anos | Comunicativa ao extremo e sempre muito grata pela oportunidade de aprender. | Curso técnico | Determinada para aprender sempre, a ponto de suspender os atendimentos esteticistas, às quintas-feiras, para não perder o horário da Oficina. Manter contato | Aprendeu a utilizar os recursos multimídias, dispositivos móveis e as redes social para se comunicar com a irmã que reside em outro País (França). |
| Ariel – 81 anos | Afeita às atividades de lazer | Graduação completa; Aposentada; Viúva; Habilidades com a linguagem, mas com dificuldade com a linguagem nos contextos digitais. | Falava “Agora é que eu preciso aprender mais ainda a usar o celular para não me sentir tão só.” | Aprender a explorar os recursos digitais para aprender a segunda língua visando a intensificar seus estudos. |
| Ângela - 62 anos | Muito sistemática; Focada nos estudos | Graduação | Levava um caderno para anotar todas as aulas, para que, em casa, pudesse relembrar o passo a passo das orientações. Sempre tinha a necessidade de escrever tudo no caderno para colocar em prática no celular. | No celular solicitou aprender a configurar o celular para a língua em espanhol, para facilitar os seus estudos. |

Fonte: Dados da Pesquisa (2020)

Nesse processo, por meio de procedimentos teóricos e técnicos de coleta de dados, a análise dos dados foi realizada com base em seis categorias segundo as unidades de análise, que levem em conta critérios para compreender questões, como: o que foi aprendido, qual o valor da aprendizagem, e se/e em que medida essa aprendizagem pode ser aplicada em outros contextos.

Com isso, foi possível compreender o quanto, e de que formas, o uso dos dispositivos móveis pelos idosos participantes da oficina de tecnologias móveis influenciam suas interações.

A respeito dos dados apontados nos gráficos (6, 7, 8, 9, 10 e 11), leva-se em conta que, nesse estágio da vida, o indivíduo tem necessidade de estabelecer relações interpessoais. Vê-se que, cada vez mais, os dispositivos móveis tornam-se instrumentos indispensáveis no dia a dia das pessoas. Nesse sentido, os idosos sentem-se motivados a fazer parte desse contingente.

Ademais, se antes, uma parcela de idosos buscava, nas redes sociais, combater o isolamento, atualmente, vimos crescer o interesse em acompanhar as transformações sociais e participar ativamente dos contextos de interação social, relativos e emergentes ao contexto da cibercultura. Na perspectiva de Freire (2002) aprender é estar aberto a experimentar, construir, reconstruir e constatar para realizar mudança, pois, neste processo, os envolvidos na aprendizagem sempre se modificam, “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém.” (FREIRE, 2002, p. 12)

As análises acerca das expectativas de cada participante já fazem parte do levantamento para a Análise Textual Discursiva (ATD), na medida em que a análise incidirá sobre o conteúdo dos textos produzidos pelos participantes, quer sejam os conteúdos das conversas instantâneas por meio dos grupos do WhatsApp, das postagens no Facebook, Instagram e do conteúdo das entrevistas, quer sejam os conteúdos dos discursos que se efetivam no contexto das oficinas.

Visto que as respostas dadas pelos participantes sobre suas perspectivas produzem conteúdos sobre os significados que eles apreendem na vivência de sua realidade, entendemos que os textos que materializam as respostas por eles expressados devem ser analisados, compreendidos e interpretados com base em suas condições sociais e culturais, para serem interpretados a partir dos sentidos e

significados das palavras, por meio das quais eles se expressam (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

4.3 Análise textual discursiva

O processo de ATD constitui um percurso um tanto trabalhoso, de leitura e releituras minuciosas, interpretações a partir da desmontagem dos textos, cujo cerne é a desconstrução e unitarização dos textos do *corpus*, que encaminha para as categorias de análise até chegar à captação do novo emergente. Desses três primeiros focos, que compõem um ciclo, origina-se o metatexto, que se refere às descrições e interpretações sobre os fenômenos investigados.

Esse processo, embora custoso, é, ao mesmo tempo, um caminho favorável para quem se interessa pela compreensão dos fenômenos que ocorrem no âmbito das relações sociais. Por isso, as pesquisas qualitativas buscam, cada vez mais, seguir o processo de ATD.

Sabe-se que a ATD se caracteriza, principalmente, pela compreensão de desenvolver a descrição e a interpretação na análise dos dados como processos que se integram, o que a difere da análise de conteúdo e da análise de discurso (MORAES; GALIAZZI, 2016).

A princípio, cumpre elucidar que, neste trabalho, as categorias elaboradas para a ATD estão fundamentadas em dois processos e agrupadas a partir de duas classificações: i. as categorias iniciais, delineadas *a priori*, com base tanto nos pressupostos que fundamentaram esta pesquisa, quanto em resultados de pesquisas de estudiosos aqui referenciados; ii. as categorias emergentes, elaboradas com base na análise do *corpus*.

Nesse processo, pois, inicialmente, adotamos o método dedutivo, isto é, um movimento típico das categorias *a priori*, que parte do geral para o particular, a partir das seguintes categorias iniciais: o comportamento do idoso em tempo da cibercultura; o conhecimento das tecnologias digitais móveis nas rotinas dos idosos; contribuições das oficinas de inclusão digital, como fomento de novas estratégias e possibilidades de uso de apropriação digital, social e educacional dos idosos; as

habilidades desenvolvidas pelo uso prático dos Smartphone e Tablet; a inclusão digital e sua interferência no cotidiano da pessoa idosa, como incentivo à motivação para autoestima e acesso ao mundo digital; navegabilidade e dificuldades dos idosos diante das tecnologias digitais móveis.

Tais categorias estão articuladas tanto aos objetivos da pesquisa quanto ao objeto da análise, visando à validade ou pertinência das categorias. A partir das análises dessas categorias, delineamos as chamadas emergentes, seguindo um processo indutivo a partir das unidades de análises construídas com base no *corpus*.

A partir das múltiplas leituras realizadas com base nos textos do *corpus*, destacamos, primeiramente, as unidades de sentido de acordo com as categorias *a priori*.

✓ As categorias da análise textual discursiva

De acordo com proposições de Moraes e Galiazzi (2016), destacamos do *corpus* as seguintes unidades temáticas: i. O comportamento do idoso em tempo da cibercultura; ii. O conhecimento das tecnologias digitais móveis nas rotinas dos idosos; iii. Contribuições das oficinas de inclusão digital, como fomento de novas estratégias e possibilidades de uso de apropriação digital, social e educacional dos idosos.

Para a abordagem da ATD, os materiais de análise foram produzidos no âmbito da pesquisa, mas também, fora do espaço acadêmico, a partir das conversas informais que se processaram no grupo do WhatsApp (criado especificamente para a interação da turma e aprendizagem dos itens demonstrados nos aplicativos) e nas mensagens extraídas dos comentários no Facebook. Cabe aqui deixar claro que todo o conteúdo das conversas estava articulado as oficinas, com exceção das mensagens de cunho religioso, político, emotivo, entre outros aspectos, compartilhadas no grupo.

✓ **O comportamento do idoso em tempo da cibercultura**

Para a interpretação desta categoria, analisamos, inicialmente, os dados dos gráficos relativos aos critérios: idade, gênero, estado civil, nível de escolaridade,

profissão etc. Isso porque – sabemos – esses fatores influenciam as condições de vida de toda pessoa, e, conseqüentemente, influem em seus comportamentos e atitudes.

Nesse sentido, faz-se pertinente destacar que - conforme expõe Lévy (2000) - o percurso da sociedade contemporânea, conectada, leva à inteligência coletiva. Logo, dada a dimensão a que chegou a comunicação, as possibilidades de difusão e troca de conhecimentos possibilitam uma qualidade de vida melhor. Por isso, faz-se oportuno levar em conta a condição do idoso, tendo em vista as necessidades de (e para) a aprendizagem que eles apresentam nessa conjuntura frente às novas relações sociais no mundo conectado.

Analisar atitudes e comportamentos do idoso foi um dos caminhos que consideramos para compreender os fenômenos intrínsecos ao desenvolvimento das habilidades necessárias à inclusão digital, de modo a favorecer a participação dos sujeitos envolvidos na pesquisa, bem como possibilitar a elaboração das ações aplicadas nas oficinas e no processo da pesquisa como um todo.

Primeiramente, vale destacar que a grande maioria dos participantes pertence ao gênero feminino. Essa observação relaciona-se com os dados de uma pesquisa apresentado por Doll (2007, 119), revelando que, entre os idosos mais velhos, o interesse das mulheres pela Informática é bem maior, atingindo 15% contra 3% dos homens.

Contudo, o fator mais importante para a análise desta categoria está atrelado aos comentários e ao modo de expressão de cada participante. Nesse sentido, o registro das observações, os depoimentos produzidos por escritos, os questionários e as entrevistas, bem como as interações pelo grupo do WhatsApp, favoreceram tal análise.

No que se refere à educação, Doll (2007, 116) destaca o objetivo de possibilitar que as pessoas atualizem seus conhecimentos para que, assim, a sociedade possa acompanhar o desenvolvimento do mundo contemporâneo. Na visão de Doll, o trabalho educacional voltado ao idoso deve possibilitar o desenvolvimento de saberes, valores, competências e habilidades necessárias para lidar com as novas tecnologias.

Não obstante as dificuldades enfrentadas pela pessoa idosa em relação à sua inscrição na cibercultura, parece-nos que os idosos, intuitivamente, abstraíram essa

ideia expressa por Doll sobre acompanhar o desenvolvimento da sociedade, o que nos faz ponderar que os participantes da pesquisa se sentem motivados a acompanhar essas transformações pelas quais estamos passando, ressignificando, assim, seus interesses e, principalmente, sua relação com esse mundo relativamente novo.

Logo, merecem destaque, nesse sentido, a influência dos processos educacionais, que favorecem, sobretudo, as condições de interação entre indivíduos de todas as idades (PAPALÉO NETTO, 2002; RODRIGUES; TERRA, 2006). Conforme Doll (2007), em todas as etapas da vida, inclusive na velhice, a educação constitui um instrumento fundamental à determinação de uma velhice bem-sucedida.

Os trechos expostos no quadro 1 representam a unitarização com base em unidades temáticas, mas fundamentada, também, nos critérios lexicais, sintáticos e semânticos a partir das colocações feitas por cada participante, no sentido de atingir o exame sobre unidades de sentido. Por exemplo, para analisar o comportamento dos idosos participantes das oficinas, a primeira unidade de sentido desenvolveu-se em torno do interesse de cada um, de suas expectativas e atitudes frente à cultura digital, que representa a relação com as oficinas, gerando, com isso, a unidade de sentido com a qual iniciamos a ATD.

A seguir, o Quadro 1 traz segmentos dos textos escritos para responder as questões do formulário.

Observação:

Os desvios gramaticais foram mantidos para preservar a originalidade da escrita dos participantes. Assim, as palavras que apresentam desvios aparecem em *itálico*.

Quadro 1 - Unidade de Análise: O comportamento dos alunos participantes das oficinas em relação à aprendizagem, suas expectativas e atitudes ante à cibercultura

| Pressupostos |
|---------------------|
|---------------------|

| |
|---|
| 1. Destacamos a exposição de Nunes (2010) ao se referir às transformações que influenciam o papel do idoso na sociedade, afirmando que eles estão ressignificando o seu papel em decorrência do desejo de convivência e de participar das grandes |
|---|

descobertas, mostrando-se dispostos a usufruir das novas tecnologias (NUNES, 2010).

2. Souza *et al.* (2010), defende que, embora o envelhecimento interfira no desempenho de determinadas habilidades cognitivas, não se pode subestimar a capacidade humana de se ressignificar.

Significantes

Ariadne. “*Aprende cada vez mais.*”

Afonso. “Desenvolver as competências necessárias ao letramento digital.”

Ariel. “A melhor possível”

Ângela. “Aprender mais, para melhor me comunicar. Gratidão! 🙌💙”

Bárbara. “Espero alcançar ainda mais conhecimento.”

Bonifácio. “A minha expectativa é que o idoso sinta interesse em conhecer cada vez mais o mundo digital.”

Berenice. “Desenvolver novas habilidades e aprender cada vez mais.”

Betânia. “Aprender mais sobre as tecnologias móveis.”

Clarice. “Aprender sempre mais, interagindo com a evolução da tecnologia no mundo atual.”

Candice. “Seriam ótimas se eu tivesse de posse da minha senha pelo fato *do meu celular ser айfone* porque a professora e os meninos são espetaculares tem muita boa vontade e paciência porém sem a minha senha não pode fazer nada foi por isso que eu não aprendi tudo.”

Cecília. “Foram momentos muito valiosos, na metodologia de ensino, *no qual a cada aula, ficávamos ansiosos p aprendermos o que estava por vir, pois a tecnologia nos ensinou muito a discernir as atividades no dia a dia, como também facilitar o manuseio do celular. Valeu professora Cynara. Obrigada.*”

Catarina. “Para ter mais conhecimento da tecnologia móvel, para poder saber utilizar melhor e com segurança. Hj é essencial saber usar a tecnologia. E *para idoso foi muito gratificante, está ideia de inserir na inclusão digital.*”

Dinah. “Me sinto bem melhor, depois da participação nas oficinas Uncisal ok.”

Dinorah. “Aprender a manusear mais o celular para ser mais independente”

| |
|--|
| Dalva. “Saber utilizar o aparelho.” |
| Darcy. “Adquirir conhecimentos” |
| Erivany. “Aprender e partilhar cada vez mais.” |
| Eronildes. “Contribuição no desenvolvimento tecnológico, pois na <i>terceira idade precisamos de auxílio para se integrar nesse mundo virtual.</i> |
| Edvirgens. “Melhorar meu desempenho com a <i>tecnologia</i> e a comunicação social” |
| Evanil. “Pretendo adquirir mais conhecimento acerca do tema” |
| Frances. “Melhoria no aprendizado” |
| Fátima. “Aperfeiçoar” |
| Fernanda. “Aprender mais” |
| Francisca. “Ter mais práticas e aprender a lidar melhor com mais conhecimentos.”. |
| Guimarães. “Adquirir desenvoltura para bem lidar com os dispositivos com segurança |
| Glória. “Se atualizar mais.” |
| Giovany. “Aprender mais para usar as redes sociais e aprender ainda mais.” |
| Georgina. “Aprender de uma forma mais minuciosa a usar dispositivos móveis, para diversas atividades. Ficar mais por dentro de tantas tecnologias e aprender sempre coisas novas sobre todos os assuntos.” |

Fonte: Elaborado pelo Pesquisador (2021).

Os dados captados pela entrevista semiestruturada mostram as expectativas dos participantes e os resultados por eles alcançados. Além disso, o segundo questionário aplicado também traz menções aos resultados que eles afirmam ter atingido. Isso nos faz atentar para a conscientização de que a inclusão digital requer mais habilidades do que saber utilizar os dispositivos da forma que alguns aprenderam e outros até aperfeiçoaram, como saber operar com os recursos multimídias, consumir e compartilhar conteúdos. Como já mencionado e reforçado, existe a necessidade de saber usar os dispositivos móveis de forma consciente e reflexiva.

Analisando as unidades de significado nesses documentos, comparamos os discursos materializados nos textos escritos bem como nas respostas dadas oralmente nas entrevistas. Com isso, percebemos que, no texto escrito, esses resultados têm sentido mais abrangente, traduzidos de modo abstrato (aprender mais, desenvolver habilidades/competências); enquanto, na oralidade, as repostas têm caráter mais objetivo e relacionados com a prática que eles realizam (aprender a postar fotos, gravar vídeos, compartilhar conteúdos nas redes sociais, interagir).

Observamos, ainda, a ausência de termos e estruturas lexicais do campo semântico associado ao idoso, à velhice, ao envelhecimento. Apenas três dos alunos se referiram ao idoso: Bonifácio: “A minha expectativa é que o idoso sinta interesse em conhecer cada vez mais o mundo digital.” Catarina: “Para ter mais conhecimento da tecnologia móvel, para poder saber utilizar melhor e com segurança. Hj é essencial saber usar a tecnologia. E para idoso foi muito gratificante, esta ideia de inserir na inclusão digital.” Eronildes: “Contribuição no desenvolvimento tecnológico, pois na terceira idade precisamos de auxílio para se integrar nesse mundo virtual.”

A ausência desses elementos, isto é, a não alusão à condição de idoso pode significar que a participação desses sujeitos nas oficinas - como em outros cursos – tenha possibilitado a ressignificação de sua condição, não por não mais se reconhecerem com tal, mas pelo fato de estarem estudando, aprimorando suas competências e, ainda, por estarem adquirindo mais propriedade para interagir nas redes sociais.

Ponderar sobre essa ressignificação conduz a uma reflexão sobre a ideia expressa por Alves (2004), quando afirma que a chamada terceira idade instituiu um campo semântico novo para se referir à terceira idade: o “da velhice prazerosa, feliz e relativamente livre de preconceitos”.

Em direção a esse pensamento, destacamos os pressupostos de (Kachar, 2010) a respeito do envelhecimento ativo na perspectiva do reforço da autoestima do idoso, priorizando criar condições fundamentais para sua participação social, com o desenvolvimento de novas habilidades e conhecimentos.

Entretanto, faz-se oportuno analisar a ausência de alusão ao universo do envelhecimento por outra linha de pensamento. Sendo assim, indagamos se o não-dito a respeito do que foi exposto anteriormente, pode estar associado ao fato do

pertencimento, uma vez que não há entre os participantes pessoas não idosas, o que pode significar que se faz desnecessário mencionar essa condição, já que se trata de uma característica comum a todos do grupo.

Uma questão interessante encontra-se nos estudos de Doll (2007, p. 119), que concluiu com suas pesquisas o fato de que os idosos não se sentem confortáveis em estudar em grupos frequentados por jovens quando o assunto é informática e suas tecnologias, uma vez que se sentem pressionados à aprendizagem de forma ágil. Acreditamos que, além do fator agilidade na aprendizagem, outros fatores influenciem essa postura, como os assuntos pelos quais se interessam, as experiências, a cultura, os quais, infelizmente, ainda favorecem a exclusão das pessoas mais velhas.

A princípio, amparamo-nos no pressuposto Kaplun (2002), que considera que a educação não deve se restringir ao intuito de informar (e muito menos para conformar comportamentos), mas como um meio de formar os indivíduos, possibilitando-os a transformação de sua realidade.

Em harmonia com essa declaração de Kaplun, Doll (2007, p. 119), ampliar as possibilidades educacionais para o idoso é uma questão favorável; no entanto, ainda não é suficiente; além de que isso vai depender da relação que cada pessoa teve com a educação ao longo da vida. Ademais, os programas educacionais, muitas vezes, não são muito atraentes e satisfatórios para os idosos, uma vez que o ensino foca em questões como ensinar o idoso a envelhecer, ou se reduz a mera atividade de lazer, negligenciando a importância da efetiva participação da pessoa idosa.

Outrossim, vale reforçar que a perspectiva da inscrição do idoso na cibercultura estar para além da possibilidade de aprender operar com as tecnologias de forma mecânica. Mais que isso, essa perspectiva está condicionada à possibilidade do reforço da autoestima do idoso, do envelhecimento ativo, no qual haja condições fundamentais para participar integralmente da sociedade, desenvolvendo novas habilidades e conhecimentos (KALACHE, 2010).

Esse pensamento aplica-se à análise que aqui fizemos sobre os implícitos abstraídos dos textos do *corpus*, cujos fragmentos, expostos na tabela 2, apontam para uma perspectiva favorável dos participantes acerca de seus potenciais, traduzida pelos verbos aprender, desenvolver (competências, habilidades).

Com esse processo, foi oportuno e coerente destacar os termos relacionados à visão predominantemente positiva dos participantes sobre a participação e a capacidade de aprendizagem. Ainda sobre os verbos por eles utilizados, reforçamos que eles apontam para a intenção e disposição em aprender, revelando que esses participantes, de certo modo, tendem a superar a visão estereotipada sobre a capacidade e a funcionalidade, revitalizando o seu papel social.

Outrossim, os textos que traduzem os resultados que eles revelaram ter alcançado demonstram uma visão positiva sobre sua potencialidade: “eu aprendi”, estrutura que aparece na maior parte dos relatos.

Entretanto, nem todos compreenderam que a proposta de inclusão digital depende muito mais do efetivo letramento digital que do uso técnico dos dispositivos móveis. Vemos, conforme expresso no Quadro 1, que apenas o Afonso menciona de forma direta o letramento digital; enquanto outros o mencionam de forma indireta, como Berenice (“Desenvolver novas habilidades e aprender cada vez mais”), Catarina (“Para ter mais conhecimento da tecnologia móvel, para poder saber utilizar melhor e com segurança. Hj é essencial saber usar a tecnologia. E *para idoso* foi muito *gratificante*, *está* ideia de inserir na inclusão digital.”) e Francisca (“Ter mais práticas e aprender a lidar melhor com mais conhecimentos.”).

Dentro desse *corpus*, apenas Candice não demonstra uma visão predominantemente positiva, o que se pode perceber na expressão “não aprendi mais”, muito embora tenha revelado que aprendeu, pois a presença do advérbio *mais* associado à forma verbal *aprendi* expressa que a participante aprendeu menos do que esperava, mas aprendeu.

Coadunando-se com esses significados abstraídos do recorte feito nos textos, Kachar (2009), adverte que a inclusão digital visa a promover a inclusão social. Cabe, também, mencionar as considerações do autor, de que a geração de adultos e idosos, considerados imigrantes no universo digital e na internet, têm demonstrado dificuldade em abstrair os processos do letramento digital, bem como de usufruir os benefícios dessas evoluções do mesmo modo de assimilação dos jovens. (KACHAR, 2009, p. 135).

Entre as questões apresentadas até aqui, vale destacar a importância da aprendizagem situada em cada contexto cultural e social. Para Chagas (2018):

parte do processo de aprendizagem é que deve estar integrada a fatos reais da vida, desta forma irá gerar interesse e assim o discente terá motivo para se empenhar na realização da prática. Neste cenário de motivação e interesse por parte do discente a aprendizagem ocorrerá mais facilmente, pois, ele identificará relação da sua prática ou conteúdo a ser aprendido com elementos da sua vida, ou de qualquer situação na qual possa utilizar o novo hábito aprendido

Assim, na análise referente à próxima categoria abordará os significados abstraídos dos textos dos participantes acerca do grau de conhecimento e a relação dos idosos com as tecnologias digitais móveis.

✓ **O conhecimento das tecnologias digitais móveis nas rotinas dos idosos**

O conceito desta categoria de análise está relacionado ao significado das tecnologias digitais móveis na rotina dos idosos e, mais especificamente, ao conhecimento que a pessoa idosa vem adquirindo em relação aos dispositivos móveis em contexto digitais de informação e comunicação. Assim, analisamos a relação que os idosos participantes das oficinas têm com os dispositivos móveis conectados à Internet, ou seja, ao uso que eles fazem desses dispositivos e como isso interfere em sua rotina.

Com base nos pressupostos de Fernández-Ardèvol (2019), a relação que cada indivíduo estabelece com as tecnologias digitais, bem como o uso que se faz dos artefatos digitais, está intrinsecamente relacionada aos interesses e às habilidades (físicas e digitais) de cada um. Logo, o conhecimento do idoso sobre as tecnologias digitais móveis vai se desenvolvendo a partir da adaptação que o idoso faz desse uso com o contexto pessoal.

A respeito dessa categoria, destaca-se que, no início do processo, via-se, claramente, a insegurança e, não raro, o conformismo dos participantes diante das dificuldades. Por um breve tempo, alguns deles acreditavam que não teriam paciência e/ou condições mentais de dispor do uso efetivo dos dispositivos móveis. Essa foi uma das primeiras dificuldades que enfrentamos, e que foi contornada, em alguns casos, com certa facilidade em relação à compreensão dos diálogos que estabelecemos no decorrer do processo e, por conseguinte, em relação à visão que eles tinham sobre sua capacidade de aprender.

Com a leitura do gráfico 9, infere-se que uma grande maioria dos participantes se considera apta para lidar com os dispositivos móveis, pensamento oposto ao que eles demonstraram nas primeiras interações que tivemos.

Com o desenvolvimento das oficinas e pelo envolvimento que conseguimos estabelecer (entre os participantes e eu; entre nós e as atividades), vieram os interesses em aprender a fazer e em fazer mais, o empenho e a efetiva participação da turma.

Na verdade, eles se sentiram estimulados desde quando conseguiram realizar operações básicas com os dispositivos móveis, o que facilitou para eles resolverem situações do dia a dia, cujas operações não conseguiam realizar com facilidade (realizar chamadas de vídeo, gravar imagens (fotos e vídeos), excluir arquivos, agendar contatos e atividades).

Sobre essa mudança de atitude, foi essencial lidar com o perfil de cada um. Cada pessoa com um tempo de evolução, interesses e necessidades, o que implicou a importância de direcionamentos individualizados. Além disso, o diálogo fora das oficinas favoreceu um melhor envolvimento com cada um. Considerei, pois, esses diálogos particulares como dados significativos para as análises.

Assim, levei em conta as conversas privadas no WhatsApp, pelas quais eles demonstravam suas condições, dificuldades, intenções e perspectivas sobre o aprendizado e as dificuldades que estavam enfrentando. Passei a me planejar e agir conforme as condições de cada um.

De acordo com suas habilidades, alguns deles iam se desenvolvendo rapidamente diante das atividades, aprendendo algo de novo a cada aula. Assim, aprenderam com mais facilidades a fazer pesquisas em sites, acessar sua conta bancária, agendar consultas médicas e melhorar a interação nas redes sociais, por exemplo.

Com isso, eles consideraram que já sabiam o bastante em relação aos seus primeiros interesses de aprendizagem a partir das oficinas. Essa ideia de que sabem utilizar os dispositivos móveis de forma apropriada é reiterada por uma grande parcela das pessoas. Entretanto, é preciso destacar que a maior parte delas utiliza as mídias (físicas) para interagir nas mídias (virtuais) sem que, para isso, tenham aptidão para utilizá-las com propriedade.

Fato é que muitos estão imersos na cultura digital sem ter o mínimo das habilidades necessárias ao universo digital. E, certamente, estamos falando sobre o letramento digital, com suas especificidades, e do letramento crítico.

No contexto da pesquisa, temos um número expressivo (82%) dos participantes que usam frequentemente os dispositivos móveis. Isso significa a necessidade de uma abordagem do letramento digital articulado à perspectiva da aprendizagem, tendo ainda, como propósito a inclusão digital do idoso por meio dos dispositivos móveis.

No processo de desmontagem e unitarização, selecionamos os seguintes significantes captados das entrevistas:

Quadro 2 - As tecnologias digitais móveis e sua influência na rotina dos idosos (antes e durante o processo) – Alguns destaques.

| Antes das oficinas | No processo das oficinas |
|--|--|
| Ariadne – 69 anos: Gosta muito de viajar e fotografar. Desejava aprender mais para se comunicar melhor, participar mais nas redes sociais, postar fotos e interagir com as mensagens no Facebook e no WhatsApp. | Aprendeu a usar as ferramentas multimídias, interagir nas redes sociais, postando fotos e compartilhando mensagens. |
| Afonso – 63 anos: Muito grato pela oportunidade de aprender a usar o celular para as comunicações. | Aprendeu a utilizar os recursos multimídias dispositivo móvel e as redes sociais para se comunicar com a irmã, que mora na França. |
| Ariel – 81 anos: Reclamava da dificuldade com a linguagem específica dos contextos digitais, com aspectos relacionados à Internetês ⁸ e aos termos específicos da informática. Queria desenvolver as habilidades digitais para evitar o isolamento. | Passou a explorar os recursos digitais para aprender a segunda língua visando a intensificar seus estudos. |

Fonte: Elaborado pelo Pesquisador (2021).

⁸ O internetês é a linguagem utilizada no meio virtual, mais precisamente nas salas de bate papo, que, devido à velocidade própria dos contextos digitais, e por ter se tornado uma prática comum, os internautas passaram a abreviar as palavras de forma que essas tornaram-se uma configuração padronizada.

- ✓ Contribuições das oficinas de inclusão digital, como fomento de novas estratégias e possibilidades de uso de apropriação digital, social e educacional dos idosos

Uma vez superadas as dificuldades, o nível de participação se intensificou, os alunos passaram a produzir mais, construindo sentidos a partir de situações reais, sobre as quais eles passaram a refletir e expressar seus posicionamentos críticos. Essa mudança de comportamento e atitude ocorreu desde que passamos a discutir questões relacionadas ao comportamento ético das pessoas nas redes sociais. Posteriormente, passamos a problematizar a falta de segurança e de privacidade nas redes sociais e sobre o compartilhamento de notícias falsas.

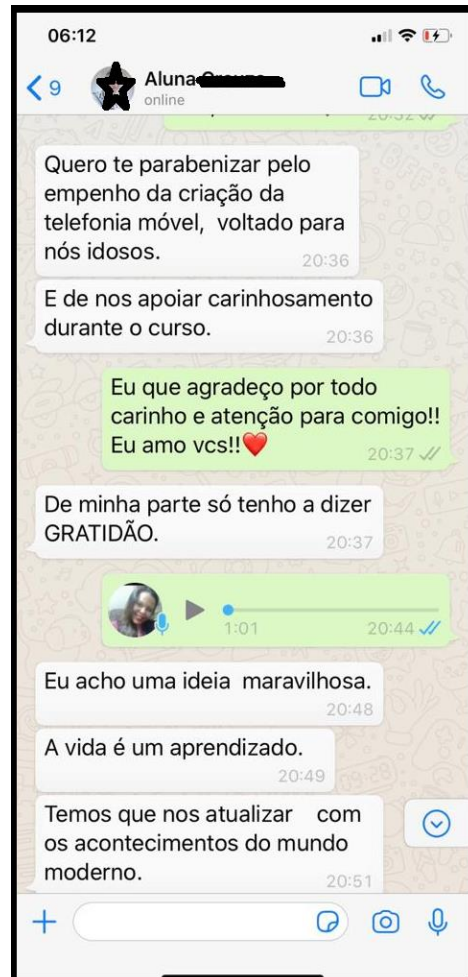
A primeira consideração que se fez acerca desta unidade temática diz respeito à participação no grupo do WhatsApp e as interações pelo Facebook, à permanência de todos no grupo e à frequência com que eles interagem atualmente. Para tanto, destacamos os conteúdos das comunicações via WhatsApp e das mensagens no Facebook, por meio das imagens selecionadas.

Diante desses conteúdos, eles tiveram ainda mais engajamento; em certa medida, expressando-se com criticidade. Foi com essa atitude que compreendi a razão de eles se sentirem aptos a participar desses debates, no sentido de que se apoiavam na seguinte lógica: a pessoa idosa é dotada de saberes abstraídos de suas vivências e, portanto, tem muito a contribuir. Com as experiências de vida e o aprendizado resultante de suas vivências, sentiram que podem reafirmar o seu valor.

A seguir, apresentamos a síntese da terceira unidade, de acordo com a análise dos significados destacados dos comentários dos alunos e das trocas de mensagens nas redes sociais, das quais a maioria dos participantes só puderam interagir depois das práticas efetivadas com as oficinas.

Constatamos, pelo conteúdo das conversas, que muitos deles sentem a necessidade de interagir, como já foi frisado, ou para combater o isolamento, ou pelo prazer de estar incluso na cultura digital.

Figuras 1 e 2 – Recortes das conversas por meio Facebook e grupo do WhatsApp



Fonte: Grupo no Facebook e WhatsApp

Figuras 3, 4 e 5 – Recortes das conversas por meio do Facebook



Fonte: Grupo no Facebook

Com essas imagens, destacamos as expressões que denotam a satisfação dos alunos por terem participado das oficinas e a gratidão pelo aprendizado, o que possibilitou a participação mais efetiva nas redes sociais, e, principalmente, o reconhecimento de que as oficinas contribuíram na inserção no mundo moderno, como se pode ver na figura 2.

Para a unitarização, seguimos os critérios lexicais e semânticos. Destacamos, assim, as palavras que se inserem na ideia de satisfação e aprendizado, o que aponta para boas expectativas, uma vez que os termos aprendizado e satisfação refletem uma ressignificação da condição do idoso, rompendo com a ideia de que, na velhice, os fatores positivos são apenas à experiência de vida, ao tempo livre, às prerrogativas sociais, à proteção familiar, entre outros aspectos. (VENTURI; BOKANY, 2007, p. 24).

Figuras 6, 7 e 8 – Recortes das conversas por meio do WhatsApp



Fonte: Grupo de WhatsApp

Além disso, alguns deles revelaram a importância de estarem interagindo com o grupo como forma de encontrar apoio moral, religioso e ações solidárias, assim como ter uma atitude fraternal perante o grupo. Eles estão conectados, e isso tem um grande significado, corroborando o pensamento de Lemos (2002), sobre o universo da cibercultura, em que a socialidade vem se potencializando na medida em que a relação da sociedade com essas novas tecnologias favorece o compartilhamento de emoções, de convivialidade.

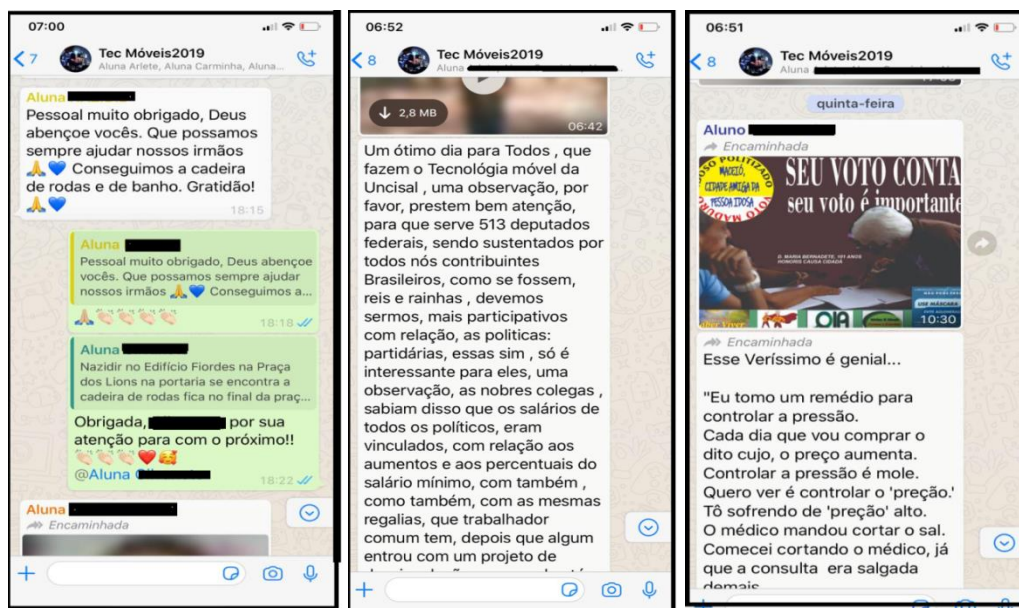
Enquanto, de um modo geral, a família está conectada, mas não se conecta em comportamento e interesses com o idoso, ele encontra espaço favorável nos grupos de pessoas da mesma faixa etária. Alves (2004) refere que o posicionamento do idoso não tem respaldo entre os membros mais jovens, embora os idosos alcancem uma vida familiar em que sua participação é mais efetiva no que se refere a troca de apoio. Se, por um lado, o idoso pode assumir a função de chefe de família, contraditoriamente, prevalece uma tendência a invisibilidade do idoso na própria família.

Pensamos, por isso, na advertência feita por Pacheco (2005), que se baseia no fenômeno dos aparelhos celulares, sobre o florescer do século XXI, ao mesmo tempo em que a sociedade potencializa a longevidade, ela nega aos velhos o seu valor e sua importância social.

A respeito do valor que os idosos atribuem às mensagens religiosas, Alves (2004), com base nos dados obtidos com uma pesquisa sobre as redes das relações sociais e familiares do idoso, menciona que os grupos religiosos têm maior adesão dos mais velhos. Destaca-se, conforme a pesquisadora, que a religião compreende um contexto propício para o estabelecimento e fortalecimento dos laços sociais.

Por isso, que, para eles, estar logado no grupo significa uma possibilidade de cumprir um papel social, ainda que seja de forma restrita, mobilizando ou participando de campanha de utilidade pública, como se lê nas figuras 6, 7 e 8. E, ainda, para participar de questões de cunho político ou usufruir dos bens culturais. Fato é que a importância das tecnologias digitais já se fez sentir; e a partir desse entendimento e da prática, torna-se possível a perspectiva da inclusão digital dos idosos.

Figuras 9, 10 e 11 – Recortes das conversas por meio do WhatsApp



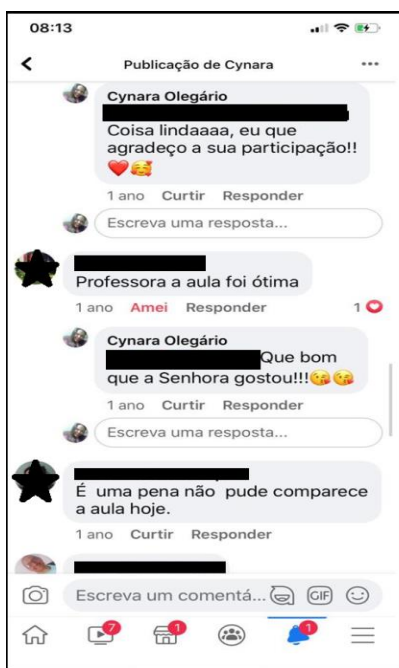
Fonte: Grupo de WhatsApp

Os laços fraternais extradomiciliares estabelecidos entre os idosos no âmbito da sociabilidade, que envolve troca de sentimentalidades, solidariedade, apoio moral, religioso, companheirismo, têm marcado sua participação nas redes sociais. Alves (2004), destaca que os idosos têm mostrado adesão a sociabilidade entre amigos. Isso significa que as relações de amizade entre os idosos, ainda que de modo virtual, constitui um traço relevante da sociabilidade que vigora entre idosos.

Nesse sentido, entende-se que o trabalho voltado para o ensino e a prática que envolvam os dispositivos móveis, visando a favorecer a inclusão digital dos idosos, alcança níveis diferentes de aprendizado e funcionalidade, e possibilita o desenvolvimento de outras habilidades para aqueles que nasceram bem antes da explosão digital.

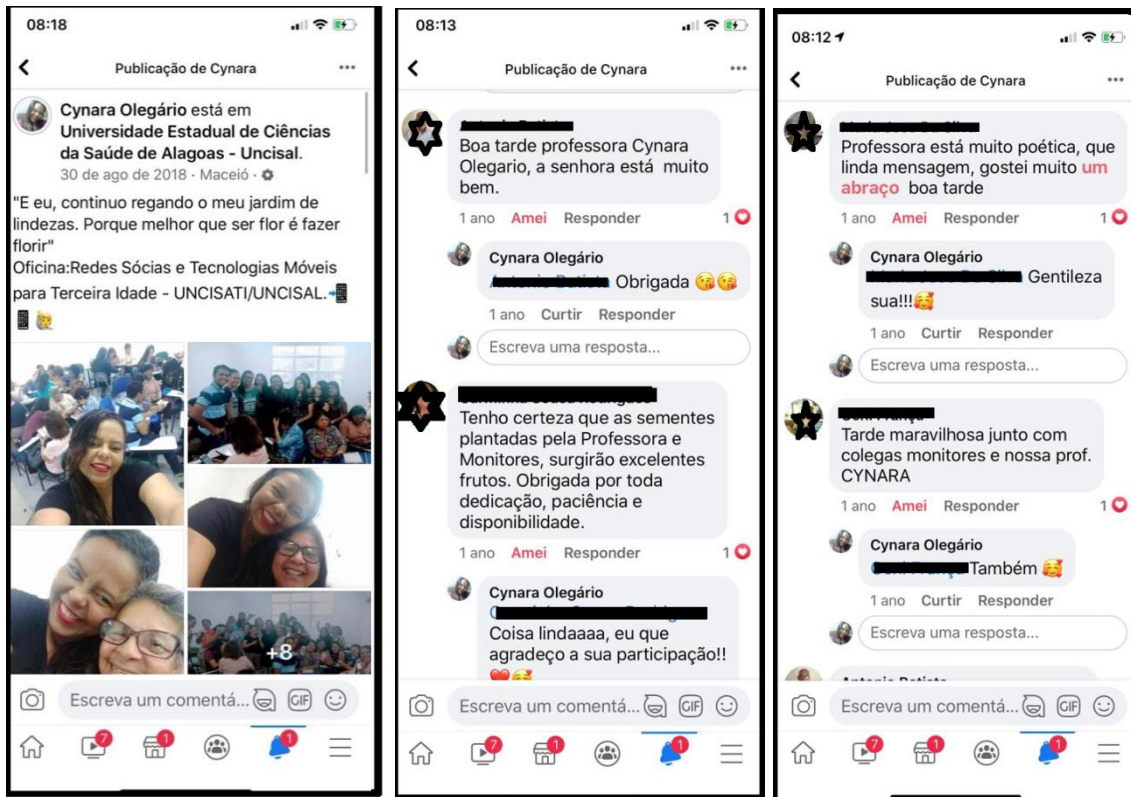
Retomando o significado do termo letramento, Soares (1998, p. 37) afirma que um trabalho voltado para o idoso deve possibilitar uma aprendizagem capaz de suplantar sua inclusão no contexto pedagógico, mas, sobretudo, de favorecer a sua integração nos meios em que a escrita e a leitura são mediadoras das interações sociais.

Figuras 12, 13 e 14 – Recortes das conversas por meio do Facebook



Fonte: Feed do Facebook

Figuras 15, 16 e 17 – Recortes das conversas por meio do Facebook



Figuras 18, 19 e 20 – Recortes das conversas por meio do Facebook.



Fonte: Feed do Facebook

O conteúdo expresso nessas imagens reitera a ideia de que os idosos participantes da oficina superaram o empecilho que inviabilizava seu engajamento nas atividades. Cabe reforçar que, no início das oficinas, a maior parte dos alunos limitava-se a ouvir as orientações, e perdiam muito tempo com as atividades mecânicas, voltadas às operações com o celular. E, quando se deparavam com a menor dificuldade que surgisse, alguns deles se sentiam desmotivados, resignados diante do pensamento de que não tinham aptidão para realizar as atividades propostas.

Não obstante, o baixo nível de motivação detectado no início das oficinas, foi constatado, com base no *corpus* desta pesquisa, que a imersão da pessoa idosa na cultura digital tende a interferir em seu dia a dia, desde questões simples a questões de maior importância, desde que haja uma sistematização no processo de ensino e aprendizagem que leve em conta, pelo menos, dois aspectos fundamentais, respectivamente: i. Superar o pensamento de que o uso significativo das tecnologias digitais é exclusividade das novas gerações, facilitando o entrosamento do idoso com as tecnologias; ii. Favorecer o desenvolvimento do letramento digital, e, do letramento

crítico, para que o idoso se sinta apto a participar da cultura digital com maior segurança e consciência de seus atos.

Para tanto, a proposta didático-pedagógica que efetivamos atendeu, inicialmente, aos interesses primeiros dos participantes, os quais estavam relacionados ao uso básico e mecânico dos dispositivos. Posteriormente, surgiu a necessidade de trabalharmos com o desenvolvimento de habilidades relativas à competência, para saber compreender questões relacionadas ao comportamento ético e responsável, como forma de preservamos a privacidade e a segurança nas redes sociais.

Dewey (2007) pensando a importância da aprendizagem ativa sugeriu que os indivíduos possam cada vez mais aumentar o efeito do conteúdo e da “significância social da experiência”, sendo assim possível desenvolver uma capacidade de dirigir a sua própria consciência para uma reorganização significativa. Deste modo, é possível afirmar que as oficinas realizadas permitiram apropriação de competências e a habilidades ligadas as individualidades de cada sujeito, posto que permitiram outras experiências em sua vida.

Efetivamente, houve uma mudança de perspectiva em relação à aprendizagem e à autoestima dos participantes, favorecendo a inclusão e integração da pessoa idosa na cultura digital, como vimos em suas falas, recorrentemente. Isso pode ser comprovado, por exemplo, nas falas dos participantes expostas, respectivamente, “Achei que deveria voltar para aprender novas coisas, com novos aplicativos. Aprendi a enviar mensagem, efetuar pagamentos pelo celular, enviar fotos, mexer no Instagram etc. Tudo isso foi gratificante. Meu contato com meus familiares aumentou bastante⁹” (Ariel): “Para mim, aprender com as tecnologias foi o começo de tudo, porque eu não sabia de nada, não sabia como lidar nem com (o) celular. E foi através das aulas que eu aprendi. Sim, as oficinas ajudaram até demais. Quero aprender mais como se fosse um novo começo para a comunicação” (Bonifácio).

⁹ Registro da entrevista dada à Agência Alagoas, do Governo do Estado de Alagoas. Disponível em: [Oficina na Uncisal oferece inclusão de idosos ao universo da tecnologia \(agenciaalagoas.al.gov.br\)](http://oficina.na.uncisal/oferece.inclusao.de.idosos.ao.universo.da.tecnologia/agenciaalagoas.al.gov.br).

4.4 Categorias emergentes de análise

Os estudos de Moraes e Galiazzi (2016, p. 109) trazem-nos a compreensão de que o processo de produção de categorias emergentes ocorre mediante a análise de informações e dados adquiridos no decorrer da pesquisa, o que direciona o pesquisador para classe de elementos afins. Trata-se, pois, de um processo de análises indutivas.

No decorrer desta pesquisa, sobressaíram-se duas categorias emergentes, que foram se delineando com base no *corpus*, devido à natureza mesmo das categorias caracterizadas pelo modo aberto de análise (MORAES E GALIAZZI, 2016, p. 88), quais sejam:

- ✓ **O significado de aprender e sua influência no comportamento do idoso ante a sociedade conectada**

Com base nos dados abstraídos das categorias iniciais fechadas, isto é, *a priori*, tornou-se imprescindível estabelecer novos significados, dos quais se originaram as categorias emergentes. Com isso, as interpretações e as compreensões que se foram desenvolvendo no processo das análises fomentaram reflexões sobre a relação do idoso com o sentido da aprendizagem, ou melhor dizendo, sobre a ressignificação do idoso diante dos desafios e demandas próprias na sociedade em rede.

Nesse sentido, com base nos dados abstraídos das categorias iniciais, isto é, das categorias *à priori*, constatou-se que, independentemente dos aspectos: faixa etária, nível de formação, condições sociais e gênero – por exemplo – a transformação da relação que o idoso tem com as tecnologias, - o que, há um tempo, dependia muito do esclarecimento do aprendiz sobre o modo e a intensidade pelos quais a cibercultura tem transformado o mundo; atualmente, estão bem relacionadas com a necessidade de se conectar para continuar participando das relações sociais.

Toda essa transformação, que tem impactado o mundo, obviamente, vem provocando uma mudança na procura, na frequência e na intensidade da relação do idoso com as mídias digitais físicas nas mídias virtuais.

Essa consideração está atrelada às falas dos participantes em relação à aprendizagem, às suas expectativas e atitudes ante à cibercultura no contexto da crise pandêmica, levando-se em conta duas etapas: a entrevista no início da pesquisa e a entrevista na fase final do processo de realização das oficinas. Como se pode

observar, no quadro a seguir, quanto maior for o entendimento do indivíduo sobre o assunto, a visão sobre/e o interesse pela aprendizagem tende a se intensificar.

O processo de construção dos metatextos partiu da reflexão em torno dos discursos que se manifestaram acerca do significado do que a aprendizagem representa para o idoso, visto que há um consenso no significante: aprendizagem e os significados que eles atribuem a esse significante: aprender a se comunicar melhor nas redes sociais, desenvolver o letramento digital, estar sempre se atualizando.

A partir de intercessões nas unidades de sentido abstraídas das falas dos participantes sobre a aprendizagem que ainda buscam atingir, houve consenso sobre a necessidade de agir com criticidade e responsabilidade para se protegerem dos riscos aos quais a sociedade conectada pode estar submetida. Esse pressuposto foi interpretado com base nos implícitos e nos explícitos, que apontam para um consenso.

Diante desses dados, passei a compreender que essa preocupação com fake news, sites duvidosos, com a segurança e a privacidade nas redes, por exemplo, estava implícita nos discursos dos participantes desde o primeiro questionário aplicado. Com isso, busquei trabalhar mais em vista do letramento digital e do letramento crítico, visando à compreensão dos participantes sobre esses aspectos.

No quadro 3, apresentado a seguir, os destaques apontam para as ideias relacionadas a essas questões, e que se referem tanto às expectativas dos participantes expressas no primeiro questionário (ver - Unidade de Análise: O comportamento dos alunos participantes das oficinas em relação à aprendizagem, suas expectativas e atitudes ante à cibercultura), quanto aos dados coletados mediante a última entrevista.

O quadro a seguir apresenta a transcrição dos áudios coletados na última entrevista semiestruturada, realizada na etapa final da pesquisa, tendo como base todos os significados expressos e/ou implícitos nas falas, atitudes e comportamento dos participantes. Os trechos expostos no quadro a seguir

Observações:

1ª. Devido ao protocolo de isolamento, o conteúdo exposto no quadro a seguir foi apreendido a partir de uma entrevista com os participantes da pesquisa no grupo do WhatsApp cujas perguntas foram respondidas pela maior parte deles, por meio de

áudios que foram transcritos e apresentados no quadro. Dentre deles, apenas dois optaram em responder as questões por escrito.

2ª. Os raros desvios gramaticais (em geral, de concordância verbal) foram mantidos para preservar a originalidade da fala dos participantes. No texto, aparecem em itálico. Cumpre esclarecer, ainda, que as demais inadequações quanto à escrita nos textos se referem ao processo de transcrição de áudio, o que, não raro, modifica algumas palavras. Assim, os segmentos que apresentam modificações aparecem com destaque seguidos da correção, que aparece em negrito, entre parênteses.

Quadro 3 - Unidade de Análise: O significado da aprendizagem: a importância de saber (inter)agir com responsabilidade nas redes sociais (letramento digital e crítico).

| |
|---|
| 1ª Pergunta |
| Com tanto tempo de isolamento, é provável que vocês tenham interagido bem mais pelas redes sociais. Sendo assim, em relação à inclusão digital, qual a maior necessidade que vocês têm no que se refere à aprendizagem? |
| Respostas |
| Ariadne. “Acho importante saber me comunicar, sim. Porque não é só estar trocando mensagens, o importante é ter consciência do que vou fazer, não compartilhar notícias falsas, não cair nos golpes, não seguir sites duvidosos”. |
| Afonso. “Com certeza, é muito importante (o letramento digital). As mídias <i>facilitou</i> muito a vida do povo, WhatsApp, essas coisas. Agora, cada pessoa tem que saber usar, e usar com responsabilidade. Muita gente não tá usando com responsabilidade. Isso aí cabe a cada um saber o que está fazendo. Mas, com certeza, é muito importante, foi muito bom, é muito necessário. Porque muitas vezes, a gente não pode... e, por meio do celular, a gente consegue falar até com o outro lado do mundo, né? É isso aí!”. |
| Ariel. “Eu passei 4 meses sem sair, só tenho celular para interagir pelo zap e pelo Instagram. E vemos muita coisa errada, notícias falsas, crimes na Internet. Sem dúvida, é importante e a gente tem que aprender mais sobre isso. ”. |
| Ângela. “Por mim, tudo isso deve ser aprendido, usar com responsabilidade, sentir mais segurança. Usar o celular para se comunicar até como pessoas que estão do outro lado do mundo pode facilitar, mas pode prejudicar. Por isso, tem que ter a capacidade de analisar o que é seguro e o que não é. ”. |
| Bárbara. “Muito importante ter letramento digital. Temos que ficar atentos. Esse curso foi bom, gostei bastante. Mas tem que ficar também um alerta, né? para as pessoas que, hoje em dia, estão fazendo tanta coisa errada por meio da Internet, por meio de WhatsApp, os <i>hackeadores</i> , né? Então, a gente tem que tá com os olhos bem abertos, tem que tá com os olhos bem abertos mesmo, porque você sabe que o perigo está em todo canto, né? E eles estão aproveitando, usando a |

Internet, usando os meios sociais, para fazer as coisas erradas, né? Mas isso não quer dizer que não foi... não é uma coisa boa, o curso ou as *internets*, os meios sociais... não é coisa ruim, **a pessoa tem que saber usar para o que é bom. Mas os *hakeadores*... como é que chama?... os bandidos estão fazendo o mal para roubar**, que é isso que está acontecendo hoje em dia: muito roubo *muita*. Esse tal de **Pix** mesmo tá horrível, o povo tão sendo mortos por causa do Pix...”

Bonifácio. **“Desenvolver novas habilidades de escrever e ler as mensagens e as notícias, mas não divulgar o que não for verdadeiro. Se for usar as redes sociais, tem que ter muito cuidado para não se influenciar nem manipular os outros.”**

Berenice. **“Aprender mais sobre investigar uma mensagem antes de sair compartilhando.”**

Clarice. “Eu já respondi isso e vou repetir, **que é importante aprender a usar o celular, saber digitar, trocar mensagem**, para ter mais conhecimento com as tecnologias móveis, com as redes sociais, **para poder saber utilizar melhor e com segurança, é essencial saber usar a tecnologia**. Para o idoso é muito gratificante, é essencial a inclusão digital.”

Candice. “Sim; com certeza, entrar nas **redes precisa de sabedoria pra não, né? não ficar entrando em cilada, né?** É muito importante, não é? Para poder saber o que está fazendo, como fazer, né? **Para poder se comunicar bem, eu acho que é importante entender o que é verdadeiro e o que é falso, porque pode até afetar a saúde da gente, como as receitas que compartilham sem saber se é coisa séria ou um fake.”**

Cecília. A princípio, a disciplina nunca foi, não é e nunca será excesso, principalmente, nas redes sociais. ***Temos que termos plena responsabilidade ao enviar o que deseja para alguém.***

Catarina. A linguagem digital ainda representa alguma dificuldade para você? Algumas como por exemplo: fico com medo dos golpes pelo WhatsApp, pelo aplicativo do banco, uso mais não tenho muita segurança. Como não posso sair de casa porque fiquei com muitas sequelas da Covid e faço tudo pelo celular.

Fonte: Elaborado pelo Pesquisador (2022).

Já é sabido que a ampliação dos modos/meios e contextos de comunicação fez surgir um novo ethos: a sociedade globalizada, conectada. Tamanha tem sido a influência dessa cultura, que o idoso, intencional ou involuntariamente, vê-se imerso nessa realidade, seja por alguma necessidade, seja com vista à distração ou pelo desejo de participar da vida social.

Por conseguinte, as redes sociais representam espaços de interação nas quais os idosos estão buscando, cada vez mais, sua inserção. Se antes era somente para fazer parte da sociedade em rede, buscando entretenimento; atualmente, devido ao isolamento social, eles sentem também a necessidade de interagir, seja

por questões relacionadas à saúde e a necessidades básicas, seja pelo desejo de interagir com familiares, amigos, e, até mesmo, para trabalhar, participar de cursos, entre outros interesses. Tudo isso pode ser constatado dos diálogos realizados com os participantes da pesquisa; e os dados coletados e aqui expressos traduzem essa realidade.

Já era de se esperar esse crescimento do contingente de pessoas idosas inscritas na cultura digital, visto que, com a crise pandêmica, usar o dispositivo móvel para comprar alimentos, marcar consultas, usar os aplicativos de transportes, por exemplo, passaram a ser uma necessidade. Portanto, a inclusão digital do idoso passou a ser inevitável.

Diante dessa situação, é de lamentar que essa inclusão tão necessária nessa conjuntura ainda seja impossível para muitos. Sem dúvida, as justificativas para a inclusão digital do idoso se ampliaram muito nos últimos dois anos, principalmente, pela necessidade de isolamento social. Nas interpretações acerca dos discursos dos participantes, constata-se uma preocupação a respeito da capacidade de saber interagir nas redes sociais com a consciência sobre os perigos a que estamos expostos e em saber se livrar dele, além de manter a privacidade inviolada nas redes sociais.

Ainda sobre esses fatores, cabe expressar que, no início desta pesquisa (com base nos dados coletados na primeira entrevista, no primeiro questionário e nas primeiras oficinas, a preocupação com os letramentos digital e crítico não fazia parte dos interesses e entendimento dos participantes da pesquisa. Porém, no decorrer da pesquisa, esse assunto foi surgindo de forma espontânea e, posteriormente, passou a fazer parte dos temas e das discussões nas oficinas.

Obviamente, a inclusão digital não se restringe ao uso de um dispositivo móvel conectado a uma rede social. No curso desta pesquisa, os participantes passaram a entender que, se a Internet, por um lado, representa um ganho para a sociedade em termos de informação e globalização; por outro, representa graves perigos em termos de segurança e privacidade.

Diante dessa realidade, foi possível possibilitar, ainda que minimamente, que os participantes apreendessem e atribuíssem novos significados para os seus saberes e interesses que se esboçaram no início e nas primeiras etapas da pesquisa. As

entrevistas realizadas, por exemplo, mostram-nos como a aprendizagem concreta e comprovada pela autonomia das habilidades desenvolvidas no decorrer das oficinas possibilitou aos alunos evoluírem seus interesses e noções básicas sobre o uso dos dispositivos móveis para ideias e informação mais contundentes, a exemplo do interesse pelo letramento digital e pelo letramento crítico.

Pode-se mencionar, por exemplo, que a menção ao letramento crítico imergiu da compreensão dos alunos sobre o compromisso ético e a segurança nas redes sociais. A partir de suas ponderações, passamos, então, a debater e abranger questões intrínsecas a letramento.

Desse modo, parece ter ficado claro para os participantes que a inclusão na cultura digital pressupõe uma grande responsabilidade e requer novas habilidades, o que passa a interferir no sentido da aprendizagem, já que se tornou imprescindível reaprender a interagir, tendo em vista que os espaços de interação hoje se tornaram mais suscetíveis a riscos e ameaças à segurança, à privacidade e à informação. Partindo desse domínio, eles entenderam por que as oficinas suscitaram um trabalho criterioso e sistemático quanto à escrita, a leitura, a compreensão, a reflexão e a criticidade sobre as mensagens que consomem e compartilhar, o que aponta para a necessidade de desenvolver o letramento digital e o crítico.

Sobre isso, considera-se condição essencial promover a potencialização de habilidades de leitura e escrita intrínsecas aos mecanismos digitais de informação e comunicação, o que sugere o tratamento de questões complexas do ponto de vista do letramento digital. Mais que isso, significa promover a conscientização da pessoa idosa sobre a relação entre a sociedade e as mídias (digitais e virtuais), sobre os perigos que a Internet pode representar e em relação aos mecanismos de defesa em relação a esses perigos.

- ✓ **O significado de aprender a fazer parte da sociedade conectada: manter relações interpessoais.**

Quadro 4 - Unidade de Análise: As transformações na aprendizagem e as novas perspectivas do idoso

6ª Pergunta

A nova realidade já nos mostrou que o mundo hoje é fortemente influenciado pelas tecnologias e pela Internet. O que você já aprendeu e o que ainda espera aprender para se atualizar na cultura digital?

Respostas

Ariadne. “O celular hoje é instrumento de trabalho para tudo, para conferência, para mensagem, para informações, para segurança. **Eu tenho o celular como ferramenta de trabalho hoje.** Durante a pandemia, eu pude sentir como foi importante aprender com as *oficina*. **Eu usei o WhatsApp. Fiz uma turma de bordado, ensinei elas a fazer bordado,** trabalhos manuais. **Usei o Whats App, Facebook e o Instagram.** Eram duas vezes na semana. **Eu fazia chamada de vídeo.** Por isso, sei que tenho que estar sempre aprendendo, estar atualizada.”

Afonso. “**Muitas e muitas coisas eu tenho para aprender, que na Internet nunca se aprende tudo, sempre tenho que aprender, principalmente, sobre os perigos do usuário nas redes sociais para poder usar com segurança.** “Essas suas aulas *ajudaram* bastante, Cynara. Essas suas aulas *foi* um passo porque era muito complicado. Nós tínhamos *nos...* (os) filhos não *tinha* muita paciência de ensinar como é que funcionava, metia o dedão, eles mesmos *fazia*. E, com essas suas aulas aí, foi bom, porque a gente mesmo foi fazendo, foi aprendendo passo a passo. Eu acho que isso aí foi tudo, foi (o) começo de tudo. Agora, a gente tem esse começo e procura *aprimorizar*, aprender mais coisas porque o celular ele é um computador, ele oferece tudo que você quiser.”

Ariel. “**Hoje consigo realizar chamadas em vídeos, né?** que foi muito útil para mim; consigo falar com a minha filha lá *em na* Paraíba. Eles agora já estão em Minas, né? Eu estou em Maceió, **mas consegui me comunicar com eles, entendeu? Faço chamada para me comunicar com meus netos e meu genro e a minha filha, consigo ligar para minha nora em Fortaleza, para o meu filho.** Então, tudo isso para mim foi muito gratificante, muito. Foi no período assim, de muito sofrimento que eu estava passando, né? Mas nesse momento na vida, né? que a gente passa. Então eu não concluí porque a minha filha ganhou neném, e eu tive que dar um suporte para ela, né? ela é minha primeira neta, que *tava* chegando, né? E tinha que ser eu cuidando dela, né? Mas falei com os professores que muito me ajudaram. E foi isso que aconteceu... Até hoje eu cuido da minha netinha, **mas consigo me relacionar bem através dos telefones, através dos vídeos,** através das chamadas, mando... mando mensagem, mando... tiro foto. **Hoje, eu consigo fazer fotos, entendeu?** Mando... o... **consigo mandar para galeria, tirar da galeria, tudo isso...** Então, **foi muito, muito, muito importante para mim,** certo? Minha netinha já vai começar agora estudar com 2 anos e 6 meses, né? **E eu tenho que me jogar no mercado novamente, eu vou para o trabalho, né? fazer alguma coisa para ganhar mais, alguma coisa ou tentar me jogar para o outro lado para aprender mas (mais) tem (ter) mais conhecimento.** Então, isso vai acontecer tudo na hora certa no momento certo, entendeu? Mas para mim foi muito importante, viu? Quando eu vi essa chamada eu fui correndo. Eu não sabia nem o que que eu ia fazer. Foi, no entanto, que no primeiro curso que eu fiz foi meditação, porque, **quando eu cheguei, desse curso não sabia, né?** Aí eu não tive... não tinha mais vaga. Então... fui me orientar... Eu... Assim... Você faz esse curso de meditação e,

quando for no próximo ano, você entra para esse outro das tecnologias móveis. Foi tudo que aconteceu, eu pensei que eu não ia conseguir, né? Porque muitos chegavam logo cedo de carro, e eu teria que depender de um ônibus daqui da Serraria para o Trapiche, né? Tudo isso dificulta muito, né? Os meios de transporte tão difícil, porque não tem suficiente. Aí a gente fica demorando muito nos pontos. Muitas vezes, eu chegava em cima da aula, entendeu? Por tudo que aconteceu, sabe? Eu consegui participar das oficinas, o que é um show, show, show! Tem um senhor que... ele no meio de tantas mulheres, o Sr. XX, que é o espelho, é um brilho, entendeu? Ele é um brilho. Ele chegou tão de fininho "... Mas eu não tenho um celular... que não sei o quê... não sei o quê... não consegue... não sei o que..." É... vamos ficar! Depois você ver, e depois consegue. E foi assim... ele ficou mais. Hoje, ele... ele manda mensagem para gente, ele posta vídeos. **Muito gratificante, sabe? Coisas lindas... lindas para mandar para gente, certo? Muito obrigada por tudo! Muito obrigada! Você foi muito importante. Eu tava pensando há uns dias atrás: que seria de nós se não tivesse uma entrada para essa aula? O que seria de nós, tudo dentro de casa e sem fazer nada. Deu tudo certo. Eu só tenho muito a agradecer, muito a agradecer, muito a agradecer por tudo, viu? Cynara, professora, show, mil, Glória a Deus!"**

Ângela. **"Quero ter oportunidade de continuar me atualizando para saber interagir melhor, e não tá pedindo a ninguém, que, quando pede, é com a cara feia e chateada, não quer ensinar. E a melhor coisa foi ter inventado essa aula. Eu adoro e quero aproveitar as oportunidades de aprender mais."**

Bárbara. **"Sim. Tem muita coisa diferente, mudou muitas coisas. E eu tenho dificuldade de sobre uma foto colocar o desenho, música para levar para outra pessoa. Eu ainda quero aprender mais coisas."**

Bonifácio. **"Eu ainda quero aprender mais coisas. A comunicação através do celular. Isso foi muito bom para mim. É através dele que eu converso com a minha irmã em São Paulo, com a minha irmã na França, para olhar ela. Então, para mim é tudo isso aí. E eu quero aprender muito mais."**

Berenice. **"Para mim, aprender com as tecnologias foi (o) começo de tudo, porque eu não sabia de nada, não sabia como lidar nem com (o) celular. E foi através das aulas que eu aprendi. Sim, ajudaram até demais. Quero aprender mais como se fosse um novo começo para a comunicação."**

Betânia. **"Ensinar, né? Espero que a cada dia mais (o que eu sei) seja melhorado, seja aperfeiçoado, né? porque vai ser melhor agora. Espero que/eu vou esperar aqui participar de mais oficinas. É muita coisa na minha cabeça. Tomara aguentar mais. Ando olhando agora para melhor, com certeza, para melhor, né? É isso aí."**

Clarice. **"Eu... Bom dia, Cynara! respondendo à sua pergunta, eu, realmente, nesse isolamento dessa pandemia, eu usei muito WhatsApp, porque foi o meio, assim, de comunicação com os meus filhos, com a minha família, né? com médicos. Usei muito porque eu marcava consultas, eu marcava exames pra poder fazer, né? Realmente, aprendi a usar as redes, os app, o WhatsApp. Também fazer atividade. E as atividades que eu consegui fazer foi justamente isso, né? e fazer pedido pela internet, fazer pedido de compras, fazer pedido de lanche, usava internet para isso, né? pra pedir on-line, as coisas que eu precisava... E foi realmente uma coisa muito importante... é a comunicação, né? usar esses**

meios de comunicação nessa pandemia. Eu aprendi muitas coisas. E, até hoje, quando eu tenho dúvida, eu vou no meu caderninho. **E quero aprender mais também. Se eu conseguir fazer tudo isso, né? eu quero me atualizar mais e mais nas redes sociais.** Foi realmente uma coisa muito importante aprender **(a fazer)** ligação, comunicação mesmo. Aprendi algumas coisas, muitas coisas e até hoje **continuo buscando**. Aí, quando eu tenho dúvida, vejo tudo aquilo que eu preciso de informações. Eu vou buscar **(mais aprendizado)**, pequenos detalhes, né? **Assim, havendo oportunidade**. E a vida continua, né? É isso mesmo.

A minha maior vantagem realmente foi ter aprendido com as tecnologias móveis, Foi. Que eu não sabia mexer no telefone, não sabia fazer nada. E a minha vontade... minha vontade foi essa de ter aprendido, graças a Deus, né? e a você que nos ajudou a ter participado desse curso. **Eu tô podendo me comunicar com o mundo."**

Candice. "**Sim). Vê** onde nós ficamos, né? **E dar continuidade**, né? Ao que nos faltou. Por exemplo, **sobre** localidades, entendeu? Localidade. Peguei um... **quero chamar um Uber, né? Então, tem que tá pegando as coisas que tá sempre no mundo digital, tá sempre buscando alternativas, não é? Conhecimento. E a gente não fica ultrapassada, não é? Diferente, né? Entendeu? Tendo oportunidade, a gente vai buscar, a gente vai à luta, entendeu? Que, quanto mais a gente... quanto mais a gente nos qualificar para melhor... a surgiu novas... novas técnicas... novas... Então, a gente vai partir em busca, entendeu? Desde que haja oportunidade, entendeu?"**

Cecília. "A vantagem é **nos** encontrar, interagir, né? **Nós não podemos, né?... deixar de tá aprendendo mais essas coisas, interagir com mas (mais) pessoas, pessoas diferentes.**

Catarina. "**Mas o importante (é) conhecer pessoas diferentes, fazer novas amizades, né?** E um tá não é isso nas nossas telinhas, nossos celulares para se comunicar... comunicar umas com as outras né tudo mais foi muito bom entendeu essas oficinas são ótimas... ótimas. Estão ótimas são ótimas viu estão ótimas viu."

Dinah. "**Quero aprender mais, assim, por exemplo, localização, né?** Eu hoje... eu... eu ainda tô deitado né final do aprendizado que tem localização né como se localizar como você sabemos você está passando por onde vai passar aquele período todo eu ainda não peço Uber entendeu se os aplicativos mais não perto e até brincando que Tadeu (monitor) é que eu peço para tu vir aqui me dar umas aulas, entendeu? brincando com Tadeu, *falei até assim para ele, mas chamei tem né faça uma dificuldade em cima* mas nessas áreas de pedir um Uber né eu dependo da minha filha aonde eu estou ela mas só tá onde vou mandar para senhora aí se localizações *né e tudo mais mas né mas assim* nada que não me deixe eu em Pânico não aos poucos eu consigo certo aos poucos ajuda eu consigo mas foi essencial aprendizagens essenciais eu tô escrevendo Ah esqueci de algumas palavras para ler eu não aos poucos eu consigo certo aos poucos não ajuda eu consigo mas foi essencial que a aprendizagem é essencial que eu tô escrevendo Ah esqueci de algumas palavras foi meteu mais ou menos para eu ler aí daqui a pouquinho tudo de novo entendeu mas para vista do que eu fui hoje eu

sou nota 10. Quem te viu quem te vê né? Certo, mas tá tudo bem graças a Deus aos pouquinhos chego lá viu?

Dinorah. *“Para mim, as aulas eram ... era maravilhoso estar junto das amigas, aprendendo mais umas com as outras, fazendo pergunta. E com a Professora maravilhosa. **Claro que sim, quero aprender mais!** Eu não sabia nem falar, muito acanhada. Participar das oficinas foi maravilhoso, foi 100% para mim. *Eu sei fazer tudo que foi ensinado.* Então, eu quero me atualizar.”.*

Dalva. “Muito, muito, muito, muito, muito eu passei aqui no período meio difícil, né? Mas não me faltava mensagem, né? Não me faltava mensagem de carinho das pessoas para comigo, né? que me conhece sabe que eu sou e muito mais Deus me conhece né então não faltava Quando eu via alguma coisa no meu celular que eu vi era mensagem aí eu ia responder. Obrigado agradecer muito, muito muito muito muito muito muito.”.

Darcy. “Celular, no Face, entendeu? Consigo procurar receita que eu faço, né? Meu forte, né? *É* receita. Se eu vou buscar a receita, aí pelo celular, imediatamente, que através do celular e de um caderninho... que, quando eu tenho tempo, aí vou quebrar a cabeça na cozinha, entendeu? Então, são maneiras de como você tá sempre mexendo com a mente, né? Aí eu vou buscar louvores, bolos, culinárias, né? falar com as meninas na empresa onde eu trabalhei. Há muitos anos que eu não conseguia falar, há muito tempo. **Então, a comunicação para mim foi tudo, certo? primeiramente Deus, né? E depois os amigos, a professora Cynara de frente... muito, muito, muito, muito me ajudou e muito, viu? Muito obrigada!**”

Erivany. **“Precisamos fazer mais um curso para atualizar porque senão a gente não acompanha** Tem coisas que não é tão fácil, mas eu já conheci não é minha neta por quê pessoal novo sabe tudo né e a gente precisa também aprender para não ficar dependendo do então a gente precisa se atualizar como é que a gente pode se atualizar voltando para oficina”

Eronildes. **“A maior vantagem e a melhor vontade é o aprendizado que fica é uns amigos que a gente faz é o Aconchego da turma para nossa idade para gente ver os passeios que a gente estuda, mas a gente faz a maior vantagem são essas pelo menos desde que eu entrei, que eu participo das oficinas da Uncisal, eu adquirir muitos conhecimentos, muitas amizades, passeios... tudo de bom. Não vejo a hora de voltar. Essa é minha vontade.”**

Edvirgens. **“Preciso me atualizar, né?** porque as coisas pelo menos né cada dia é uma coisa diferente cada dia a tecnologia muda então tem coisas ainda que eu dificuldade está tudo ok porque eu sei dar para mim usar só quero mesmo me atualizar.”

Evanil. **“Sim ajudaram em muito eu não conhecia nada todo mundo digital eu não tinha conhecimento** e graças a Deus a um cigarro foi que eu fiz computação e depois fiz tecnologia móvel de mim **viu as melhores orientações que a gente pudesse ter para se comunicar só esperando eu voltar.”.**

Frances. “boa noite, professora, Cynara Olegário, com relação as perguntas, para serem respondidas por mim, eu estou respondendo e direcionando para senhora. Como eu tenho me relacionado nesse momento pandêmico? Através das redes sociais. Se eu tenho utilizado muito o celular para me comunicar? Sim, tenho utilizado bastante o telefone celular.” Sim, melhorou muito, em todos os sentidos. **A**

vantagem em conhecer um mundo, que até então, eu não conhecia. Me comunicar com o mundo, através das redes sociais é muito bom.

melhorou muito, em todos os sentidos

Fátima. “Estive todo o tempo em casa, então a quase 2 anos tenho me comunicado mais através do celular. Uso whatsapp e ligação. Inclusive estou fazendo um curso de Latim pela internet, faço aulas on-line, vejo vídeos de histórias bíblicas no YouTube, falo com as minhas amigas e vejo no Instagram e Facebook, rezo o terço pela Live com outras pessoas, assisto a missa do padre Fábio todos os domingos e falo com meus netos e filhos no WhatsApp o dia quase todo. Me ajudou muito, eu não sabia fazer nada com o celular, mal sabia ligar e desligar. Se não fossem essas aulas eu estaria muito triste e sem saber me comunicar com as pessoas. A Covid me isolou do mundo e por sorte e da professora Cynara eu vivo mais feliz porque sei usar o meu celular 🙏 Muita vantagem, eu só aprendi e me atualizo diariamente **eu queria fazer mais aulas de tecnologias móveis** com a professora Cynara e seus monitores, se Deus ainda me permitir. Sim, se eu conseguisse usar o celular e só estaria fazendo ligação e veja como eu faço coisas nos meus dias de isolamento por conta dessa Covid que não vai embora kkkk. Quero fazer Tik Tok que a minha neta fala tanto, fazer vídeos para postar, eu não sei bem e tudo que for apresentando de novo. Sempre tem novidades, né?

“Oi, Cynara! Eu, **com esse isolamento, realmente, eu tenho me comunicado muito com os meus amigos pelo celular**, somente assim, eu ouvindo a voz, às vezes, vendo, a gente se distrai melhor, né? Com o celular, eu tenho conseguido realizar muitas coisas, por exemplo: pagamentos, que eu ia muito ao banco; hoje, não vou mais. É... declaração de imposto de renda; pagamento de IPTU, pagamento de IPVA. Tudo isso, eu estou conseguindo fazer pelo celular”.

Fonte: Elaborado pela Pesquisadora (2022).

No mundo conectado, faz-se imprescindível chamar a atenção para essa nova concepção que o idoso tem sobre a aprendizagem, tendo em vista o impacto que essa cultura tem em relação às sociedades contemporâneas. Se antes, a busca por associações, ONGs ou oficinas restringiam-se a atividades de lazer, atividades artesanais, passeios, viagens, atividades físicas (Cultura Corporal do Movimento) e afins, atualmente, pela influência da cibercultura, o idoso passou a compreender a importância de se apropriar do uso dos aparatos tecnológicos móveis que apresentam notável influência na vida da pessoa idosa.

Uma das questões importantes, e que teve destaque na compreensão e interpretação dos dados apresentados no *corpus* da pesquisa, está associada aos novos saberes e as novas perspectivas dos participantes sobre o que eles buscam aprender.

Nas falas dos participantes apresentadas no quadro 1 (das categorias fechadas), vimos que as noções básicas sobre o uso dos dispositivos móveis, para eles, foi o ponto de partida em busca dos saberes que buscavam adquirir, visto que a maioria deles sequer sabia usar o dispositivo móvel para realizar operações básicas, como ligar, agendar números de contatos, gravar áudios e imagens, acessar as redes sociais.

Vencidas essas primeiras dificuldades, eles enxergaram a necessidade de uma aprendizagem mais complexa e mais relacionada às novas demandas sociais. Mais que se conectar, eles passaram a querer aprender a interagir com mais competência e resolver questões mais funcionais, relacionadas à necessidade de compras, marcação de consultas, participação em cursos de formação, participar (ainda que indiretamente) dos debates sobre questões sociais atuais (que têm impactado o mundo) e, até mesmo, usar as redes para ensinar, como vimos na fala de alguns participantes.

Outro fator que merece destaque é a necessidade que eles sentem de se comunicar, de estar sempre interagindo, sendo isso um ponto comum na fala dos participantes. De fato, o isolamento social impactou bem mais a vida da pessoa idosa, principalmente os que mais tiveram dificuldades de se inserir na cultura digital.

Indubitavelmente, em decorrência da crise pandêmica e da influência da cultura digital, surgem novas perspectivas de aprendizagem, e com o idoso não é diferente. Isso porque a comunicação é um fenômeno universal. E, devido, também, ao isolamento social, ao distanciamento, a necessidade de se comunicar, de resolver inúmeras questões - inclusive, questões essenciais -, o idoso não ficou livre desse contexto.

As novas perspectivas de aprendizagem estão diretamente relacionadas à ideia de conexão, pois eles puderam sentir e compreender que, para estar incluso na sociedade contemporânea, é imprescindível desenvolver novas habilidades, o que está para além de saber se conectar a uma rede social por meio de um dispositivo móvel. Daí, nasce a perspectiva de querer continuar se atualizando, de participar mais da vida social em ambientes virtuais, também para poder se fazer competente na comunicação e ser aceito dentro das relações virtuais.

Então, se antes, o idoso buscava se inscrever em cursos voltados ao bem-estar, ao entretenimento, à distração e à socialização; hoje, buscam, além de se conectar (buscando saída para o isolamento, para a solidão), conseguir se manter conectado e participar com propriedade das relações virtuais, na sociedade em rede. Com tudo isso, é certo que o idoso, participante das oficinas, compreendeu a necessidade de sua inclusão na cultura digital, passando a entender e sentir a dimensão desse universo.

Portanto, essa mudança de perspectiva foi fortemente influenciada por esse entendimento de que a inclusão digital, que era compreendida como um fator importante para que o idoso tivesse uma melhora na qualidade de vida, agora se tornou necessária para questões essenciais à melhoria de sua sobrevivência, como se sentir útil, poder aprender e ensinar, estar presente entre os familiares e amigos, conhecer mais sobre o mundo, estar informado e continuar aprendendo. A pessoa idosa que hoje tem esclarecimento sobre essa realidade contraria a ideia de estar ultrapassado, querendo pertencer ao presente e estar presente.

Em consequência da influência das mídias digitais, do mundo conectado, surgem novas perspectivas de aprendizagem, e com o idoso não é diferente, pois a comunicação é um fenômeno universal. E, devido, também, ao isolamento social, ao distanciamento, a necessidade de se comunicar, de resolver inúmeras questões, inclusive, questões essenciais, o idoso não ficou livre desse contexto. Toda essa atmosfera fez se intensificar o desejo da pessoa de “estar junto”, de se fazer presente, de compartilhar emoções, sentimentos.

Naturalmente, a velhice caracteriza-se por uma etapa da vida em que o indivíduo se encontra mais fragilizado que nas outras fases, física e emocionalmente. Com a pandemia, tudo isso se intensificou, deixando a pessoa mais sensível ainda. O isolamento, conseqüentemente, inviabilizou o contato das pessoas, e isso, provavelmente, foi mais forte para o indivíduo de mais idade.

Por essas razões, o idoso precisou rever suas perspectivas, em certos casos, involuntariamente. Desse modo, a inclusão do idoso por meio dos dispositivos móveis na cultura digital possibilita o surgimento de novas perspectivas de aprendizagem, como a de continuar se atualizando, desde quando o indivíduo passa a perceber que

tudo se transforma muito rapidamente e que a história mudou e, com ela, as culturas, as linguagens e os modos de se relacionar.

Não é demais repetir que aprender, por meio das tecnologias digitais, gera uma nova perspectiva de aprendizagem, assim, o idoso participante das oficinas intensificou seus interesses pela aprendizagem. Isso se refere a um aspecto relevante, ou seja, o interesse, o empenho, a disposição e o esforço para aprender, não só do ponto de vista cognitivo, mas também sobre os fatores emocionais e psicológicos.

Portanto, podemos perceber que a aprendizagem aconteceu como um processo com interações e diálogos diante às experiências, aprendizados, junto aos sujeitos e interlocutores. Buscando ir além da mecanização; reconstruindo, incentivando a criatividade e criticidade durante a apropriação de novas competências e habilidades nas oficinas.

Compreendemos em Paulo Freire (2002) que o aluno é o protagonista de sua aprendizagem, logo, seus saberes e suas experiências são essenciais ao aprendizado. E, nesse processo, são também indispensáveis o diálogo e a reflexão crítica sobre a realidade em que vivem. Logo, para o idoso, que, muitas vezes, sentia que não haveria mais necessidade de aprender, passou a perceber novos interesses e possibilidades de aprendizagem, dado a utilidade do aprender com e sobre as tecnologias digitais e a necessidade de se incluir na sociedade em rede; e não apenas estar incluso, mas ter competência para isso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por um período considerável, o tempo que dediquei a esta pesquisa foi tão intenso quanto o que me foi possível realizar, tamanha foi a responsabilidade que assumi para trabalhar no sentido de compreender os fatores intrínsecos à inclusão digital do idoso por meio dos dispositivos móveis. Embora as dificuldades e o trabalho exaustivo sejam próprios de estudos acadêmicos que envolvem pesquisas de natureza aplicada, esta pesquisa foi muito além do que expressa o tema do trabalho desenvolvido.

Para se ter uma ideia, maior parte das dificuldades que enfrentei está relacionada ao fato de que o trabalho desenvolvido no âmbito desta pesquisa não se resumiu a dispor do uso dos dispositivos móveis para ensinar o idoso a utilizá-los com competência, a se conectar e, assim, fazer parte da sociedade em rede.

Para realizar esta pesquisa com coerência e propriedade, foi imprescindível o empenho em analisar, problematizar e compreender a velhice em seus diversos aspectos (sociais, culturais, cronológicos, biológicos, psicológicos). Compreender o processo de envelhecimento e seus múltiplos aspectos foi condição essencial para lidar com os participantes e dar conta do que propus com esta pesquisa.

Mais que isso, esta pesquisa envolveu - além dos contínuos estudos, das oficinas realizadas, das interações e das análises sobre os discursos manifestados nas oficinas e nas redes sociais pelas quais interagíamos - uma maior aproximação com os participantes, por meio da qual busquei promover situações e condições favoráveis ao bem-estar e a autoestima de cada um, procurando motivá-los ante as dificuldades que iam surgindo.

Entender, por exemplo, que o envelhecimento é um processo heterogêneo, foi o ponto de partida para analisar e assistir os envolvidos com base no grupo e, principalmente, com base em cada participante de forma particular. Essa perspectiva contribuiu para que o diálogo com cada um e, também, com o grupo contribuísse para que houvesse autenticidade e coerência na captação dos dados e, por conseguinte, em sua análise e na forma de planejar e conduzir as atividades.

Apesar dos limites da pesquisa, enfrentei a exigência de estudar bastante para compreender as novas teorias destinadas a explicar o fenômeno do envelhecimento, em vista da compreensão sobre a velhice e os fatores envolvidos nesse processo.

Para tanto, não pude prescindir de interpretações sobre o envelhecimento humano, considerando o indivíduo situado num dado contexto sócio-histórico-cultural, bem como sobre as mudanças que têm influenciado inúmeros aspectos humanos, incluindo o impacto na vida da pessoa idosa, envolvendo hábitos, crenças, questões culturais, longevidade, imagem e, ainda, formas de se relacionar e de interagir.

Portanto, os estudos que realizei, voltados a esta pesquisa, foram bem complexos, e me possibilitaram interpretações de fatores sobre os quais, até então, eu não tinha conhecimento. E para melhor compreender o processo de envelhecer e suas discrepâncias, analisei as diferentes concepções sobre a velhice estabelecidas ao longo dos tempos. Eu não poderia prescindir desses estudos.

Nesse sentido, além de compreender esses fatores, simultaneamente, eu me envolvi com a teoria e com a prática para dar conta de questões bem complexas, na medida em que desenvolver um trabalho voltado para a pessoa idosa envolve múltiplas questões, pois, por si só, o processo de envelhecimento envolve, pelo menos, fatores morfológicos, bioquímicos, funcionais e psicológicos.

Por conseguinte, a abordagem do tema está para além de aspectos pedagógicos, cognitivos e sociopolíticos, o que significa compreender, também, a implicação das dimensões do processo de envelhecer para o indivíduo, (levando em conta alguns critérios: idade; gênero; grau de escolaridade; condições de saúde física e mental, financeira, entre outros aspectos, considerando como tudo isso interfere na aprendizagem da pessoa idosa. Naturalmente, a pesquisa implicou um processo que me impôs tamanha dificuldade e me proporcionou muitas aprendizagens.

No final desta pesquisa, naturalmente, ainda me sinto motivada a continuar estudando para ampliar meu entendimento a respeito das sociedades, culturas e linguagens contemporâneas tendo como foco as competências necessárias à pessoa idosa e as perspectivas de aprendizagem na cultura digital.

Vimos com as transformações ocorridas nas sociedades implicam mudanças que impactam o contexto educacional. Essa realidade encontra-se expressa na fala dos participantes da pesquisa. Por isso, entendo que o professor precisa estar em

constante formação, e os idosos participantes desta pesquisa demonstraram que sentem essa necessidade. Eles almejam e têm o direito de estar em constante formação.

Nestes estudos, dois aspectos me chamaram a atenção: primeiramente, o avanço em relação as expectativas de aprendizagem e aos modos de interação que a pessoa idosa tem experienciado. Relacionado a esse primeiro aspecto, também se sobressai o modo como a conectividade tem interferido em aspectos fundamentais da vida do idoso, implicando novas possibilidades de interrelações.

Com isso, veem-se, claramente, novas possibilidades de aprendizagem sobre a cultura digital para o idoso, mesmo nessas condições de isolamento, de inatividade e de obsolescência, por meio das interações em rede, favorecendo novas perspectivas de atuação.

As questões que motivaram a realização deste estudo estão diretamente relacionadas à influência da revolução tecnológica e dos meios midiáticos na sociedade atual, bem como sua implicação na vida da pessoa idosa. Por entender que as relações e interações sociais influenciam a vida de cada pessoa, na atual conjuntura, profundamente marcada pelas transformações provenientes da cibercultura, considero que possibilitar a inclusão digital da pessoa idosa também é uma forma de valorização e respeito ao idoso.

Desde que compreendi o impacto das tecnologias digitais, e o quanto esses aparatos ligados à Internet têm influenciado as relações sociais, passei a ponderar sobre o prejuízo sofrido pela pessoa idosa. Isso porque o idoso já sofre o ônus da exclusão em vários aspectos, onde pensei em problematizar as dificuldades do idoso em relação às mídias móveis.

A respeito dessa problemática, foi demasiadamente complicado lidar com as dificuldades dos idosos participantes da pesquisa quanto ao domínio e às habilidades que precisavam desenvolver com as tecnologias digitais. No entanto, foi satisfatório possibilitar a aprendizagem sobre o uso das potencialidades de um aparelho móvel, tendo em vista os vários recursos úteis para o dia a dia dos participantes.

No processo de estudos, com o isolamento social, passei a refletir bem mais sobre como favorecer aos participantes da pesquisa ampliação a aprendizagem sobre a cultura digital. Foi com essas perspectivas que me debrucei em estudos que me

possibilitassem planejar, desenvolver e aplicar; replanejar e reaplicar uma proposta didático-pedagógica que privilegiasse a inscrição do idoso na cibercultura.

Assim, passei a compreender, com base no aporte teórico, como era possível associar o processo de envelhecimento à capacidade de aprendizagem, de flexibilidade, de pertencimento e de efetiva participação na vida social, levando em conta a necessidade de debates e mobilização social a favor da efetivação dessas novas perspectivas. Acredito que, com este trabalho, posso vir a tornar mais veemente os debates e as mobilizações a favor da inclusão digital do idoso.

Diante desse panorama, em conformidade com a problemática que motivou esta pesquisa (Como as Oficinas de Tecnologias Digitais Móveis (TDM), do projeto de extensão da UNCISAL/AL, podem contribuir para a inclusão digital do idoso com os aplicativos e sites de redes sociais digitais e seus reflexos na melhoria da qualidade de vida?), desenvolvi entrevistas e questionários semiestruturados para compreender a relação que os idosos participantes das oficinas estabeleciam com os dispositivos móveis.

Inicialmente, busquei analisar a forma como eles usavam o celular, quais as dificuldades e a funcionalidade que esse artefato tinha para cada um dos participantes. E, como já presumia, as dificuldades eram muitas, inclusive em relação aos recursos básicos que os dispositivos oferecem, o que implicava a subutilização desses aparatos pelos participantes.

Com isso, as primeiras atividades foram elaboradas com o objetivo de fazer com que os participantes aprendessem a dispor dos recursos com mais facilidade, tendo em vista as funções ligadas às atividades cotidianas que eles queriam realizar, mas não sabiam como utilizar seu dispositivo adequadamente.

No início, surgiram empecilhos, pelo fato de ter de desenvolver o trabalho sozinha diante de tantas dificuldades por parte dos participantes. Para resolver essa questão, solicitei a participação de monitores para ajudar os participantes no manuseio com os dispositivos móveis.

Os participantes tinham pressa em aprender, o que, às vezes atrapalhava o desempenho de cada um. Diante das dificuldades, eles se sentiam inaptos, ficavam ansiosos, afobados, o que tornava o processo ainda mais complicado. Por isso, foi preciso agir com muita paciência e empatia a fim de motivá-los a continuar tentando.

Os interesses que eles demonstraram no início da pesquisa eram o de saber usar os aplicativos, saber tirar fotos, fazer vídeos, realizar chamadas de vídeos, usar a agenda telefônica, a calculadora, agendar consultas, pesquisar, acessar as redes sociais, salvar ou apagar mensagens. Paulatinamente, as oficinas foram se tornando mais favoráveis aos alunos.

Depois de dedicar um tempo a atividades relacionadas às habilidades dos participantes para o uso mecânico dos dispositivos, passamos, enfim, a trabalhar no sentido de desenvolver o letramento digital, que significa bem mais do que apenas conhecer e utilizar as funções básicas dos dispositivos. Estar letrado digitalmente significa saber usar o dispositivo móvel, estabelecer interações por meio da linguagem digital nas redes sociais (leitura, escrita e competência para consumir, compreender e compartilhar mensagens de forma reflexiva). A partir daí, pode-se pensar no letramento crítico.

Quanto mais os participantes se envolviam nas atividades, maior era a participação deles no grupo de WhatsApp, no Facebook e no Instagram. Mais do que atividades de metalinguagem, eles passaram a compreender questões relacionadas aos letramentos digital e crítico, na medida em que problematizavam o conteúdo de mensagens duvidosas, analisavam indícios de fake News e ponderavam sobre o que deveriam - ou não - compartilhar, tendo em vista a ética nas redes sociais.

No percurso da pesquisa, portanto, com o desenvolvimento e aplicação das atividades, ponderei sobre o pressuposto de que as Oficinas de Tecnologias Digitais Móveis (TDM), do projeto de extensão da UNCISAL/AL, podem contribuir para a inclusão digital do idoso com os aplicativos e sites de redes sociais digitais e seus reflexos na melhoria de qualidade de vida.

Com essas ponderações, procurei aperfeiçoar as oficinas de modo que as atividades fossem favoráveis a participação dos alunos nas redes para que eles desenvolvessem, ainda que progressivamente, a capacidade de agir com responsabilidade e criticidade diante das inúmeras notícias e mensagens que compartilhavam.

Portanto, reforço o fato de que esta pesquisa implicou em um trabalho mais árduo do que eu pude presumir. Por outro lado, atesto que a satisfação de ver o

envolvimento dos participantes, de constatar a capacidade de atribuir sentidos ao que aprenderam e se sentir motivados a continuar aprendendo.

Cabe destacar a satisfação de compreender, com base nos discursos dos participantes, a articulação entre a aprendizagem e a resolução de questões cotidianas. Desse modo, podemos falar em aprendizagem efetiva, visto que o pouco ou muito das habilidades que conseguiram desenvolver tem contribuído para que eles consigam resolver questões desempenhando atividades de forma significativa, mediante uma atitude reflexiva e crítica.

Não obstante, diante das dificuldades e dos entraves que surgiram durante o processo, constata-se que - a partir das falas e atitudes dos idosos, dentro e fora das oficinas, durante e após a pesquisa - os participantes das oficinas desenvolveram certas habilidades, em maior ou menor medida, de acordo com as condições de cada participante, e continuam explorando os conhecimentos adquiridos nas redes sociais pelas quais continuamos interagindo.

Ademais, diante do contexto do isolamento social, pode-se afirmar, ainda, que esses conhecimentos têm contribuído para que os participantes consigam resolver questões relacionadas ao seu dia a dia, principalmente na condição de isolamento, cuja mobilidade foi comprometida.

Com os conhecimentos adquiridos a partir das oficinas, por exemplo, tornou-se possível para eles dispor do celular ou tablet para comprar alimentos, solicitar um transporte, participar de lives com temas religiosos e se comunicar com parentes e pessoas próximas, entre muitas outras funções, como ensinar e/ou participar de cursos de formação. Tudo isso contribuiu para a melhoria da qualidade de vida dos participantes no período de isolamento, como demonstram as falas dos participantes captadas nos questionários e nas entrevistas.

Com esta pesquisa, enfim, procurei atender ao objetivo precípua de analisar como as oficinas de Tecnologias Digitais Móveis (TDM) para o idoso participante do projeto UNCISATI podem contribuir para a inclusão digital desse idoso no processo de socialização e interação com as redes sociais e seus reflexos na melhoria de qualidade de vida.

A partir do objetivo geral, considerei como objetivos específicos: averiguar o lugar que ocupa as tecnologias móveis para o idoso como meio de inclusão digital e

autonomia nas ações do cotidiano; constatar se, e em que medida, as tecnologias digitais móveis podem contribuir para o letramento digital do idoso; descrever o comportamento do idoso em tempo da cibercultura; comprovar as contribuições das oficinas de inclusão digital, realizadas por meio de dispositivos digitais móveis como fomento de novas estratégias e possibilidades de uso de apropriação digital, social e educacional.

Com as primeiras atividades realizadas, quer no sentido de didatização, quer seja no sentido de debater questões relativas ao desenvolvimento dos letramentos digital e crítico, os primeiros problemas destacados estavam relacionados à baixa autoestima dos participantes. Embora alguns deles demonstrassem interesse em aprender, havia muitos deles que resistiam em participar dos diálogos e/ou a realizar atividades quando sentiam dificuldade. Esses últimos passavam muito tempo realizando uma única operação.

Deste modo, é possível afirmar que os objetivos desta tese foram alcançados na medida em que o desenvolvimento das oficinas possibilitou o uso dos dispositivos móveis, de forma mais autônoma e com a apropriação, de competências e habilidades aos sujeitos que são essenciais no contexto da cultura digital. Vale destacar que apesar dos resultados da pesquisa, e do processo de formação aqui relatado, a inclusão digital ainda é um grande problema no cotidiano, posto que nem todos tem ao mesmo tempo, acesso aos serviços e facilidades propiciados pelas tecnologias digitais na cibercultura.

A melhor forma de lidar com esses empecilhos foi levar os participantes para interagir em situações concretas por meio do grupo do WhatsApp e do Facebook. Depois, à medida que eles foram se aperfeiçoando, passamos a usar também o Instagram. Com essa abordagem, percebi o quanto eles têm inclinação para problematizar questões relacionadas a atitude das pessoas, como a falta de ética nas redes sociais, explorando a criticidade diante dos acontecimentos e das atitudes das pessoas. Deste modo, foi possível desenvolver experiências de aprendizagem ativa, uma vez que os alunos estavam envolvidos com as situações apresentadas.

Analisando as mensagens que eles consumiam, compartilhavam e os sentidos que eles atribuíam a esses conteúdos, compreendi que o potencial que eles demonstravam era o de tratar de questões morais, religiosas, culturais, políticas, com

base na ética. Compreendi, então, que eles se apoiavam nas experiências de vida como forma de demonstrar seus saberes a partir da maturidade. Com isso, exploramos esses saberes de forma concreta em nossas interações.

A partir dessa abordagem referente aos debates que se realizavam nas oficinas e nas redes sociais, o interesse pela aprendizagem e participação se intensificaram, gradativamente, possibilitando um maior envolvimento dos participantes com as atividades e entre nós. Acredito que esse foi o ponto crucial para atingir os objetivos da pesquisa.

Segui uma abordagem que partiu de atividades técnicas, sustentadas com literatura existente, para, a partir daí, promover situações concretas de debates, compartilhamento e consumo de mensagens, evoluindo para a análise reflexiva das mensagens e o posicionamento crítico dos participantes compartilhado em nossas interações. Para tanto, precisei alternar entre as atividades que atendessem os interesses primeiros dos participantes (os quais foram apresentados nestas considerações) com as atividades favoráveis ao letramento digital. E, ainda, no decorrer da pesquisa, a partir dos debates que surgiram sobre a importância de refletir e agir sobre questões éticas nas redes sociais, passamos a vislumbrar o letramento crítico.

Sumariamente, essas foram as estratégias e os percursos que segui para possibilitar que as oficinas de Tecnologias Digitais Móveis (TDM) do projeto UNCISATI contribuíssem para que as habilidades desenvolvidas implicassem o letramento digital dos idosos participantes, além de possibilitar que o aprendizado seja utilizado com competência para que eles possam interagir nas redes sociais, levando em conta a ética e os cuidados quanto à privacidade e a segurança, e, ainda, que possam resolver questões do dia a dia dispondo dos dispositivos móveis.

Com efeito, demos um passo para a inclusão digital desses idosos no processo de socialização e interação com as redes sociais e seus reflexos na melhoria de qualidade de vida. Cumpre reiterar os implícitos e explícitos nos discursos dos participantes, de que as oficinas de inclusão digital significaram o princípio de uma aprendizagem que abre novas perspectivas de apropriação digital, convívio social e fluência educacional.

Por fim, cumpre mencionar que, com a crise pandêmica, com as limitações que nos foram impostas, sentimos o quanto as tecnologias móveis têm cumprido um papel favorável na vida das pessoas, ocupando um lugar de destaque nas ações do cotidiano.

Assim, nesta pesquisa foi possível perceber nitidamente o processo de aprendizagem de cada aluno idoso, pois, os ensinamentos adquiridos por meio do uso dos dispositivos móveis ratificaram a evolução, a integração, a comunicação e todo o contexto que direciona a realidade e os conhecimentos prévios de cada idoso. Portanto, no período de isolamento social por conta da pandemia Covid 19, constatou-se que os idosos que possuíam algum conhecimento ou habilidade, conseguiram desenvolver estratégias de lazer, de artes manuais e educacionais. Uma vez que é notável que os conhecimentos anteriores proporcionam a aprendizagem de novos saberes. Nesse sentido, consta-se no Quadro 4 - Unidade de análise: As transformações na aprendizagem e as novas perspectivas do idoso.

Diante do exposto, conhecer a estrutura cognitiva dos alunos possibilitou e ao mesmo tempo ratificou a tese defendida: As Tecnologias Digitais Móveis (TDM), uma vez que se constituem como um amplo meio de interação, além do seu grande impacto na sociedade, contribuem para a inclusão digital do idoso como instrumento de socialização e interação com redes sociais e seus reflexos na aprendizagem e na melhoria de qualidade de vida dos idosos. Diante, desses resultados, ainda, foi possível proporcionar o desenvolvimento das habilidades implicadas no seu letramento digital.

Destarte, as oficinas voltadas à inclusão digital do idoso contribuíram para que o idoso participante do projeto UNCISATI fosse favorecido por um aprendizado que tende a se fortalecer e se ampliar. Esse aprendizado foi possível desde quando os participantes passaram a compreender a aprendizagem sob novas perspectivas.

Decerto, os participantes pensavam em absorver apenas conhecimentos básicos sobre a utilização dos dispositivos móveis, mas esses conhecimentos foram potencializados pela nova abrangência dedicada ao tema, onde considerou a interação dos idosos nas diversas redes sociais e outras funcionalidades peculiares ao público alvo, pois o aprendizado está relacionado à competência para atuar nas diversas redes sociais, para realizar atividades diversas, levando em conta a

responsabilidade com a segurança, a privacidade e o comportamento ético diante da leitura, do consumo e do compartilhamento de mensagens e conteúdos.

No decorrer desta pesquisa, os objetivos específicos foram trabalhados com o intento de validar todo o contexto desta pesquisa. Portanto, sintetiza-se o conteúdo dos quadros apresentados no escopo, porém com uma visão compactada para que se tenha um panorama da realidade dos alunos idosos e seu letramento e inclusão digital, a saber: Quadro 1 - Os alunos ávidos por conhecimentos digital; Quadro 2 – As oficinas favoreceram a inclusão digital dos alunos por meio do uso dos dispositivos móveis; Quadro 3 – Alunos com compreensão do letramento digital; e no Quadro 4 – ficou constatado o objetivo geral, tendo em vista que as oficinas (TDM) favoreceram a inclusão digital, a socialização, bem como contribuíram para a sua melhor qualidade de vida dos alunos idosos.

Recomenda-se para uma perspectiva futura de estudos e pesquisas, que as oficinas de redes sociais e tecnologias móveis para o idoso (que estão vinculadas a um projeto macro da UNCISATI) passem a fazer parte de um projeto de extensão integrado dentro da curricularização. Efetivamente, essa perspectiva está de acordo com o Plano Nacional de Extensão Universitária e com a Política Nacional de Extensão, que preconiza que 10% da carga horária de todos os cursos de graduação e tecnológico deverão ser aplicados nas ações extensionistas. Bem como a publicização destes escritos.

REFERÊNCIAS

ALVES JÚNIOR, E. D. **Procurando superar a modelização de um modo de envelhecer.** *Movimento*, Porto Alegre, v. 10, n. 2. 2004. Disponível em: <file:///C:/Users/Cynara/Downloads/2840-Texto%20do%20artigo-9978-1-10-20071226.pdf>. Acesso em: 02 out. 2021.

BESSA, A. T; FERREIRA, S.B. **Algumas considerações sobre Celular e seus Serviços pela Terceira Idade.** Relatórios Técnicos do DIA/UNIRIO, n.1, 2012.

BIZELLI, M. H. S. S. *et al.* (2009). Informática para a Terceira idade” características de um curso bem-sucedido. *Rev. Ciênc. Ext.* v.5, n.2, 2009.

BLAIKIE, A. **Ageing and popular culture.** Cambridge: Cambridge University Press. 1999.

BRASIL. Estatuto do Idoso – Lei 10741-03.
Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm.
Acesso em: 12 set. de 2020.

CANCELA, Diana Manuela Gomes. **O processo de envelhecimento. 2017.**
Disponível em:
<http://www.psicologia.pt/pesquisa/index.php?q=diana%20manuela%20gomes>.
Acesso em: 12 de set. de 2020.

CARVALHO, J. A. M e GARCIA.R.A. **O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. 2003** Disponível:
<https://www.scielo.br/j/csp/a/wvqBNvKW9Y8YRqCcjNrL4zz/?lang=pt&format=pdf>.
Acesso em: 18 de set. 2020.

CASTELLS, M. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade.** Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2004.

Centro Regional de Estudo para o desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC). **TIC Domicílios 2019 - Principais.** Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf. Acesso em 10 mar. de 2020.

CHAIMOWIZ, Flávio. **Saúde do Idoso.** Ed. Coomed. Belo Horizonte. 2009.

CHAGAS, Alexandre Menezes. **A curadoria de conteúdos digitais na prática docente e formação de publicitários no curso de comunicação social da Universidade Tiradentes.** Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Tiradentes: Aracaju, 2018.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

COUTO, A. L. A; ROCHA-COUTINHO, M. L. Gerontologia: Scienza Nuova. Reflexões acerca do discurso científico sobre o envelhecer. **In: Artigo da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. Seção Rio de Janeiro.

Disponível em: SBGGRJ – Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Acesso em: 9 de jan. de 2020.

COSTA, E. F. d. A.; PORTO, C. C.; SOARES, A. T. (2013). **Envelhecimento populacional brasileiro e aprendizado de geriatria e gerontologia**. Revista UFG, V (2).

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Universidade de São Paulo.1999.

DEWEY, John. **Democracia e educação**: capítulos essenciais. Tradução Roberto Cavallari Filho. São Paulo: Ática, 2007.

DOLL, Johannes. **Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e expectativas na Terceira Idade** - 1ª Ed. São Paulo. SESC .2007.

DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PEGRUM, M. **Letramentos digitais**. MARCIONILO, M. (Trad.). São Paulo: Parábola Editorial, 2016. Disponível em: <<http://padepalavra.com.br/loja/parabola/letramentos-digitais-detail.html>>. Acesso em 10 mai. 2020.

FERNÁNDEZ-ARDÉVOL, M. [Mireia]. (2019). **Práticas digitais móveis das pessoas idosas no Brasil**: dados e reflexões. Panorama setorial da Internet, 11 (1).

Disponível em:

https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/1/panorama_estendido_mar_2019_online.pdf

Acesso em: 23 mar. 2022.

FLAUZINO, Karina de Lima et al. **Letramento Digital para Idosos**: percepções sobre o ensino-aprendizagem. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 45, n. 4, e104913, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-6236104913>. Acesso em: 25 fev. 2022.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GRAY, D. E. **Pesquisa no mundo real**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2012. 488 p. (Série Métodos de Pesquisa).

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Organizadores. Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

HOYER, W. J.; ROODIN, P. A. **Adult development and aging**. New York: The McGrawHill. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/LTdtHbLvZPLZk8MtMNmZyb/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 26 mai. 2020.

IBICT. **Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia**. Disponível em: <https://mid.ibict.br/index.php/livros>. Acesso em: 20 nov. 2020.

Índice da Global AgeWatch 2015: **Sumário executivo Síntese Global**. 2015

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2019). **Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua**. Características gerais dos domicílios e dos moradores 2018.

JARDIM, V. C. F. S; MEDEIROS, B. F.; BRITO, A. M. **Um Olhar Sobre o Processo do Envelhecimento**: a percepção de idosos sobre a velhice. Rev. Bras. Geriatr. Gerontologia. 9 (2) •May-Aug 2006.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/tzGHq3mphTxJ5jtvX5pRM6z/abstract/?lang=pt>
Acesso em: 20 nov. 2020.

JONES, R. L. **'Older people' talking as if they are not older people**: positioning theory as an explanation. *Journal of Aging Studies*.2006.

KACHAR, V. **Terceira idade & informática: aprender revelando potencialidades**. São Paulo: Cortez, 2003. In: Revista Kairós Gerontologia, 13(2), INSS 2176-901X, São Paulo, novembro/2010: 131-147.

KACHAR, V. **Envelhecimento e perspectivas de inclusão digital**. Revista Kairós Gerontologia, 13(2), INSS 2176-901X, São Paulo, novembro/2010: 131-147. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/viewFile/5371/3851>. Acesso em 11 de nov. de 2019.

KALACHE, A; VERAS, R. P.; RAMOS, L. R. **O envelhecimento da população mundial: um desafio novo**. **REVISTA DE SAÚDE PÚBLICA**. São Paulo, v. 21, n. 3, p.200-210, 1987. Disponível em: https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/registo/O_envelhecimento_da_populacao_mundial__um_desafio_novo_1/291
Acesso em: 22 nov. de 2019

KAPLÚN, M. **Una Pedagogía de la comunicación** (el comunicador popular). La Habana: Editorial Caminos, 2002.

KATZ, S. **Disciplining old age: the formation of gerontological knowledge**. Charlottesville: University Press of Virginia. 1996.

KATZ, S. Imagining the life-span: from premodern miracles to postmodern fantasies. In: Featherstone, Mike; Wernick, Andrew (Org.). **Images of aging: cultural representations of later life**. London: Routledge. 199 Fapesp. 1999.

LEMOS, A. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina. 2002. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2019/01/10/interna_tecnologia,730201/idosos-sao-mais-propensos-a-compartilhar-fake-news-diz-estudo.shtml. Acesso em 10 de fev. de 2018.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 5ª edição; Porto Alegre: Sulina, 2010.

LÉVY, P. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

MAXIMIANO-BARRETO, M. A., Andrade, L., Campos, L. B. de, Portes, F. A., & Generoso, F. K. (2019). **A feminização da velhice: uma abordagem biopsicossocial do fenômeno**. *Interfaces Científicas - Humanas e Sociais*, 8(2). 2019v8n2p239-252.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MEIRELES, V. C. et al. **Característica dos idosos em área de abrangência do programa saúde da família na região Noroeste do Paraná**: Contribuições para gestão do cuidado em enfermagem. *Saúde soc.* v.16, n.1. Paraná: Saúde e Sociedade, 2007.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**: processo constitutivo de múltiplas faces. *Ciência & Educação*, São Paulo, v.12, n.1. abr. 2016.

MORAGAS, R. M. **Gerontologia Social Envelhecimento e Qualidade de Vida**. São Paulo; Paulinas, 1997.

MOREIRA, H. e CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MOURA, A. **Apropriação do telemóvel como ferramenta de mediação em mobile learning**: estudos de casos em contexto educativo. Doutorado em Educação, na área de especialização em Tecnologia Educativa, Universidade do Minho. (2010).

NERI, A. L. **O fruto dá sementes: processos de amadurecimento e envelhecimento**. In A. L. Neri (Org.), *Maturidade e velhice: trajetórias individuais e socioculturais* (pp.11-52). Campinas: Papirus. (2001).

NERI, A. L. (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. (2007).

NUNES, V. P. C. **Envelhecimento: olhando-se no espelho da vida, através da inclusão digital**. In: TERRA, Newton Luiz; FERREIRA, Anderson Jackle; TACQUES, Cláudia de Oliveira, MACHADO L. R. (org..). **Envelhecimento e suas Múltiplas áreas do Conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

OBSERVATÓRIO Nacional do Idoso. **Plano de ação internacional sobre o envelhecimento**, 2002 / Organização das P712a. Nações Unidas; tradução de Arlene Santos, revisão de português de Alkmin Cunha; revisão técnica de Jurilza M.B. de Mendonça e Vitória Gois. – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003. p. 86: 21cm. – (Série Institucional em Direitos Humanos; v. 1). Disponível em: http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_manual/5.pdf. Acesso em 10 de fev.2019

Organização Mundial da Saúde (OMS). **Projeto de Lei 5383/19**. Disponível:<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2223942>. Acesso em: 10 de fev. 2020.

Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS). World Health Organization. (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde. Disponível: <https://www.paho.org/pt/envelhecimento-saudavel>. Acesso em: 2 de jan. de 2022.

PAPALÉO Netto M. **Gerontologia**. São Paulo: Atheneu; 2002.

PACHECO, J. **Sobre a aposentadoria e envelhecimento**. In J. L. Pacheco, J. L. M. Sá, L. Py & S. N. Goldman (Orgs.), *Tempo rio que arrebatá Holambra*. 2005.

PAIVA, V. M. B. **A Velhice como Fase do Desenvolvimento Humano**. Rev. de Psicologia. Fortaleza, 4 (1): jan. jun., 1986.

PALFREY, J.; GASSER, U. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto alegre: Artmed, 2011.

PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants Disponível em: <http://www.marcprensky.com/writing>. Acesso em 10 out.2021 (texto publicado na sua primeira versão em 2001).

PEREIRA. Potyara, A.P. **Formação em Serviço Social, política social e envelhecimento populacional**. Revista Ser Social 21. Política Social, envelhecimento e família. Dez. 2007.

REVISTA BBC News Brasil. **Idosos são mais propensos a espalhar notícias falsas, diz estudo** 12 janeiro 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46849533>. Acesso em: 20 fev. de 2020.

RODRIGUES, N. C.; TERRA N., L. **Gerontologia Social Para Leigos**. Porto Alegre: Edipurcs, 2006.

ROJO, R. H. R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, R. H. R.; MOURA, E. (Org.). **Multiletramentos na Escola**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2012.

SANTOS, S. S. C. Envelhecimento: visão de filósofos da antiguidade oriental e ocidental. **Rev. RENE**. Fortaleza, v.2, n.1, p. 9-14, jan./jul./2001.

SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. **O envelhecimento na atualidade**: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. Estudos de Psicologia. Campinas | 25(4) | 585-593 | outubro - dezembro 2008.

SILVA, L. R. F.: **Da velhice à terceira idade**: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. História, Ciências, Saúde-Manguinhos. Mar. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/kM6LLdqGLtgqpggJT5hQRCy/?lang=pt>
Acesso em: 12 de nov. de 2019.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUZA, V.L.de et al. (2010, abril). **Perfil das habilidades cognitivas no envelhecimento normal**. Rev. CEFAC, 12(2). São Paulo. Recuperado em 10 set., 2010 em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462010000200003&lng=en&nrm=iso.

SOUZA, V. V. S. **Letramento digital e formação dos professores**. Revista Língua Escrita, n. 2, dez. 2007.

Schroots, J. J., & Birren, J. E. (1990). **Concepts of Time and Aging in Science**. In I. Birren, J. E. II. Schaie & K. Warner (Orgs.), Handbook of the Psychology of Aging. London: Academic Press.

STREET, B. **Letramentos Sociais**: abordagem críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SQUIRRA; FEDOCE. **A tecnologia móvel e os potenciais da comunicação na educação**. Mediações sonoras. Vol.18, Nº 02, 2º semestre 2011. Disponível em: http://www.logos.uerj.br/PDFS/35/20_logos35_tema_livre_squirra.pdf.
Acesso em: 10 fev. de 2019.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. - São Paulo: Cortez. 1986.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação** – 18. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VENTURI, G.; BOKANY, V. **A velhice no Brasil**: contrastes entre o vivido e o imaginado. In: *Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade.* / organizadora Anita Liberalesso Néri – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC-SP, 2007.

XAVIER, A. C. dos S. **Letramento digital e ensino**. 2002. Núcleo de Estudos de Hipertexto e tecnologia Educacional- NEHTE.

Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento-Digital-Xavier.pdf>. Acesso: 22 de mar. de 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento de Participação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.)

Eu, _____ aluno da oficina “Redes Sociais e Dispositivos Móveis para o idoso, tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das responsabilidades, dos riscos e dos benefícios. Concordo com minha participação no qual sou responsável e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE, EU TENHA SIDO FORÇADO/A OU OBRIGADO/A.

| | | | |
|--|-------|---------------|------------|
| Endereço do/a participante-voluntário/a: | | | |
| Domicílio: (rua, praça, conjunto): | | | |
| Bloco: | /Nº: | /Complemento: | |
| Bairro: | /CEP: | /Cidade: | /Telefone: |
| Ponto de referência: | | | |

| | | | |
|------------------------------------|-------|---------------|------------|
| Contato de urgência: Sr./a. | | | |
| Domicílio: (rua, praça, conjunto): | | | |
| Bloco: | /Nº: | /Complemento: | |
| Bairro: | /CEP: | /Cidade: | /Telefone: |
| Ponto de referência: | | | |

| |
|--|
| <p>ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao: Comitê de Ética e Pesquisa / PPGPE Av. Murilo Dantas, 300 – Bloco F – Térreo, Campus Farolândia Segunda à Sexta: das 14h às 18h E-mail: cep@unit.br</p> |
|--|

Maceió, _____ de _____ de 2020

| | |
|---|--|
| <p style="text-align: center;">_____</p> <p style="text-align: center;">Assinatura ou impressão datiloscópica do/a responsável legal e rubricar as demais folhas.</p> | <p style="text-align: center;">_____</p> <p style="text-align: center;">Cynara Maria da S.Santos</p> <p style="text-align: center;">_____</p> <p style="text-align: center;">Responsáveis pela pesquisa</p> |
|---|--|

**APÊNDICE B - DECLARAÇÃO DE CUMPRIMENTO DAS NORMAS DA
RESOLUÇÃO Nº 466/12**

Eu, _____, doutoranda da _____, e
Profa. Dra. _____, orientadora, somos pesquisadoras do projeto
intitulado “_____”, declaramos que nos
comprometemos em seguir fielmente os dispositivos da Resolução nº 466/12 do
Conselho Nacional de Saúde.

Maceió, _____ de _____ 2020.

Cynara Maria da Silva Santos
Doutoranda – INSTITUIÇÃO

ORIENTADOR

**APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO DE INVESTIGAÇÃO SOBRE A RELAÇÃO DOS
IDOSOS COM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS MÓVEIS COMO DISPOSITIVO DE
INCLUSÃO DIGITAL**



**UNIVERSIDADE TIRADENTES
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPE
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**QUESTIONÁRIO DE INVESTIGAÇÃO SOBRE A RELAÇÃO DOS IDOSOS COM
AS TECNOLOGIAS DIGITAIS MÓVEIS COMO DISPOSITIVO DE INCLUSÃO
DIGITAL**

Este questionário constitui um dos instrumentos utilizados para a geração de registros em função da pesquisa intitulada “Tecnologias Digitais Móveis como Dispositivo de Inclusão Digital do Idoso.

Participante: _____

Idade: _____ gênero: _____

Estado civil: _____

Nível de escolaridade: _____

Profissão: _____ Situação profissional: _____

1. Qual das atividades seguintes você costuma praticar?

a) atividades culturais/artísticas d) atividades profissionais

b) atividades de lazer e) viagens

c) atividades desportivas

2. Como você se relaciona com as tecnologias digitais móveis?

a) com muita facilidade d) com certa facilidade

- b) com dificuldade e) com muita dificuldade
- c) não faz uso desses recursos

3. Com que frequência utiliza esses artefatos fora de nossas atividades?

- a) frequentemente d) raramente
- b) algumas vezes e) quase nunca
- c) nunca

Caso não tenha marcado a opção c do item 2, marque as opções seguintes:

3.1. Qual a funcionalidade do celular ou do tablet em sua rotina?

- a) Apenas os aplicativos e sites de bate-papo.
- b) Realizar movimentações em contas bancárias.
- c) Atividades diversas.
- d) As três opções anteriores.
- e) Nenhuma das opções anteriores.

3.2. Assinale a(s) situações na(s) qual(is) se enquadram o uso que você faz dos dispositivos móveis.

- a) comunicação e socialização
- b) fotos e vídeos

- c) utilizar as redes sociais
- d) realizar comprar on-line
- e) assistir a programações e jogar

3.3. O uso dos dispositivos móveis favorece a sua rotina em algum dos aspectos abaixo relacionados?

- a) Facilita o contato com família e/ou amigos.
- b) Favorece a minha relação com a leitura e a escrita.
- c) Contribui para a minha formação educacional.
- d) Facilita o acesso a plataformas de marcação de consultas e exames.
- e) facilita o acesso à minha agência bancária.
- f) Todas as opções anteriores.
- g) Nenhuma das opções anteriores.
- h) Outros aspectos: _____

4. Qual/Quais a/as maiores dificuldades para o acesso a esses dispositivos?

- a) Dificuldade com as linguagens.**
 - b) Dificuldade em compreender o uso dos aplicativos.**
 - c) Dificuldade de acessar as redes sociais.**
 - d) Dificuldade em ler e compreender as mensagens compartilhadas.**
 - e) Outras:**
-
-

5. Qual a sua necessidade de aprendizagem sobre a influência dos dispositivos móveis na atual sociedade?

- a) Utilizar apenas para o entretenimento.**
 - b) Aprender a utilizar com mais prática para acessar plataformas de aprendizagem.**
 - c) Aprender a utilizar com mais prática para o entretenimento e para favorecer a aprendizagem da leitura e da escrita.**
 - d) Aprender a utilizar com mais prática para atividades importantes, como realizar operações bancárias e agendamentos de ordem médica.**
 - e) Aprender a utilizar com mais prática e, principalmente, de forma consciente, para realizar atividades importantes, informar-se e interagir nas redes sociais.**
 - f) Outras:**
-
-

6. Qual/Quais das atividades você considera importante para melhorar a sua relação com o mundo?

- a) O acesso aos jornais digitais para se informar sobre os fatos que ocorrem no mundo.**
- b) Assistir a videoaulas para desenvolver a aprendizagem sobre vários assuntos.**
- c) Conhecer a cultura de outros países do mundo.**

d) Participar de campanhas solidárias.

e) Outras:

7. De que modo as pessoas com a quais convive se relacionam com os dispositivos móveis?

a) utilizam com muita frequência d) raramente

b) algumas vezes e) quase nunca

c) nunca

Quais as suas expectativas em relação à aprendizagem a partir da participação nas oficinas?

ANEXOS

Tabela 3 – Comparativa em relação à idade do participante articulada a fatores relacionados ao processo de envelhecimento e suas variáveis

| TEXTOS EXTRAÍDOS DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS |
|---|
| <p>Ariadne – 69 anos</p> <p>PERFIL Gosta muito de viajar e fotografar.</p> |
| <p>SITUAÇÃO Portadora de uma doença degenerativa.</p> |
| <p>EXPECTATIVA Aprender a se comunicar nos meios digitais, principalmente para receber apoio moral nas ocasiões em que estava interna.</p> |
| <p>RESULTADOS ALCANÇADOS Sempre relatava sua satisfação em (“O que me salva” é ter aprendido a usar as redes sociais e o celular para me comunicar com os parentes e amigos durante as internações. - Aprendi a usar a câmara do celular nas oficinas e também a postar em suas redes sociais seus passeios. Aprendeu a usar o celular na oficina e sempre era muito grata por isso.</p> |
| <p>Afonso – 63 anos</p> <p>PERFIL Gosta muito de viajar e fotografar.</p> |
| <p>SITUAÇÃO</p> |
| <p>EXPECTATIVA Aprender sempre, a ponto de suspender os atendimentos esteticistas, às quintas-feiras, para não perder o horário da Oficina. Manter contato com a irmã, que mora na França, pela ligação de vídeo no WhatsApp, enviar fotos...</p> |
| <p>RESULTADOS ALCANÇADOS Aprendeu a utilizar seu dispositivo móvel para se comunicar com a irmã.</p> |

* Temos reportagem sobre isso na TV Gazeta, fez a ligação ao vivo. “Aprendi a usar a câmara do celular nas oficinas e também a postar em suas redes sociais seus passeios
Aprendeu a usar o celular na oficina e sempre era muito grata por isso.

Ariel – 81 ANOS

PERFIL

Participava das oficinas (E das aulas de Espanhol) juntamente com o marido. E, mesmo depois da perda de seu esposo, continuou participando das oficinas.

SITUAÇÃO

Participava das oficinas (E das aulas de Espanhol) juntamente com o marido. E, mesmo depois da perda de seu esposo, continuou participando das oficinas.

EXPECTATIVA

Falava “Agora é que eu preciso aprender mais ainda a usar o celular para não me sentir tão só.”

Aprender a explorar os recursos digitais para aprender a segunda língua visando a intensificar seus estudos.

RESULTADOS ALCANÇADOS

Ângela - 62 anos

PERFIL

Levava um caderno para anotar todas as aulas, para que, em casa, pudesse relembrar o passo a passo das orientações. Sempre tinha a necessidade de escrever tudo no caderno para colocar em prática no celular.

SITUAÇÃO - EXPECTATIVA - RESULTADOS ALCANÇADOS.

APÊNDICE B - Resultado dos Questionários Aplicados com os Alunos

Gráfico 1 - Representação dos questionários aplicados aos alunos Idade dos Participantes

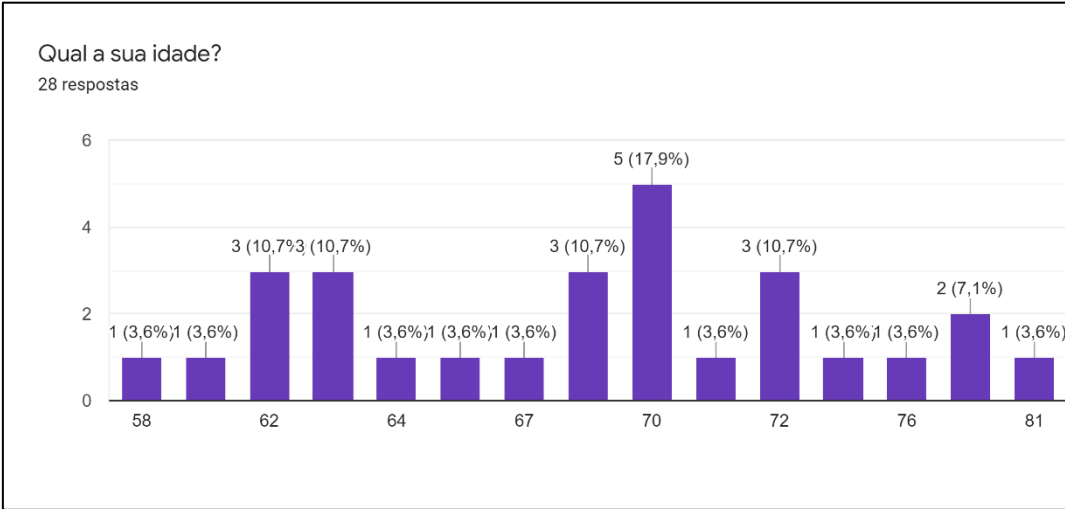


Gráfico 2 -

Representação dos questionários aplicados aos alunos

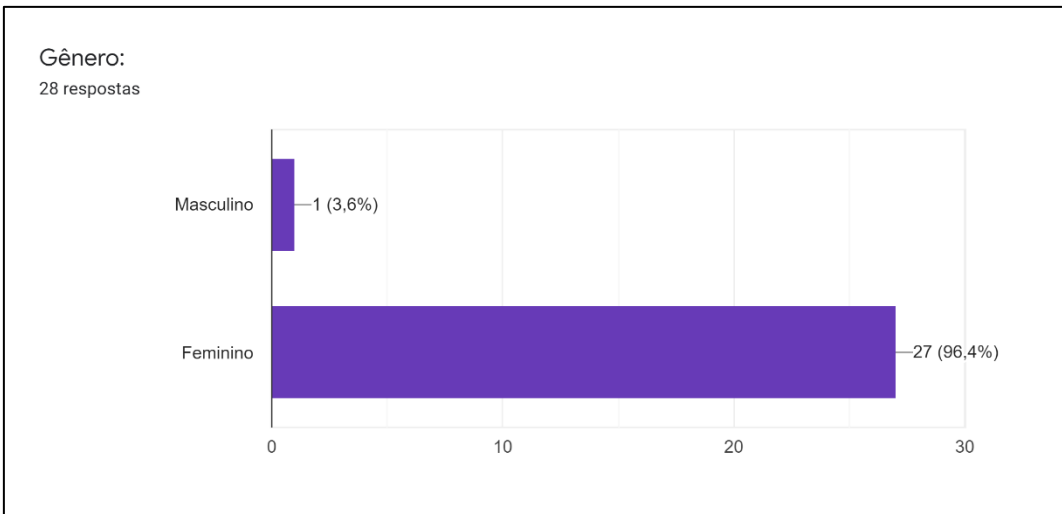


Gráfico 3 - Representação dos questionários aplicados aos alunos

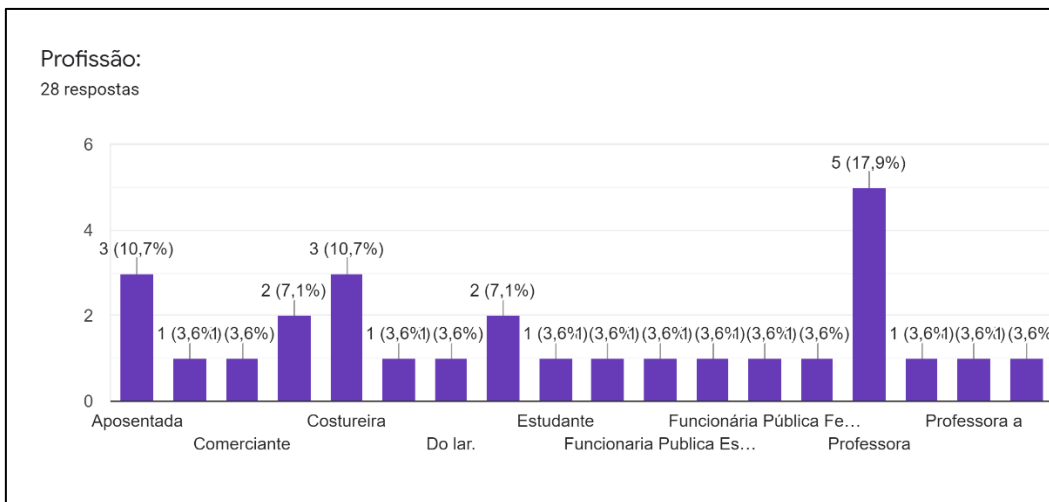


Gráfico 4- Representação dos questionários aplicados aos alunos

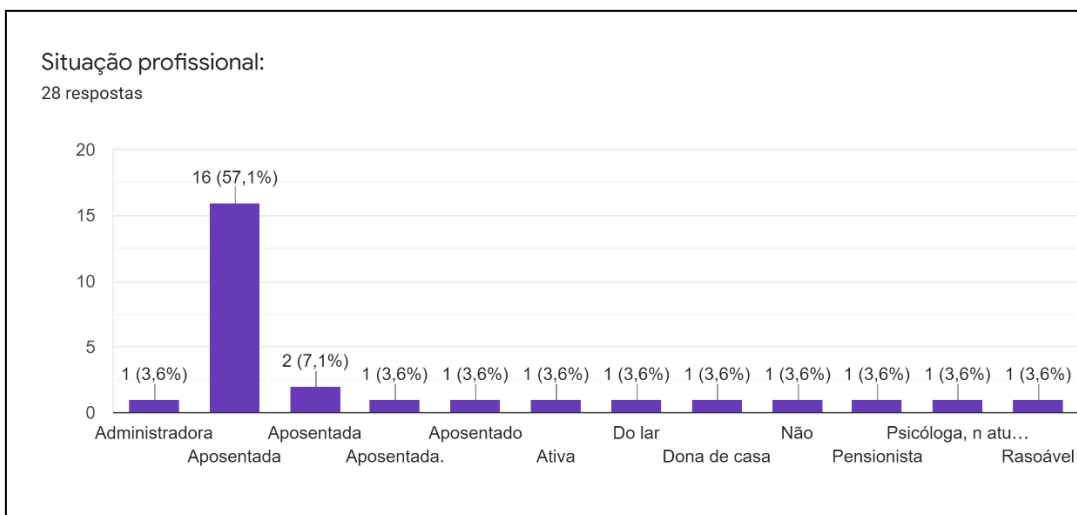


Gráfico 5 - Representação dos questionários aplicados aos alunos

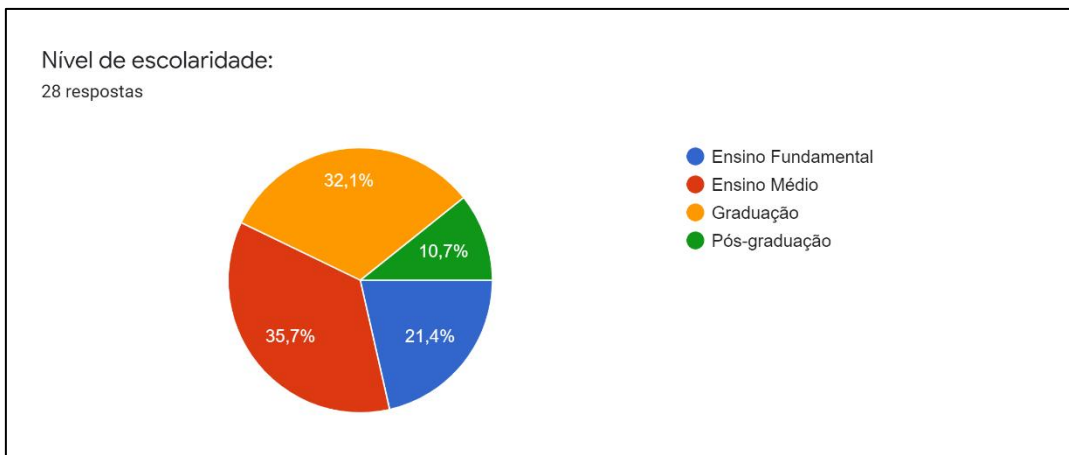


Gráfico 6 - Representação dos questionários aplicados aos alunos

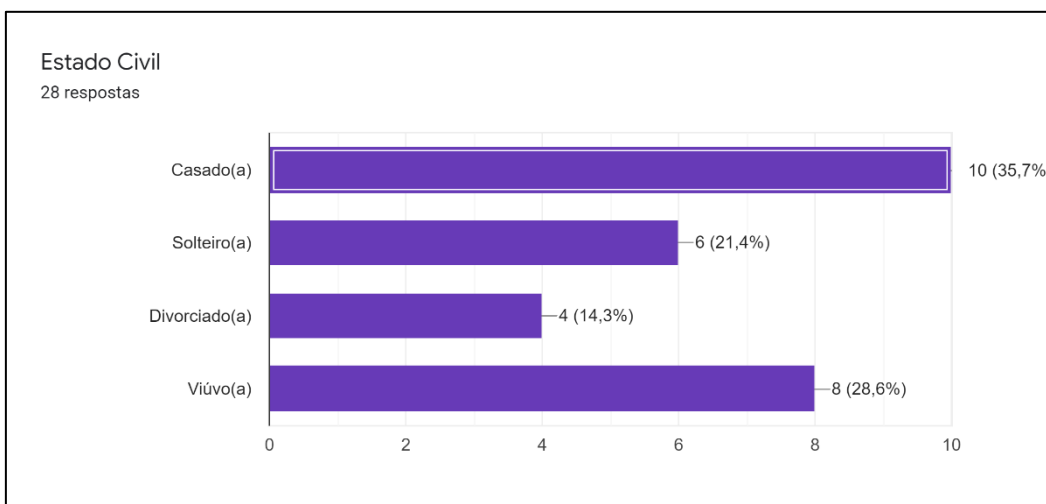


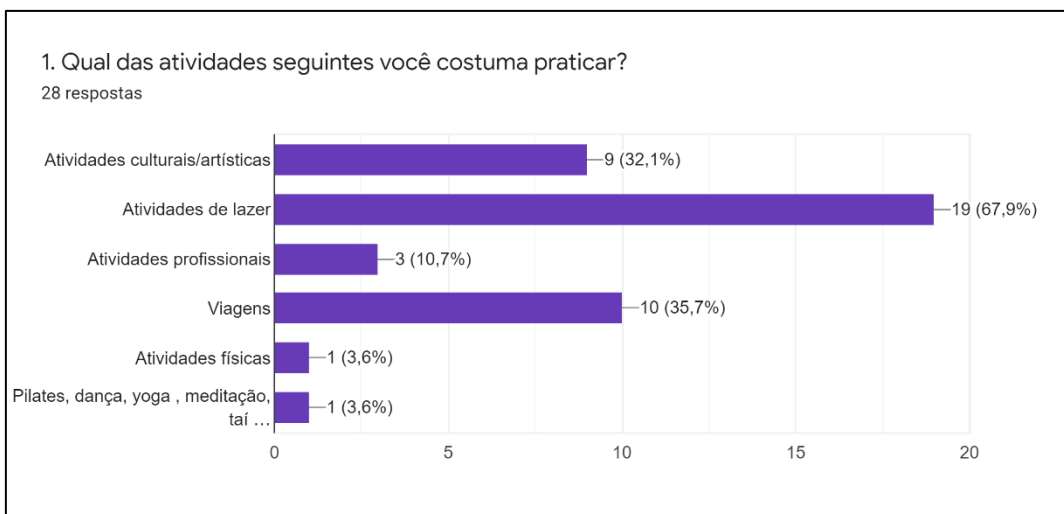
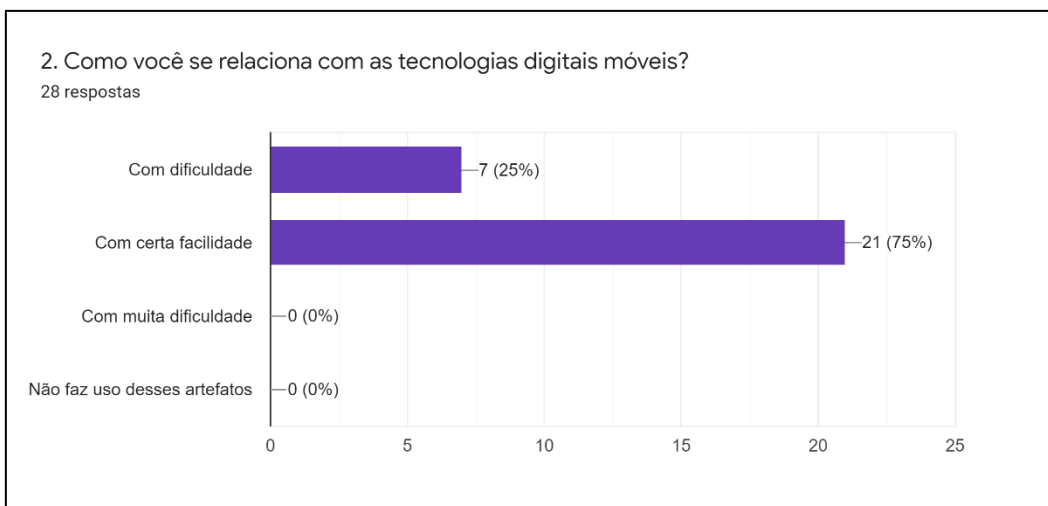
Gráfico 7 - Representação dos questionários aplicados aos alunos**Gráfico 8 - Representação dos questionários aplicados aos alunos**

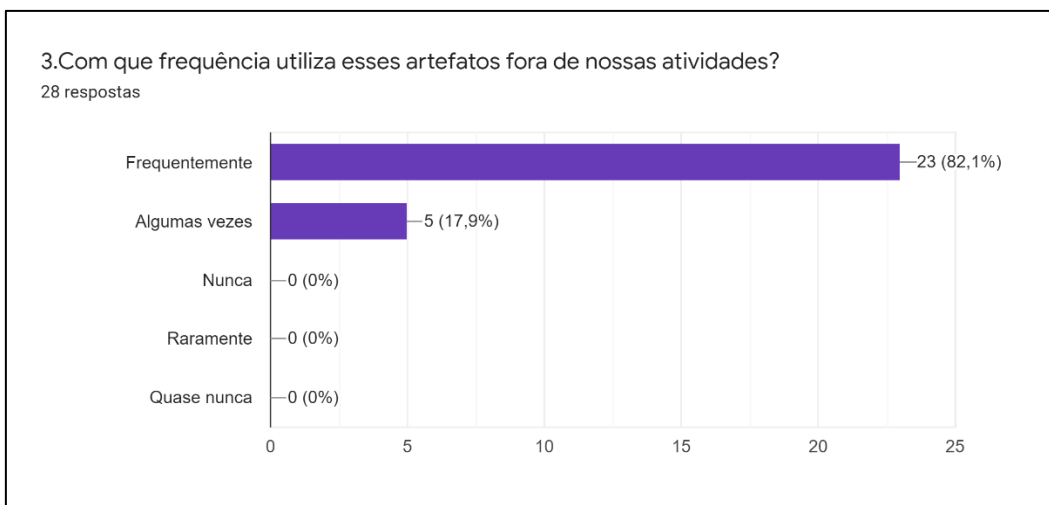
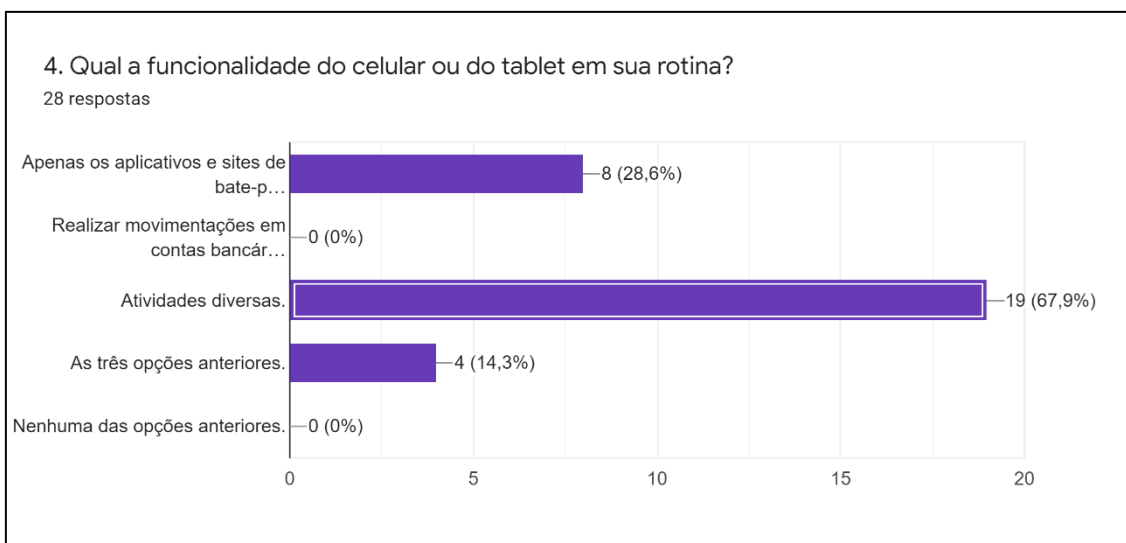
Gráfico 9 - Representação dos questionários aplicados aos alunos**Gráfico 10 - Representação dos questionários aplicados aos alunos**

Gráfico 11- Representação dos questionários aplicados aos alunos

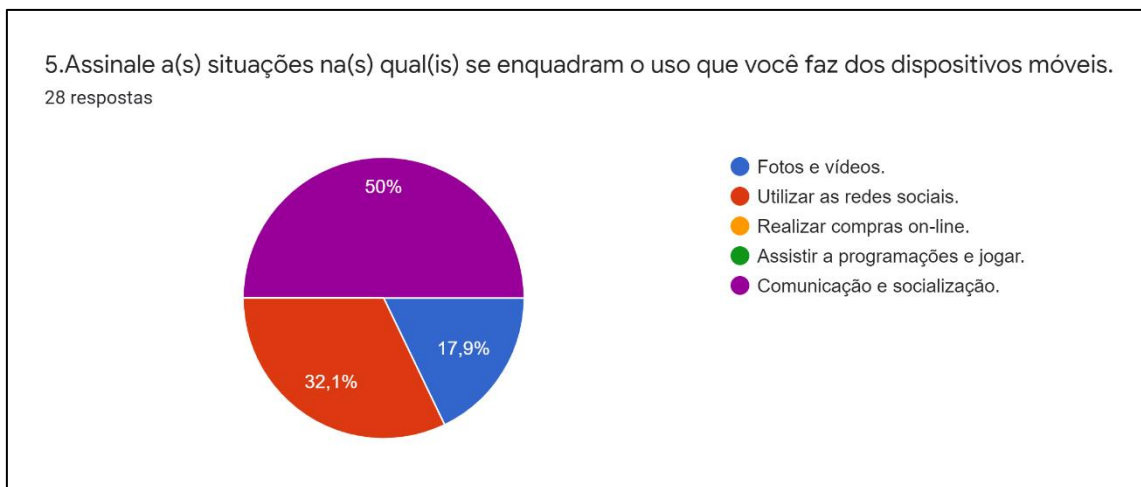


Gráfico 12 - Representação dos questionários aplicados aos alunos

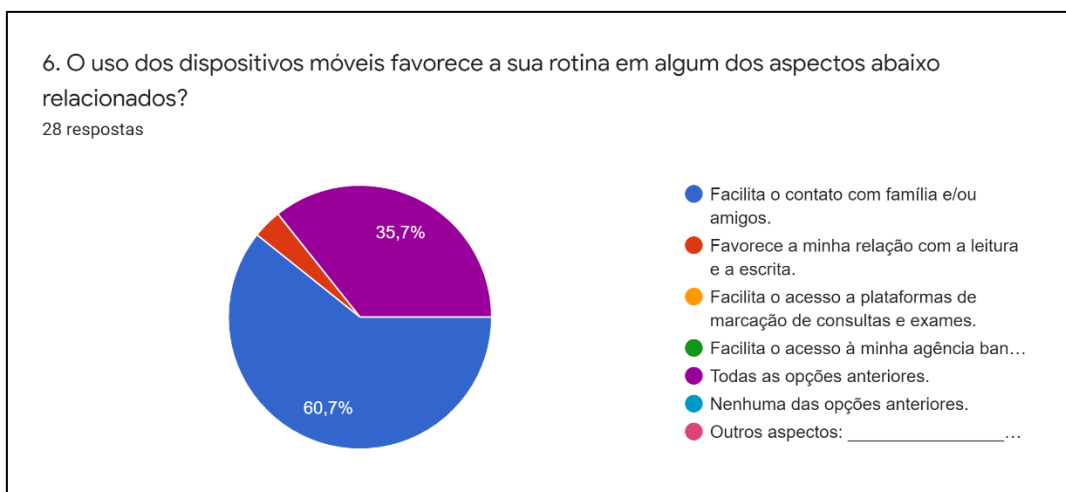


Gráfico 13 - Representação dos questionários aplicados aos alunos

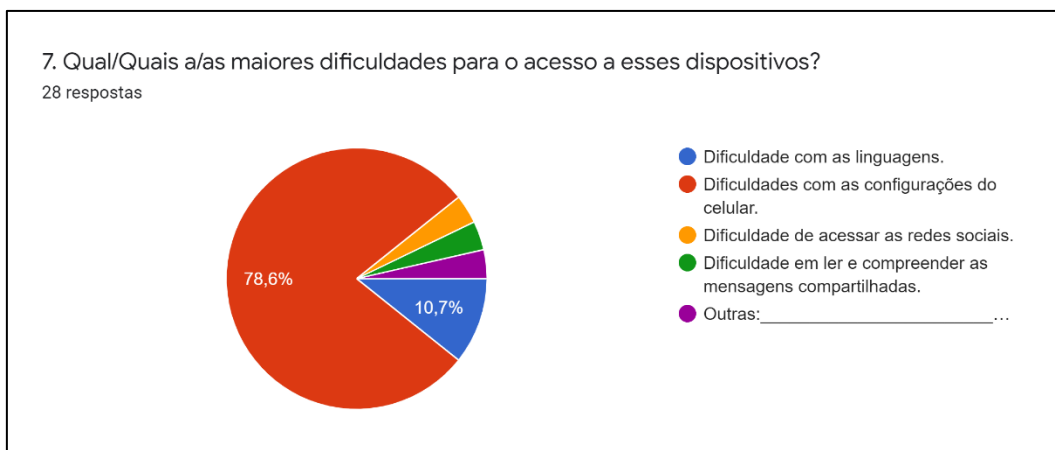


Gráfico 14 - Representação dos questionários aplicados aos alunos

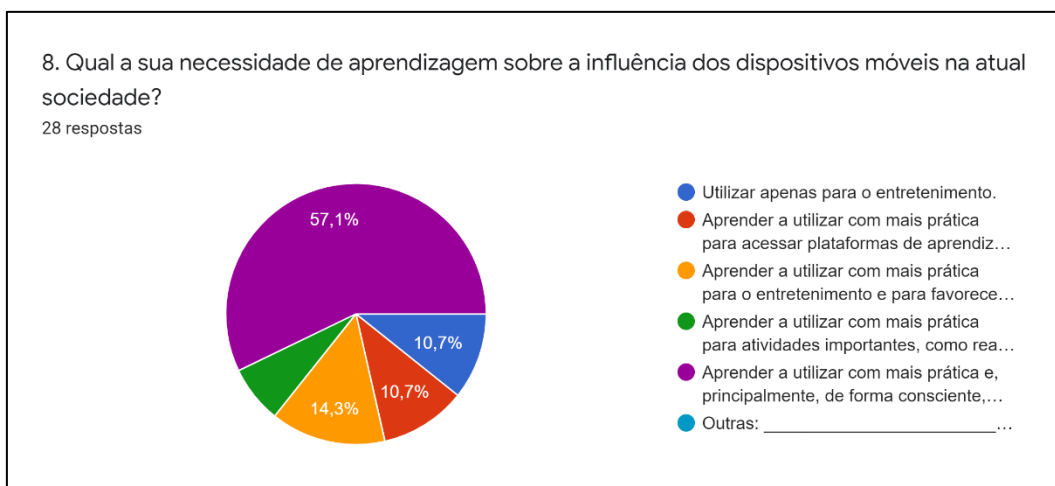


Gráfico 15 - Representação dos questionários aplicados aos alunos

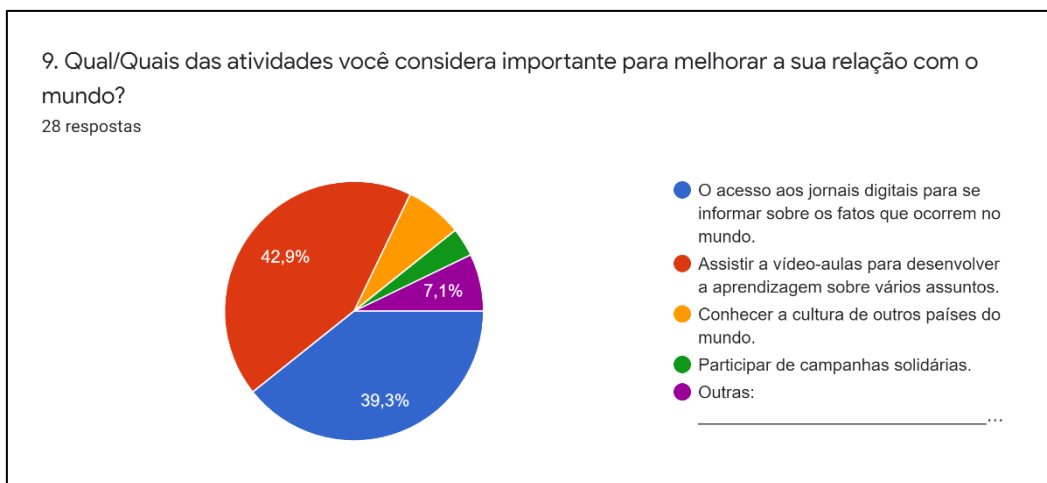


Gráfico 16 - Representação dos questionários aplicados aos alunos

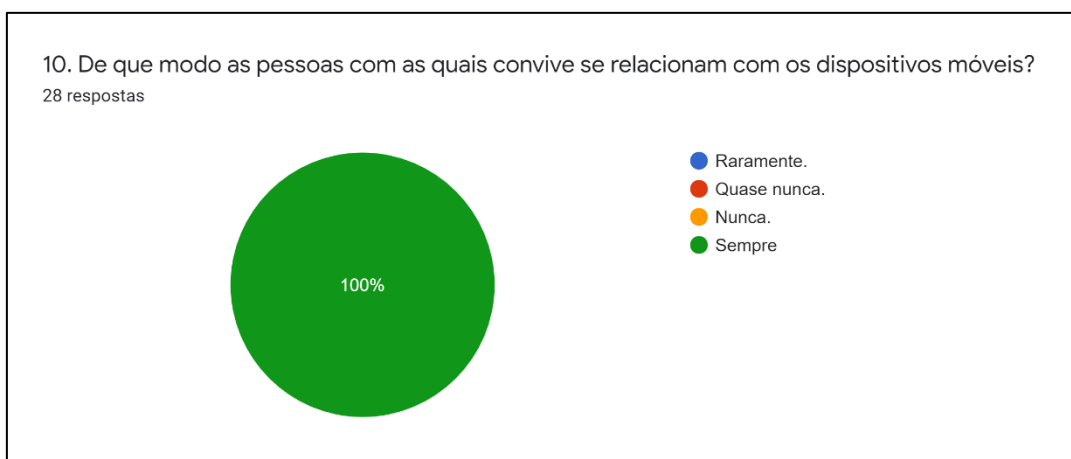


IMAGEM 1 – MATERIAL PRODUZIDO POR UM APARTICIPANTE NO CONTEXTO DAS AULAS

Diário das Oficinas

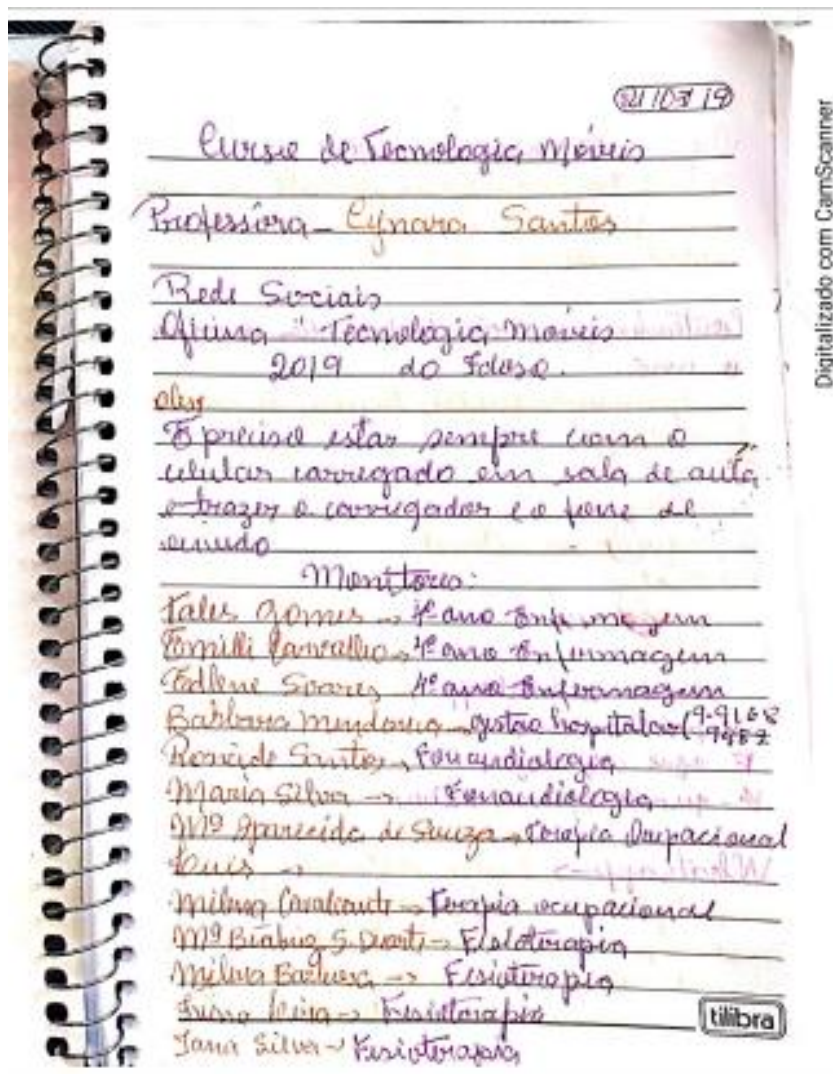


IMAGEM 2 – MATERIAL PRODUZIDO POR UM APARTICIPANTE NO CONTEXTO DAS AULAS

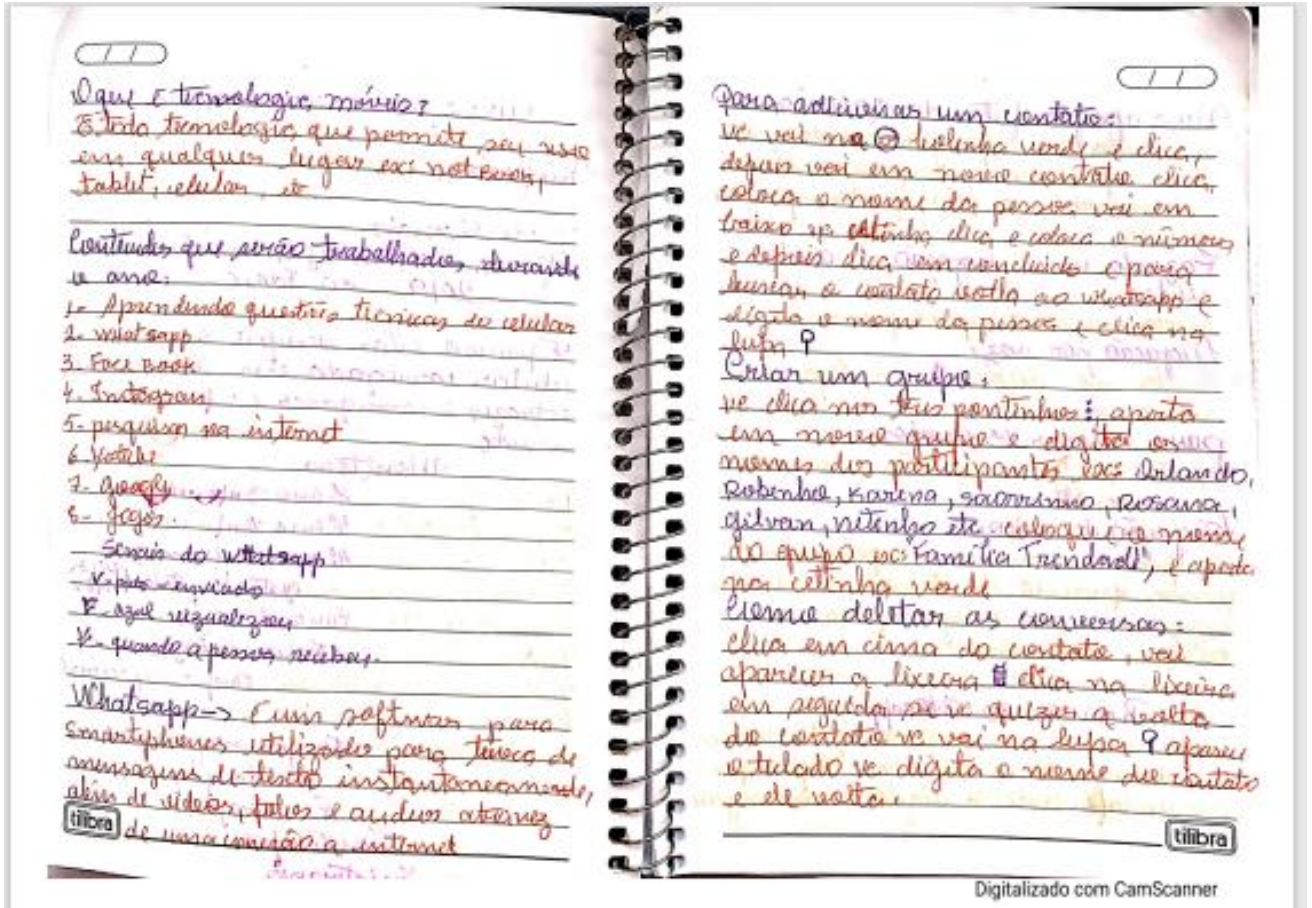


IMAGEM 3 – MATERIAL PRODUZIDO POR UM APARTICIPANTE NO CONTEXTO DAS AULAS

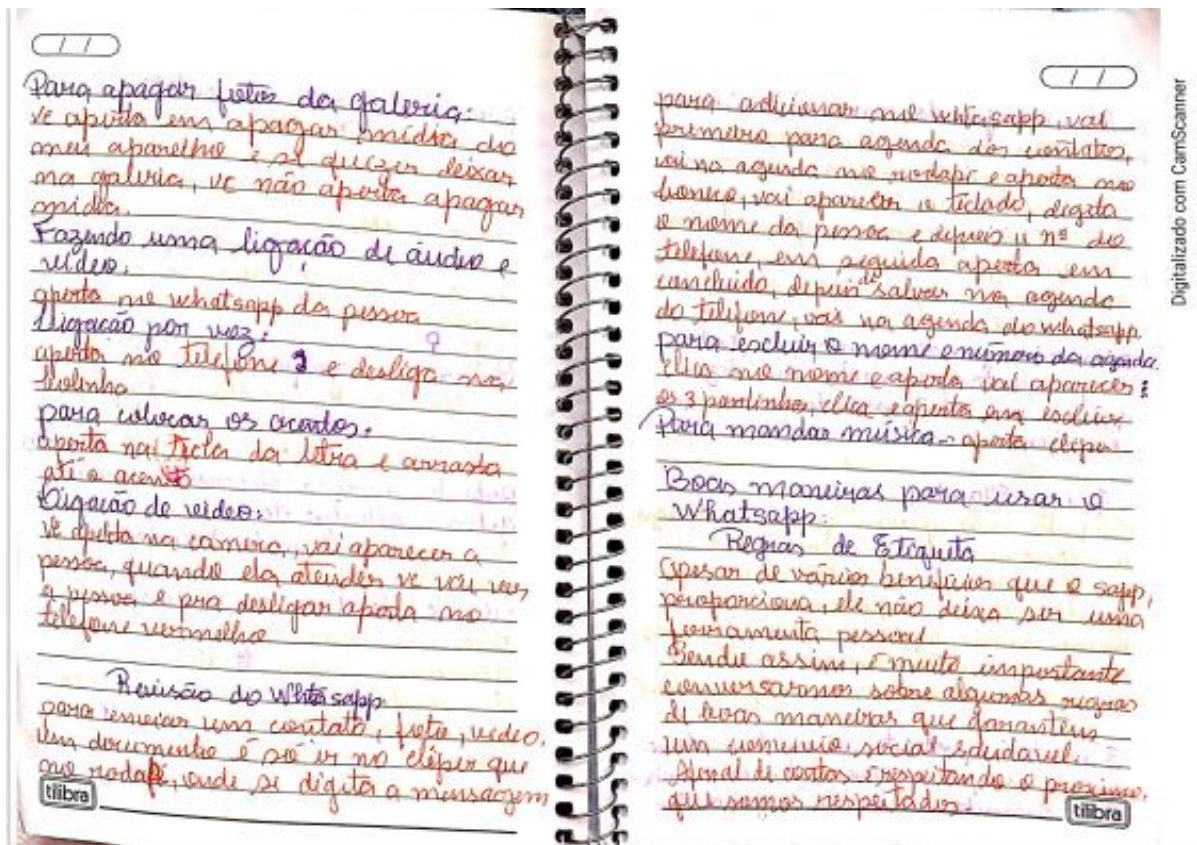


IMAGEM 4 – MATERIAL PRODUZIDO POR UM APARTICIPANTE NO CONTEXTO DAS AULAS – DIÁRIOS DAS OFICINAS

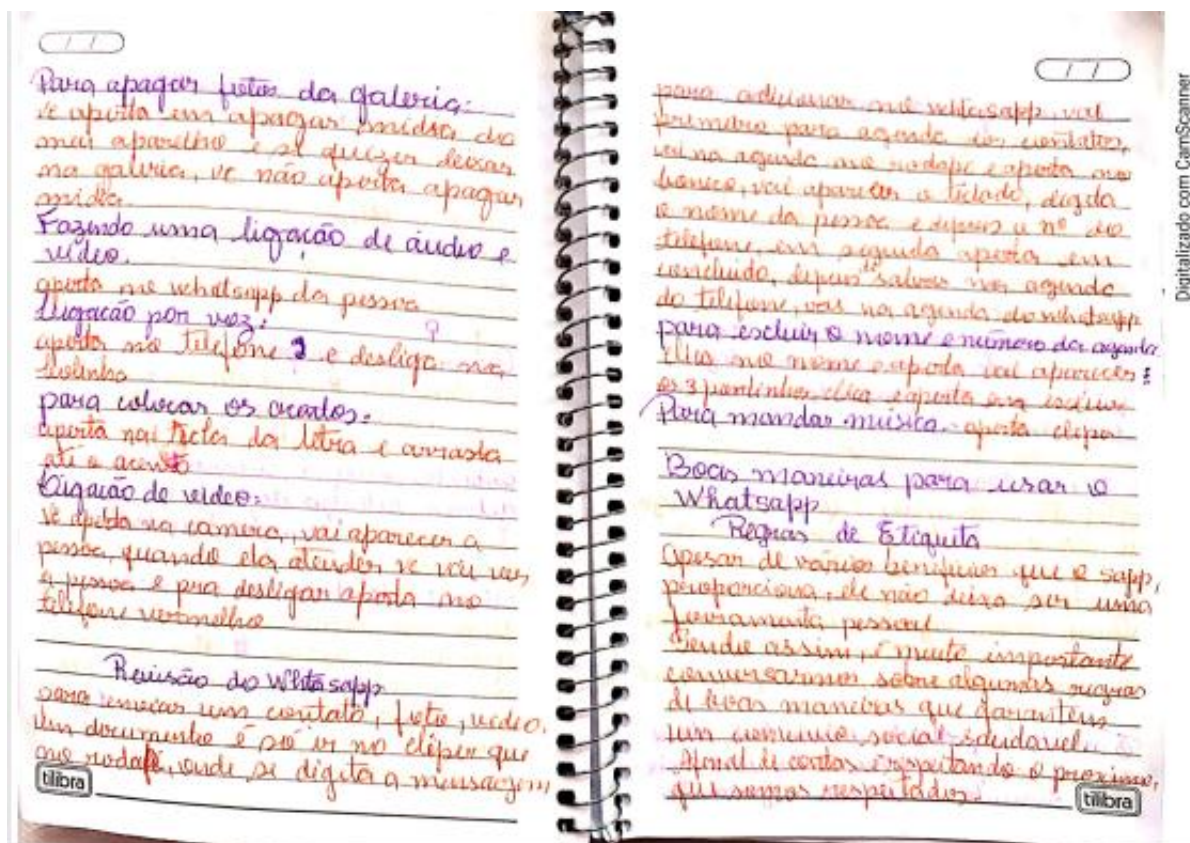


IMAGEM 5 – RECORTES DA MATÉRIA FEITA PELA AGÊNCIA ALAGOAS

www.agenciaalagoas.al.gov.br/noticia/item/29775-oficina-na-uncisal-oferece-inclu

TERCEIRA IDADE

Oficina na Uncisal oferece inclusão de idosos ao universo da tecnologia

Curso faz parte do Programa de Extensão Universidade Aberta à Terceira Idade (Uncisati)

Compartilhe:  Facebook  Twitter



Monitor Thales Lu's acompanha a evolução da aluna Lúcia de Fátima durante a oficina Assim Uncisal

Texto de João Roberto Andrade


Fonte: <http://www.agenciaalagoas.al.gov.br/noticia/item/29775-oficina-na-uncisal-oferece-inclusao-de-idosos-ao-universo-da-tecnologia>

IMAGEM 6 – RECORTES DA MATÉRIA FEITA PELA AGÊNCIA ALAGOAS

genciaalagoas.al.gov.br/noticia/item/29775-oficina-na-uncisal-oferece-inclusao-de-idosos-ao-

APRENDER

A aposentada Creuza Gomes Toledo, de 79 anos, é veterana na oficina. Ela participou da primeira turma de Redes Sociais em 2015 e conta que aprendeu muito com as aulas e, após anos, sentiu saudades e decidiu retornar para a Uncisal.



“Achei que deveria voltar para aprender novas coisas, com novos aplicativos. Aprendi a enviar mensagem, efetuar pagamentos pelo celular, enviar fotos, mexer no *Instagram* etc. Tudo isso foi gratificante. Meu contato com meus familiares aumentou bastante”, conta.

Já Lucia de Fátima, 61, é uma novata. Participou do curso de meditação e conta que ficou encantada. “Vim através de uma colega minha. Eu não sabia muita coisa sobre redes sociais, e aqui nas aulas pude aprender muitas coisas. Para mim foi maravilhoso, cada dia aprendo algo a mais. Hoje aprendi sobre como enviar minha localização e colocar foto de perfil no *Whatsapp*”, disse.

- Coronavírus
- Ação Social
- Cultura
- Economia
- Educação
- Emprego
- Esporte e Lazer
- Infraestrutura
- Inovação
- Justiça
- Meio Ambiente
- Saúde
- Direitos Humanos
- Desenvolvimento
- Ressocialização
- Segurança
- Serviços
- Turismo
- Agricultura
- Pinheiro

Fonte: <http://www.agenciaalagoas.al.gov.br/noticia/item/29775-oficina-na-uncisal-oferece-inclusao-de-idosos-ao-universo-da-tecnologia>

IMAGEM 7 – RECORTES DA MATÉRIA FEITA PELA AGÊNCIA ALAGOAS

agenciaalagoas.al.gov.br/noticia/item/29775-oficina-na-uncisal-oferece-incl

Já Lucia de Fátima, 61, é uma novata. Participou do curso de meditação e conta que ficou encantada. "Vim através de uma colega minha. Eu não sabia muita coisa sobre redes sociais, e aqui nas aulas pude aprender muitas coisas. Para mim foi maravilhoso, cada dia aprendo algo a mais. Hoje aprendi sobre como enviar minha localização e colocar foto de perfil no *Whatsapp*", disse.

ENSINAR

A oficina possui 14 monitores, que se dividem em rodízios para acompanhar os idosos, e para ensinar um pouco a eles sobre as redes sociais. Barbara Camila Barbosa, 26, acadêmica de Gestão Hospitalar, é uma das alunas da Uncisal que acompanham os idosos nas aulas.



Ela conta que o principal ensinamento é a interação que os monitores constroem com o público idoso. "Exercitamos a nossa escuta e a nossa paciência, pois cada um deles tem um ritmo diferenciado, por isso, à medida que nós ensinamos, temos

Fonte: <http://www.agenciaalagoas.al.gov.br/noticia/item/29775-oficina-na-uncisal-oferece-inclusao-de-idosos-ao-universo-da-tecnologia>

IMAGEM 8 – RECORTES DA MATÉRIA FEITA PELA AGÊNCIA ALAGOAS

agenciaalagoas.al.gov.br/noticia/item/29775-oficina-na-uncisal-oferece-inc

O graduando do 4º ano de Enfermagem, Thales Luís dos Santos, 20, conta que sua percepção sobre pessoas idosas mudou após participar como monitor nessa oficina da Uncisal. “Nós monitores aprendemos a ter um carinho a mais pelas pessoas da terceira idade. Além disso, trabalhamos em nós mesmos a nossa capacidade de transmitir o conhecimento. Desenvolvemos áreas que não tínhamos explorado ainda. Levamos para nossa vida profissional, uma mudança pessoal, pois o que são pequenas coisas para nós, para eles é uma grande descoberta. Isso nos transforma, renova nossas energias”, conta.

A OFICINA

As aulas ocorrem às quintas-feiras, das 14h às 16h, na sala 116 (localizada no primeiro andar do prédio sede da Uncisal). Além da entrega de certificados, é realizada formatura para todos os formandos das oficinas que compõem a Uncisal.



Os idosos que queiram participar precisam se inscrever após a abertura do Edital, que ocorre todo início do ano. Já os acadêmicos devem se inscrever por meio do

Fonte: <http://www.agenciaalagoas.al.gov.br/noticia/item/29775-oficina-na-uncisal-oferece-inclusao-de-idosos-ao-universo-da-tecnologia>